

★
D Galeras,
Paqueras

&



Solteiras
Felizes

Cathy Hopkins

OM
MELHORAMENTOS



Galeras,
Paqueras
&
Solteiras
Felizes



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

Cathy Hopkins vive em um bairro residencial de Londres com seu
lindo marido e três gatos loucos. Ou é o contrário
— seus gatos lindos e o marido louco? Ela tem 20 livros
publicados, incluindo os livros da série Galeras, Paqueras,
e continua escrevendo para seus jovens leitores. Antes de
se dedicar inteiramente à carreira de escritora,
Cathy trabalhou como terapeuta ocupacional, roteirista,
crítica de jornal e aromaterapeuta.

Escrever a série “Galeras e Paqueras” é com certeza o
trabalho mais divertido que já fez, pois ela teve a chance
de reviver seus 14 anos e pôde fazer todo tipo de coisa em
nome da pesquisa — ler todas as revistas para garotas, consultar
todos os sites pra adolescentes e assistir aos mais divertidos seriados
da TV, como *Buffy*, a caça-vampiros, e *Friends*.

Mesmo assim, continua procurando por respostas para
perguntas do tipo: “Por que estou aqui?”, “De onde vim?”
e “Do que se trata tudo isso?”. Sem contar que ainda não
encontrou o cabeleireiro perfeito.

Títulos da série

Galeras, Paqueras & Sutiãs Infláveis
Galeras, Paqueras & Beijos Cósmicos
Galeras, Paqueras & Princesas Descoladas
Galeras, Paqueras & Segredos de Pijama
Galeras, Paqueras & Solteiras Felizes
Galeras, Paqueras & Pequenos Pecados
Galeras, Paqueras & Charme Poderoso
Galeras, Paqueras & Doces Vinganças

Cathy Hopkins

Galeras,
Paqueras
&
Solteiras
Felizes

Imensos agradecimentos a Brenda Gardner, Yasemin Uçar e à equipe da Picadilly, por todo o seu suporte e retorno. A Rosemary Bromley, da Juvenelia. E a Alice Elwes, Becca Crewe, Jenni Herzberg, Rachel Hopkins, Annie McGrath e Olivia McDonnell, por todos os *e-mails* em resposta às minhas perguntas. Também a Seeta Kadam, que me enviou duas cartas muito amáveis, mas sem endereço para resposta.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Hopkins, Cathy

Galeras, paqueras & solteiras felizes / Cathy Hopkins ; [tradução Frank de Oliveira ; ilustrações Roberto Alvarenga]. — São Paulo : Editora Melhoramentos, 2006. — (Galeras e paqueras)

Título original: *Mates, dates and Sole survivors*.

ISBN 85-06-04700-5

1. Literatura infanto-juvenil I. Alvarenga, Roberto. II. Título. III. Série.

05-9918 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático

1. Literatura infanto-juvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

© 2002 Piccadilly Press Ltd.,

5 Castle Road, London NW1 8 PR

© 2002 Cathy Hopkins

Todos os direitos reservados

Título original: *Mates, Dates and Sole Survivors*

Tradução: Frank de Oliveira

Ilustrações: Roberto Alvarenga

Diagramação: Bruno Weiszflog

Direitos de publicação:

© 2006 Editora Melhoramentos Ltda.

1ª edição — janeiro de 2006

ISBN: 85-06-04700-5

Impresso no Brasil

Atendimento ao consumidor:

Caixa Postal 11541 — CEP 05049-970 — São Paulo — SP — Brasil

Impressão e Acabamento: Quebecor World São Paulo

CONTRA CAPA

Fiquei observando Daniel se afastar. Ele não parou de se virar para trás e acenar para mim até desaparecer ao virar a esquina. Um momento depois, meu celular acusou uma mensagem de texto dele.

— Estão vendo o que eu quero dizer? Ele é tão meigo. Paola dirigiu a Izzie um daqueles “olhares”. Elas estavam falando de mim, pensei. Você não anda com suas amigas tanto tempo como eu faço sem aprender a sacar coisas que não estão sendo ditas.

Lucy parece estar numa situação difícil. Todo mundo tem namorado, menos ela, e, por ter colocado Tony em segundo plano, ele encontrou outra pessoa. Então, num final de semana num “spa” com Izzie, Lucy conhece alguém que parece ser seu par ideal. E ele se sente do mesmo jeito em relação a ela. Mas, depois de um tempo, Lucy começa a se sentir sufocada. Pode alguém amar você demais? Talvez a vida de solteira não seja tão ruim, afinal.

Galeras, Paqueras &:

Sutiãs Infláveis

Solteiras Felizes

Beijos Cósmicos

Pequenos Pecados

Princesas Descoladas

Charme Poderoso

Segredos de Pijama

Doces Vinganças

“Ficção para adolescentes escrita de maneira intensa.”

Publishing News, Inglaterra

Capítulo 1



Férias de verão

— Este deve ser o melhor sentimento do mundo — eu disse a Paola, enquanto saíamos pelos portões da escola no último dia do semestre.

— Eu sei — ela concordou. — Seis semanas sem a Sra. Watkins... Seis semanas fabulosas com o Simon, antes que ele vá para a faculdade.

— E seis semanas com o Ben, só para mim — disse Izzie, dando o braço a Paola. — Nós vamos trabalhar num monte de músicas para a banda, agora que temos tempo.

— E eu suponho que vamos ver você bastante na nossa casa — disse à TJ. Ela vinha saindo com meu irmão mais velho, Steve, nas últimas semanas, e os dois estavam muito empolgados.

— E você, Lucy? — perguntou Paola. — Vai dar uma folga ao meu pobre irmão finalmente? Você está enrolando ele há meses. Acho que o ego dele não vai suportar mais.

Seis semanas com o Tony? A idéia era atraente, e eu reconhecia que estava finalmente pronta para um relacionamento “apropriado” com ele. Nós gostávamos um do outro havia décadas e,

antes, no começo do ano, tínhamos saído juntos durante um tempo, mas aí eu terminei porque senti que tudo estava indo rápido demais. Depois disso, houve muito flerte sempre que nos víamos na casa da Paola, e ele me chamou para sair mais algumas vezes, mas eu disse “não”. Não é que eu não quisesse namorá-lo. Ele é lindo e engraçado, e eu adoro sua companhia; é que ele tem uma “reputação” quando se trata de meninas... A Paola havia me avisado que era uma garota por semana. Ela disse que ele gostava da caça, e largava as garotas no momento em que percebia que elas estavam interessadas. Então eu tinha de jogar com cuidado, senão, a essa altura, já estaria em sua longa lista de rejeições e corações partidos. Mas já fazia quase nove meses que eu o havia conhecido e ele continuava a tentar, dizendo que eu era a única garota para ele, o amor da sua vida. Eu pensei: “Posso confiar que ele não vai pisar na bola comigo”.

Abri um sorriso e puxei um envelope da mochila.

— Eu sei — eu disse. — Ultimamente, tenho pensado muito sobre ele. E finalmente cheguei a uma decisão.

— Qual? — perguntou Paola.

— Escrevi um cartão, dizendo que não vou mais brincar com ele. Que gosto dele de verdade e que agora vamos ficar juntos pra valer.

— Já era hora — disse TJ. — Não sei como você conseguiu ficar tão tranqüila por tanto tempo. Acho que eu já teria caído aos pés dele na primeira vez que ele me chamasse para sair. — Então sua expressão ficou séria. — Áhn, espere, não quero dizer que eu o roubaria de você ou algo do gênero, só estou dizendo que eu o acho lindo.

Apertei seu braço.

— Eu sei o que você quer dizer, TJ. Mas garotos como o Tony gostam de desafios.

— Tudo bem, mas foi quanto tempo? — perguntou. — Oito... nove meses que você fez ele sofrer? Reconheço que isso é um desafio para qualquer garoto.

— Mal posso acreditar — disse Izzie. — No ano passado, nenhuma de nós tinha namorado. Neste ano, todas nós temos.

— Ainda não é definitivo — eu disse.

— Nessa época, no ano passado, eu nem tinha sido beijada — disse TJ.

— E agora ninguém consegue parar você — caçoou Paola. — Rainha Beijadora de North London.

Nessa época, no ano passado, eu tampouco tinha sido beijada. Meu primeiro beijo foi com Tony. Essa é outra razão para eu querer ir devagar. Não queria me amarrar ao primeiro garoto que eu beijasse. Queria tentar mais uns outros e ver como eles eram. Já tinham existido alguns “outros” a essa altura. Ninguém importante ou sério. Na verdade, ninguém que chegasse perto do Tony. Ele ainda produz o mesmo efeito em mim toda vez que o vejo. Sinto um frio na barriga, me dá um calor e meu rosto fica cor-de-rosa.

— Você não está fazendo isso só porque seria a única excluída? — perguntou Izzie, apontando para minha carta.

— Mas eu sou a excluída — provoquei. — Você é toda alta e bronzeada, de cabelos longos, e eu sou pequena e loira, de cabelo curto.

— Não. Eu sou a excluída — insistiu Paola. — Sou a única com a pele escura.

— Não, eu sou... — começou TJ.

— Eu quis dizer a única sem um garoto — interrompeu Izzie.

— Não, claro que não — eu disse. — Eu acho que agora estou pronta e quero ver no que vai dar. Para dizer a verdade, comecei a

achar que talvez estivesse enrolando e jogando com ele porque estava com medo da rejeição. Você sabe como ele é...

Izzie fez que sim com a cabeça.

— É, você está certa. Você não pode deixar o medo segurar você.

— Eu estava lendo um livro — disse TJ. — É de um cara chamado D.H. Lawrence, sobre uma dama elegante que se apaixona pelo jardineiro.

— Aqueles livrinhos água-com-açúcar? — perguntou Paola.

Eu ri. Típico da Paola. Sua idéia de leitura é folhear revistas de coisas sobre moda e artistas da televisão. TJ, por outro lado, devora livros — livros de verdade. É por isso que ela sai com meu irmão Steve. Ele também é um pouco geninho.

— Ähn? Não, não tem nada a ver com esses romancezinhos — disse TJ —, mas é uma história de amor. Chama-se *O Amante de Lady Chatterley*. Enfim, tem uma parte que eu gosto muito. Vocês querem ouvir?

Todas confirmaram.

— Eu não sei se é exatamente isso — ela disse —, já que não fui eu que escrevi, mas é algo do tipo: melhor uma vida de riscos e oportunidades do que uma vida inteira de arrependimento.

— É, legal — disse Paola. — Vou comprar essa idéia. Você não chega a lugar algum se não lutar por isso.

— Sinta medo e vá em frente mesmo assim — disse Izzie, citando o título de um dos livros de auto-ajuda que ela tanto adora.

— Então, o que você disse no cartão? — perguntou Paola.

— Isso é assunto da Lucy — disse Izzie. — Não seja tão curiosa.

Paola fez cara de ofendida e mostrou a língua para a Izzie.

— Eu não estava sendo. Estava sentindo o medo e fazendo a minha pergunta. Você não descobre nada se não pergunta aquilo que quer saber. Então... vamos, Lucy, conta pra gente o que você disse.

Eu sabia o bilhete de cor, pois o escrevi e reescrevi muitas vezes. Queria que soasse da forma correta... despojado, mas romântico, para que ele o visse como algo a que pudesse recorrer a fim de se lembrar de nós.

— Fiz como aqueles poemas japoneses — eu disse. — Vocês sabem, aqueles com somente três linhas que nós fizemos na aula de inglês no semestre passado. Os haicais.

— Hai... o quê? — Perguntou Paola.

— Haicais. E assim que se chamam esses poemas.

— Que seja — disse Paola. — Então, o que você escreveu no seu haicai-num-cai?

— “Não mudo. Ajusto a vida. Eu sou de você”.

— Ahh — disse TJ. — Que meigo.

— É — disse Izzie. — Você devia aparecer e ajudar a banda com suas letras. E o que mais você pôs?

— Depois escrevi: “Desculpe por enrolar você durante o ano passado, mas agora estou pronta. Sei que temos algo muito especial e quero lutar por isso. Me liga”. Eu queria deixar a coisa leve, entendem?

— Parece perfeito — disse TJ.

Respirei fundo e, quando passamos pelo correio, enviei o cartão.

— Eu e a Sra. Chatterley. Sem uma vida de arrependimentos para nós. Pedi uma entrega rápida, para que ele recebesse pela manhã. *Gulp*. Agora não tem volta.

— Vai dar tudo certo — disse TJ. — Eu acho que vocês vão formar um lindo casal e nós poderemos fazer várias coisas juntos... jogar tênis, ir ao cinema, vai ser ótimo.

— Tudo bem — disse Izzie. — Agora o problema da Lucy está resolvido. Mas há mais coisas na vida do que garotos. Vamos estabelecer outras metas para as férias de verão.

Típico da Iz! Ela está sempre estabelecendo metas e alvos, e

insiste para que a gente faça a mesma coisa. Ela diz que é importante para ajudar a pensar no que se quer da vida, e então visualizar as coisas acontecendo. Visualizei Tony e eu nos divertindo. Meu primeiro relacionamento de verdade. Seria o máximo! Sem se preocupar sobre onde os garotos estariam e o que estariam fazendo. Ou se você gostava de verdade dele e se ele gostava de verdade de você. Ou se ele vai ligar, ou se você é quem deveria ligar... Seria bom sossegar por um tempo. Todas nós. Poderíamos simplesmente curtir estarmos umas com as outras, saindo em casais e ninguém tendo de se preocupar se alguém estava sozinho.

— E então? — perguntou Izzie, olhando para todas nós, quando chegamos ao ponto de ônibus. Não há como discutir com a Iz quando ela está no meio de uma de suas campanhas do tipo “Vamos melhorar a nós mesmas”. — E então, garotas, quais são as metas para as férias de verão?

— Metas são para o Ano Novo — disse Paola, jogando o cabelo para trás. — Você as estabelece no dia 1º de janeiro e desiste delas por volta do dia 10.

— Está bem, eu tenho quatro — eu disse. — Número um: sair com vocês o quanto for possível. Dois: vocês já sabem agora... Tony e eu. Três: parar de ficar vermelha.

— Eu acho uma graça você ficar corada — disse TJ. — É muito meigo.

— Nãããão! — eu disse. — É horrível. Eu me sinto uma boba, e todos olham para mim como se eu fosse uma criança.

— Ninguém nunca repara — disse Izzie. — E a número quatro?

— Eu vou fazer camisetas — falei. — Como as que estão à venda em Camden Town. Sabe, aquelas que têm umas frases legais?

— E o que as suas camisetas irão dizer? — perguntou TJ.

— Ainda não sei. Vou começar a reunir frases boas nas férias.

Nessa hora o ônibus chegou, então toda a discussão foi interrompida enquanto entrávamos. Era bom sentir-se viva. A escola

tinha acabado. As noites eram claras até dez horas. Eu finalmente havia criado coragem e colocado meu cartão no correio, e não podia esperar para ver a reação dele.

— O que tem para o jantar? — perguntei à mamãe quando cheguei em casa.

— Hambúrgueres de tofu, brócolis e arroz — ela disse, olhando do balcão onde picava as cebolas. — Quer me dar uma mãozinha?

“Eca, tofu!”, pensei, enquanto jogava minha mochila na sala e me juntava a ela. Eu queria que ela cozinhasse coisas normais às vezes. Meu pai dirige a loja local de comidas naturais, então sempre comemos o que ele traz de volta. Sei que é bom pra gente e que somos o que comemos etc., mas minha fantasia secreta é chegar em casa um dia e descobrir que vamos comer nuggets de frango, feijão e batatas fritas. Engraçado, porque o jeito que comemos é a fantasia da Izzie. Ela adora comida saudável, tofu, soja e quinoa. Às vezes, acho que pegamos os pais errados. A Izzie adoraria morar aqui; na verdade, ela quase mora, já que aparece muitas vezes. Por outro lado, eu gosto de morar aqui, mas adoraria jantar na casa da Paola. O pai dela é italiano e prepara os mais incríveis pratos de massa; e a mãe dela é *do* Caribe, e seu peixe temperado com ervilhas é de matar. Surpreendentemente, a Paola é magra feito uma vara. Acho que, se morasse na casa dela, eu seria enorme, então talvez seja uma coisa boa o fato de eu ter pais estranhos que fazem refeições peculiares.

De repente, pensei numa boa meta para as férias.

— Mãe, que tal, nestas férias, eu preparar o jantar algumas noites?

— Parece bom para mim — mamãe respondeu, abrindo um sorriso.

— Posso comprar os ingredientes também?

— Claro — disse ela.

Naquele momento, o telefone tocou.

— O que eu quiser? —, perguntei enquanto ia para a sala atender o telefone.

Era o Tony.

— Oi — ele disse. — O que você vai fazer mais tarde?

— Nada — respondi. — Nada durante seis semanas. As aulas acabaram hoje.

Decidi não contar nada sobre o cartão. Queria que fosse uma surpresa quando ele o abrisse pela manhã.

— Está a fim de encontrar comigo? — ele perguntou. — Queria conversar com você sobre uma coisa.

— Sobre o quê?

— Não pelo telefone. Encontro você no Raj, em Highgate, digamos, em meia hora.

— Espere, vou perguntar à minha mãe — eu disse, colocando em seguida a mão no bocal do telefone. — Posso sair um pouco? Prometo não chegar tarde. Eu lavo a louça quando voltar.

— Como posso recusar se você fala dessa forma? — mamãe respondeu. — Vou deixar seu jantar no forno.

— Vejo você em meia hora — eu disse ao Tony.

Coloquei o telefone no gancho e tive uma intuição. Eu sabia o que ele queria me dizer. “Ele sente o mesmo que eu e quer tornar oficial”, pensei, enquanto corria para cima e colocava meu jeans e uma camiseta. Uma camada de brilho nos lábios, uma borrifada do perfume Angel que as meninas tinham me dado de aniversário, e corri para o ponto de ônibus em direção a Highgate. Eu estava superempolgada. Quando sentei no ônibus, decidi que ia deixá-lo dizer o que queria e agiria tranquilamente, tipo “Oh, vou ter de pensar a respeito”. Aí, amanhã, ele receberia meu cartão e perceberia que o tempo todo eu queria a mesma coisa que ele. Tudo estava funcionando perfeitamente.

Ele já estava lá em cima no Raj quando cheguei. Estava acomodado no canto, lendo um dos livros antigos que eles deixam empilhados nas prateleiras. Sorriu quando me viu entrar e, como sempre acontece quando o encontro, senti um frio na barriga.

— Você cortou o cabelo — eu disse.

— Gostou?

Fiz que sim com a cabeça. Não são todos os garotos que podem cortar o cabelo tão curto, pensei. É preciso ter traços bonitos e um formato de cabeça legal. Logicamente, Tony tinha os dois. A boa aparência está no sangue da família dele. Paola é de longe a garota mais linda da escola, e Tony deve ser o mais bonito da dele. Moreno, com olhos castanhos e serenos, e cílios longos.

— Pode escolher qualquer banco da igreja — ele sorriu, enquanto eu dava a volta em torno da mesa. Retribuí o sorriso. Nós sempre dizíamos isso quando íamos lá porque as cadeiras pareciam todas com bancos de igreja velhos.

— Você quer um chá ou algo gelado?

— Uma coca seria legal — eu disse, olhando ao redor. Estava feliz que ele tivesse escolhido esse local para nos encontrarmos. E o lugar favorito da TJ, e o meu também. Ela diz que sempre se sente como se estivesse numa novela de época quando vem aqui, já que a decoração lembra a região da Boêmia. E diferente de todos os outros cafês do bairro: tem estilo próprio, com os bancos de igreja, mesas de madeira pesada e prateleiras repletas de livros interessantes.

— O que você está lendo? — perguntei.

Tony apontou para as prateleiras.

— Ah, um livro antigo de história. Eles têm uma coleção esquisita aqui, uma mistura total, de culinária a Dickens. Todos os livros parecem ter cerca de cem anos.

Eu concordei.

— Como as quinquilharias — eu disse, apontando para uma estátua lascada de um marajá indiano no canto superior, acima da

cabeça de Tony. Estava caída junto a uma estátua de Buda. — Na verdade, se parece um pouco com a sala de estar lá de casa, com todos os tipos de tranqueira que não combinam entre si.

— É — disse Tony, indicando duas trombetas de latão penduradas no teto. — Soa um pouco maluco, mas acho que é por isso que eu gosto.

Passamos uns minutos conversando sobre os ornamentos esquisitos que podíamos ver — as bonecas russas e o avestruz de brinquedo numa prateleira, flamingos de latão e elefantes de cerâmica em outra, as fotografias amareladas na parede, misturadas com alguns croquis de tinta emoldurados. Eu me sentia tão confortável de estar lá sentada ao lado dele que achei que não seria difícil deixar escapar algo sobre o cartão e sobre a minha Decisão.

— Então, você tinha uma coisa para me falar? — perguntei finalmente.

— É... sim — disse Tony, quando o rapaz atrás do balcão deixou seu computador e veio anotar nossos pedidos. — Mas, primeiro, me conte como você está. De férias, não é?

Confirmei com a cabeça.

— A melhor sensação do mundo.

— E o que você vai fazer das suas férias?

Eu sabia. Ele iria perguntar se eu queria sair com ele.

— Ah, sem planos definitivos — eu disse, olhando nos olhos dele de uma forma que imaginei ser significativa. — Você tem idéias?

Tony encolheu os ombros.

— Na verdade, não. Quero dizer, é... Lucy... Como posso lhe dizer isso?

Eu queria me esticar para alcançar a mão dele, dizer-lhe que sabia o que ele queria dizer e que eu sentia o mesmo. Mas Paola tinha me treinado bem. Fique fria. Não seja tão fácil.

Tony respirou fundo.

— Acontece, Lucy, que, bem, estamos meio juntos já faz algum

tempo, e eu queria acertar as coisas entre nós. Não é justo comigo e não é justo com você. Nós temos as férias todas pela frente, e é como se fosse um novo capítulo para nós dois, então... então, o que eu acho é que... talvez devêssemos esquecer o passado.

— Esquecer o passado? O que você está querendo dizer? — eu não entendia.

— Bem, nós não somos namorados, somos? Nunca fomos de fato.

— Não. Não, claro que não. — será que ele ia me perguntar se nós seríamos agora?

— E eu estive pensando... — Tony continuou. — E se, digamos, você encontra alguém nestas férias ou se eu encontro? É meio complicado. Nossa situação, isto é... eu e você. Bom, nós não somos livres e não somos muito comprometidos.

— Não, não somos.

— E então, o que você acha? — ele perguntou.

— Eu não tenho certeza se entendi — eu disse. — Você está dizendo que quer se comprometer ou que quer encontrar outra pessoa?

Tony tentou se ajeitar na cadeira.

— Que eu quero ser livre — ele disse finalmente.

— Você está me dando o fora? — eu falei, sem pensar.

— Não. Não, claro que não. Como eu posso te dar o fora se nós nunca saímos direito?

— Mas...

Ele alcançou minha mão, mas eu a retirei rápido. Eu me sentia magoada. Confusa.

— Olha, Lucy, eu convidei você para sair muitas vezes no passado, mas foi você quem sempre me deu o fora.

— Eu não tinha certeza do que sentia na época — esbravejei. — Não é que eu estava te dando o fora, mas...

— Eu não estou te dando o fora. Eu estou acertando as coisas,

para que nós dois saibamos onde estamos. Nós ainda podemos ser amigos.

Amigos? Eu sabia exatamente o que a frase “Nós ainda podemos ser amigos” significava. Significa “acabou”. Finito. Eu não queria ser amiga dele. Não queria nem ouvir falar dele sendo mais que amigo de outra pessoa. Olhei de lado para sua boca grande e sensual. Sem mais beijos naquela boca. Eu sentia meus olhos ardendo. Ia cair em lágrimas, mas não queria fazer isso lá. Ele ia ver como eu estava chateada.

— Eu tenho de ir — eu disse, levantando.

— E a sua coca? — eu o ouvi gritar quando cheguei à porta e desci correndo as escadas.

— Pode tomá-la — resmunguei para mim mesma. Eu só tinha um pensamento na cabeça enquanto seguia apressada para casa. Liguei para a Paola e pedi que alcançasse o correio no dia seguinte de manhã, antes que o Tony visse aquele cartão estúpido, muito estúpido.



Capítulo 2



Liguei para a Paola assim que cheguei em casa.

— Ela não está — disse a Sra. Williams. — Você quer deixar recado?

— Ahn... não obrigada — eu disse. Eu sabia que o Tony veria o recado quando chegasse em casa, então essa possibilidade estava definitivamente fora de questão.

Liguei rápido para o celular dela. Lei de Murphy. Paola, que sempre deixava o celular ligado, tinha desligado.

Deixei uma mensagem no correio de voz: “Paola. Isto é urgente. Você precisa interceptar aquele cartão que mandei para o Tony. Aconteça o que acontecer, ele não deve pegá-lo. Ligue para mim o quanto antes”.

Aí, enviei uma mensagem de texto igual. Depois, enviei por *e-mail*. Ficaria tudo bem desde que ele não lesse o cartão. Mas se ele lesse... O pensamento fez com que me sentisse nauseada. Toda aquela história de que tínhamos algo especial. Arrrrghhh. E querer lutar por isso. Arrrrghhh duplo.

Deitei na cama e suspirei. Mamãe colocou a cabeça na porta.

— Querida, você vem pegar seu jantar? Eu guardei para você.

Balancei negativamente a cabeça.

— Estou sem fome.

Mamãe olhou para mim, preocupada.

— Você está bem?

Fiz que sim com a cabeça.

— Estou bem, só não estou com fome ainda. Vou esquentar mais tarde. Prometo. — eu não queria conversar sobre isso. Estava com muita vergonha. Tinha levado um fora. Tinha levado um fora e nós nem havíamos tido um relacionamento de verdade. Que coisa triste! Eu precisava falar com a Izzie. Sábia e velha Izzie, ela sempre sabe a coisa certa a ser dita.

Felizmente, mamãe sabia que pressionar não seria uma boa. Ela sabia quando me deixar sozinha. Em parte, acho que é porque ela trabalha como terapeuta e tem costume de lidar com pessoas que estão piradas, mas não conseguem falar sobre isso. Ela sempre diz que não se pode forçar as pessoas a se abrirem quando elas não estão prontas.

— Desça quando quiser. Sem pressa — ela disse, e fechou a porta.

Quando ela foi embora, eu disquei o número da Izzie.

— Isobel está com o Ben — disse o inquilino. Na verdade, ele não é um inquilino. Ele é o padrasto da Izzie. Ela não se dava muito bem com ele no começo, então o apelidou de “inquilino”. Eles se dão melhor agora, mas o apelido ficou.

Tentei o celular da Izzie. Também desligado. Qual é o sentido de ter um celular se você não o deixa ligado? É tão irritante! Eu deixo o meu ligado o tempo todo. Exceto no cinema, é claro. E de enlouquecer quando um celular toca no meio de um filme.

Meu telefone tocou. Até que enfim, pensei, quando o peguei. Deve ser a Izzie ou a Paola.

— E aí, Lucy — era a voz do Tony.

Entrei em pânico, não sabia o que dizer. Ele era a última pessoa com quem eu queria falar.

— Lucy, você está aí?

Desliguei. Senti como se alguém estivesse me estrangulando. Eu não queria que o Tony soubesse quão triste eu estava e não sabia como lidar com isso. Não até que eu falasse com alguma das meninas.

O telefone tocou de novo. Desliguei, pois poderia ser o Tony ligando de volta. Eu me senti sonolenta e confusa, e estava pensando no que iria fazer em seguida, quando ouvi uma voz familiar na sala, fora do meu quarto. “Ah, graças a Deus”, pensei, quando abri a porta do quarto.

— TJ! — gritei. — Ainda bem que você está aqui!

— Por quê? Qual é o problema? — ela perguntou.

Eu ia começar a contar tudo, quando vi Steve atrás dela. Claro, pensei, ela veio para vê-lo.

— Ããããnnn... nada — eu disse. — E que... não importa... pode continuar. Deixa pra lá.

TJ virou-se para Steve.

— Eu não vou demorar. — aí ela me levou até meu quarto e fechou a porta. — O que está havendo?

Eu me joguei na cama.

— Ah, TJ, você nem imagina — eu disse. E contei a história toda.

Ela ouviu silenciosamente.

— Sinto muito — ela disse. — Você deve estar arrasada.

Eu concordei.

— Eu sei que pode parecer horrível na hora — ela disse —, mas você não sabe o que ou quem a espera na próxima esquina. Você se lembra do que aconteceu comigo quando eu tinha aquela coisa pelo Scott, que era meu vizinho? Eu me senti péssima quando não deu certo, aí acabou sendo a melhor coisa do mundo. Ele não valia a

pena, e eu conheci o Steve, que vale a pena. Talvez não era para ser com o Tony.

Dei um suspiro, chateada. Sabia que ela queria o meu bem, mas não era o que eu queria ouvir.

— Mas era diferente com o Tony...

— Eu sei — ela disse. — Ah, Lucy, eu queria saber o que lhe dizer.

Uma batida na porta perturbou a continuação da conversa, e Steve colocou a cabeça para dentro.

— Vamos lá, TJ, entrei no *site* da Amazon, estou esperando por você.

TJ olhou preocupada para mim.

— Vá — eu disse. — Estou bem, sério.

— Você tem certeza? Porque eu posso ficar aqui com você — ela disse.

Steve olhou para mim como se isso fosse a última coisa que ele quisesse.

— Não, sério. Vá. — eu não queria estragar a noite de todo mundo só porque a minha estava uma porcaria.

— Por que você não se junta a nós? — perguntou TJ, olhando para Steve, buscando um acordo. O qual ele não fez.

Eu balancei a cabeça. Levar um fora e ainda ficar segurando vela... Não, obrigada.

— É tudo parte da rica tapeçaria da vida — eu disse, citando uma das frases favoritas de mamãe. — Eu vou superar essa barra e, além disso, tenho muitas coisas a fazer. Vão vocês.

Levantei-me e comecei a arrumar meu quarto.

— Não se preocupe — disse TJ. — A Paola vai pegar o cartão. Tudo vai dar certo.

— É, está bem — eu disse. — Eu e Bridget Jones. É legal ser uma solteirona. Não se preocupe, um dia meu D'arcy vai chegar.

Quando ela fechou a porta, pensei: “Mas o Tony é meu D'arcy,

não é? Ou ele é o mau-caráter interpretado por Hugh Grant em *O Diário de Bridget Jones*¹?” Ah, não sei.

¹ N. E.: *O Diário de Bridget Jones*: livro da escritora Helen Fielding, adaptado para o cinema. A personagem principal descreve em seu diário as dificuldades e agruras para encontrar o par ideal, tendo que se decidir entre dois pretendentes muito diferentes.

Mamãe sempre diz que as coisas parecem melhores depois de uma boa noite de sono, e eu me levantei na manhã seguinte realmente me sentindo um pouco melhor. Ao menos, foi o que disse a mim mesma. Não é como se eu e o Tony estivéssemos tendo um relacionamento para valer. Aí olhei para o relógio. Aimeudeus. São nove e meia. Nove e meia. Aimeudeus. Aimeudeus. Será que a Paola pegou minha mensagem? Será que pegou o cartão antes do Tony? Olhei para meu celular e, oh não, eu tinha esquecido de ligá-lo de novo depois que Tony ligara ontem à noite. Havia três mensagens. Uma do Tony, pedindo que eu ligasse para ele. Uma da Izzie, pedindo que eu ligasse para ela. E uma da Paola, pedindo que eu ligasse para ela.

Rapidamente achei meu vestido e desci a escada, em direção à cozinha.

— Por que você não me acordou, mãe?

Ela olhou da mesa em que estava lendo o jornal.

— É sábado, Lucy. E você parecia um pouco pra baixo ontem à noite. Pensei em deixar você dormir...

— Alguém ligou?

— Izzie. Ela disse que seu celular está desligado e que iria tentar mais tarde.

— Você devia ter me acordado.

Mamãe suspirou.

— Eu nunca acerto, não é? Normalmente, se acordo você cedo num final de semana, estou errada; agora, eu não acordo você e estou errada. Desisto.

Subi de novo, liguei para Paola e desliguei em seguida. O Tony podia atender. Liguei para o celular dela.

“Ufa”, pensei, quando ela atendeu.

— Lucy... — ela começou.

— Você pegou o cartão?

Houve um silêncio incrível.

— Ah, Paola, por favor, diga que pegou.

— Ah, Lucy, eu voltei tarde ontem à noite e só fui ouvir as mensagens do meu celular hoje de manhã. E... o carteiro já tinha passado.

— Ele pegou?

— O Tony? Sim. Eu o vi levando um cartão para o quarto dele. Mas qual é o problema? Por que você queria que eu pegasse o cartão primeiro? Você mudou de idéia sobre querer ficar com ele durante as férias?

— Não, não. Ele é que mudou de idéia. Nós nos encontramos em Highgate e ele me disse que queria que fôssemos somente amigos...

— Eu vou matá-lo.

— Não, não faça isso, Paola. Mas descubra como ele reagiu ao cartão. Droga. E, Paola, tente fazer isso de uma forma sutil.

— Sim, claro. Mas acho que precisamos nos encontrar. Urgentemente. Eu já disse à Izzie que iríamos nos encontrar mais tarde. Você liga para a TJ. No Ruby, onze e meia?

— Está bem — eu disse. — Obrigada. E me conte tudo que o Tony disser.

— Pode deixar. Com todos os detalhes.

O Ruby in the Dust é o café favorito da Paola. E no caminho para o Muswell Hill e é ainda mais estiloso que o Raj. Os sofás e as mesas são tão gastos que parece que sobraram de uma demolição, mas isso dá ao lugar um ar confortável e acolhedor. Muitos jovens locais gostam de ir lá, nós inclusas, em muitos finais de semana.

Todas as garotas estavam lá e olharam para mim preocupadas quando entrei.

— Você está bem, Lucy? — perguntou Paola, enquanto eu me sentava junto a ela no sofá da janela.

Foi então que vi Ben. Ele estava no balcão pedindo bebidas. O que estava fazendo ali?

— Você quer um capucino? — ele perguntou. Fiz que sim com a cabeça.

— Desculpe — disse Izzie. — Eu não sabia do que se tratava até a Paola me contar agorinha.

— E o Simon também está vindo — disse Paola, encabulada. — Tentei ligar para pedir que não viesse, mas ele já tinha saído.

“Ah, ótimo”, pensei. “Suponho que meu irmão também está vindo”. Olhei para TJ. Ela balançou negativamente a cabeça.

— O Steve está no futebol hoje de manhã — ela disse.

— Sim, claro — eu disse. Ele jogava toda semana. Eu estava louca para perguntar se o Tony tinha dito algo a respeito do cartão, então me virei para a Paola antes que o Ben voltasse.

— E aí?

— Ele não disse muita coisa. Só que tinha recebido seu cartão e que era particular. Eu não queria que ele soubesse que eu sabia o que você tinha escrito. Ele pediu que eu falasse para você ligar para ele.

— Isso é tudo?

Paola confirmou.

— Sério?

— Sério — ela respondeu. — E eu não bati nele nem nada do gênero. Embora tenha tido vontade de fazer isso.

— E o que eu devo fazer? — perguntei, olhando ao redor.

— Tentem ficar amigos — disse Izzie.

— Não. Você nunca mais deve falar com ele — disse Paola.

— Quem sabe eu não devesse ter sido tão dura com ele — eu disse. — Talvez seja minha culpa.

— Besteira — disse Paola. — Você era demais para ele. Você merece algo melhor.

— Você vai encontrar outra pessoa — disse TJ.

Olhei ao redor no café. Havia alguns garotos e, como de costume, eles estavam todos babando pela Paola. Ela estava de fato linda com aqueles *shorts* de sarja e uma camiseta sem manga, o cabelo solto como seda, cobrindo suas costas.

— Não. Ninguém nunca mais vai olhar para mim de novo — gemi.

— Tolicie — disse Izzie. — Você não pode deixar isso abalar sua confiança.

— Encontre alguém, sossegue e tenha um relacionamento realmente sério. Assim ele vai aprender — disse TJ.

— Não, não. Isso é a última coisa de que ela precisa — disse Paola. — Divirta-se. Saia com vários meninos. Aja em várias frentes ao mesmo tempo.

— Não. Você precisa dar um tempo para você mesma — disse Izzie. — Tempo para se curar.

— Não, não. Preencha sua agenda. Mantenha-se ocupada, você precisa se manter ocupada — insistiu Paola.

Eu não pude evitar o riso.

— Dããã, obrigada, meninas. Agora eu estou realmente confusa.

Quando Ben chegou com os capucinos, a porta se abriu e Simon entrou. Alguns dos garotos do café pareceram irritados quando o viram indo direto para a Paola, que sorriu e o beijou. E

claro que a presença dos meninos pôs fim à discussão sobre o Tony, então me esforcei ao máximo para parecer feliz e não deixar que Ben ou Simon notassem quão perturbada eu estava.

Depois de termos bebido nossos capucinos, Simon sugeriu, já que o tempo não estava muito bom, que fôssemos à primeira sessão do cinema. Eu queria ir para casa e me esconder embaixo do meu edredom, mas Paola insistiu para que eu também fosse. E não há como discutir quando ela decide o que é melhor para uma pessoa. TJ estará lá, pensei. Então não vou ser a única Solteirona.

— Ähn, eu disse que encontraria Steve depois do futebol — disse TJ, levantando e olhando preocupada para mim. — Posso cancelar, se você quiser fazer alguma coisa.

Balancei negativamente a cabeça.

— Não se incomode. Eu vou ao cinema.

Eu não estava gostando de ser tratada como uma criança por elas, como se eu estivesse doente ou algo do tipo. A última coisa que eu queria era minhas amigas sentindo pena de mim. Oh, pobre Lucy, ela levou um fora. A pobre Lucy mandou um cartão romântico para alguém que não está interessado nela. Eu mostraria a elas que estava bem. Bom, todas elas tinham namorados, menos eu, pensei. Sem problemas, não vou deixar que isso me atinja.

No cinema, Paola e Izzie insistiram para que eu me sentasse entre elas, não na ponta. Estava tudo bem no começo e eu me sentia feliz por ter ido com elas. Ninguém consegue ver que você está sozinha no escuro. Nós éramos somente cinco adolescentes assistindo a um filme.

Quero dizer, nós éramos até que Ben pôs os braços em volta da Izzie e eles começaram a se acariciar, e Simon deu um beijo na Paola. Eu me senti uma bobona, sentada toda reta no meio deles, com um pacote gigante de pipoca no meu colo, do qual só eu comia,

mais ninguém. A única que estava realmente assistindo ao filme. Tentei me concentrar no filme e esquecer essa história do Tony, os garotos ou o que estivesse acontecendo ali perto de mim, mas o filme era uma comédia romântica. Oh, arrrggghhh, pensei, quando o herói ia dar um beijo. Arrrghh, arrrghh. Beijos à esquerda, beijos à direita e beijos à frente, em gloriosas e magníficas cores na tela. Sem escapatória.

Eu não vou mais fazer isso, pensei.



Capítulo 3



Domingos solitários

No dia seguinte, decidi que iria sair com meus irmãos. Parecia uma boa idéia, já que, durante o semestre, somos como inquilinos dentro da mesma casa. Comer, fazer fila para o banheiro, brigar para ver o que está passando na TV, ir para a cama, ir para a escola. Eu iria passar com eles o que mamãe chama de “tempo qualitativo”.

— Você quer fazer alguma coisa depois do almoço? — perguntei, na hora do café-da-manhã.

— Estarei ocupado — disse Steve, examinando-me através dos óculos. — Vou jogar tênis com o Mark. Desculpe.

— Harry e Edward vêm para cá depois do almoço — disse Lal. — Nós vamos discutir nossa estratégia de verão para faturar garotas.

— Ah, que vida, Lal! — eu disse. — Você nunca pensa em outra coisa?

— Sim, em comida — replicou Lal, espalhando pasta de amendoim e mel na sua torrada e enfiando-a na boca. — Preciso preservar minha força para as melhores garotinhas.

— Vá sonhando, cabeça-oca — eu disse. — Que pessoa em sã consciência olharia para você?

— Cai fora, bafo de sapo — disse Lal. — Várias garotas me curtem.

— Tempo qualitativo com eles? É querer demais, não é? — eu disse à mamãe, enquanto Steve e Lal engoliam o café da manhã e escapavam para os quartos.

— A vida é o que acontece quando você está ocupada fazendo planos — ela disse. Mamãe sempre vem com uma dessas.

— É, é mesmo — concordei, pensando no meu plano de passar o verão com o Tony. — Nem me fale.

Enquanto caminhava para o meu quarto, cheguei à conclusão de que tinha três escolhas:

1. Lastimar-me e ser infeliz;
2. Encontrar outro namorado;
3. *Encontrar uma alternativa interessante.*

Acabei escolhendo a terceira. Lastimar-me e ser infeliz seria uma perda de tempo e das minhas preciosas férias. Como mamãe disse, a vida não é um ensaio. Você só tem uma chance, então dê o melhor de si. E a opção dois, procurar outro garoto, só para me igualar a Paola, Izzie e TJ, era repulsiva. Não estou tão desesperada e não preciso de um garoto para ser feliz. Ter um namorado pode ser emocionante e divertido, desde que seja o garoto certo. Pode também magoar, humilhar e confundir. Bem... e quanto às alternativas interessantes?

Arranquei uma folha de papel do meu bloquinho e sentei na cama. Certo, pensei. Coisas legais para fazer quando se é solteira. Uma lista:

1. *Comer chocolate*

Boa idéia. Na verdade, eu vou comer um pouco agora. Fiz uma pausa na lista e ataquei o armário lá de baixo. Logicamente, só havia

comida orgânica na casa, mas acabei achando algo que compensasse.

2. Fazer compras

Não tenho dinheiro, então esta opção está fora por enquanto.

3. Cinema

Eu poderia ir sozinha, mas, conforme descobri ontem, tudo que está passando agora é romântico. Ou filme para garotos, e eu não estou a fim de ver pessoas se matando.

4. Tratar-se: fazer a mão e o pé e cuidar do rosto

Acho que essa é uma boa idéia. Vou ter um dia de beleza.

Passei as horas seguintes mimando a mim mesma. Pinteí as unhas com meu esmalte brilhante com aroma de morango. Fiz uma máscara facial de papaia. Tomei um longo e espumante banho com gel de maracujá e esfoliei o corpo inteiro, incluindo cotovelos e joelhos, com um esfoliante de limão e gengibre. Depois, lavei o cabelo com o xampu de maçã da mamãe, passei um condicionador de limão e usei um creme de pêssego depois da lavagem.

No final, eu estava pronta. Embelezada. Estava cheirando como uma fruteira. E agora? Era uma da tarde, e o dia começava a parecer muito longo.

“A vida é o que você faz dela”, pensei. Eu, decididamente, precisava de um *hobby*.

Fui até a cozinha, onde mamãe e papai estavam preparando o almoço de domingo.

— Eu preciso de um *hobby* — eu disse. — Alguma sugestão?

— Você costura — disse mamãe. — E todas essas camisetas que está fazendo?

Eu concordei.

— Pode ser, mas elas não levam muito tempo para serem

feitas. É verdade que gosto de costurar, e ultimamente resolvi ser estilista, mas eu queria experimentar algo novo.

— Você poderia levar os cachorros para passear mais regularmente — disse papai, apontando em direção ao jardim, onde Lal fazia uma pré-refeição com Ben e Jerry, nossos dois labradores dourados.

— Eu poderia — concordei —, mas não consigo levar os dois ao mesmo tempo sozinha.

— Compre um peixe-dourado — papai sugeriu. — Eu arrumo um aquário para você.

— Ahn, não, obrigada — eu disse, notando que ele não estava levando minha conversa muito a sério. Lembrei-me da última vez que tivemos um peixe. Ninguém nunca queria trocar a água, então eles só duravam algumas semanas.

— Faça *jogging* — disse Steve, entrando pela porta da sala de estar.

— Você já viu uma pessoa que faz isso feliz? — perguntei. Eu certamente não tinha visto. Várias pessoas fazem e todas parecem infelizes, com o rosto vermelho, ofegando, mas com determinação no olhar. Não era essa a minha idéia de diversão.

— Bem, há vários tipos de exercício que você poderia fazer — disse mamãe. — Ciclismo, natação, dança, patinação, judô, remo, aeróbica...

Estava começando a soar como aquelas aulas extracurriculares da escola. Eu amarrei a cara.

— Bom, eu não sei, Lucy — disse mamãe. — O que você quer fazer?

— Algo novo — eu disse. — Algo que eu possa fazer sozinha.

— Ah, essa é a nossa nova Lucy independente? — perguntou papai. — Você poderia ir comigo daqui a duas semanas. Fui convidado para um *workshop* em Devon. É organizado por uma amiga minha. Tenho certeza de que ela ficaria feliz se você

comparecesse também. Você não estaria sozinha, e poderia fazer-lhe bem.

— Que tipo de *workshop*?

— É uma espécie de *workshop* de rejuvenescimento. Ioga, aulas de auto-ajuda, terapia, aprender a se desestressar, chegar à raiz dos problemas.

— Parece com as coisas da Izzie, não com as minhas — eu disse. Izzie sempre estava envolvida com alguma coisa Nova Era. Se uma de nós pegasse um vírus ou adoecesse, ela seria a pessoa que teria a explicação para isso. Foi assim quando Paola ficou com a garganta inflamada; Izzie perguntou-lhe se havia algo que ela não queria dizer, que estivesse bloqueando a garganta dela. Quando TJ machucou o joelho, Izzie disse que tinha sido porque ela não queria se dobrar. É hilário, mas uma vez a mãe dela teve uma queimadura no traseiro e Izzie disse que era porque ela estava sentando na raiva dela. Literalmente. Nós todas concordamos. Deve haver uma verdade nisso, mas, pessoalmente, sou a favor de tratamentos à base de ervas e das boas e velhas simpatias.

— Quantos psicoterapeutas são necessários para trocar uma lâmpada? — perguntou mamãe.

— Não sei — dissemos.

— Um — ela disse, abrindo um sorriso. — Mas só se a lâmpada quiser mesmo ser trocada.

Papai riu alto. Suponho que essa seja uma piada específica para pessoas que trabalham com aconselhamento e terapia... e para seus maridos.

— Olha — eu disse —, nós estávamos discutindo um *hobby* para mim. E não contando piadas sobre lâmpadas. Eu tenho seis semanas e nada para fazer.

— Ah, pobre Lucy — disse mamãe. — Vamos pensar. Deve haver algo para você.

— Muitas coisas — disse Steve. — Ler, aprender a cozinhar...

— Excelente — disse mamãe. — Falando nisso, você não ia cozinhar para nós uma noite dessas?

— Que tal jardinagem? — disse papai. — Nossos canteiros precisam ser revolvidos e as ervas daninhas precisam ser retiradas.

— Aprender um idioma — disse Steve.

— Aprender a tocar um instrumento — disse papai. — Violino ou piano. Eu poderia ensinar violão para você.

— Fazer fotografia — disse Steve.

— Esse é o seu *hobby* — eu disse.

— Coleção de selos — disse Lal, vindo do jardim. — Nós estamos jogando algo? Quem consegue citar os *hobbies* mais tolos?

— Algo do tipo — eu disse, pois as imagens de mim mesma desenterrando vermes no jardim ou fazendo algumas dessas outras coisas já tinham me enchido.

Felizmente, fui salva de novas sugestões brilhantes da minha família pelo toque do telefone. Era Paola.

— Socorro — eu disse. — Minha família quer que eu assuma a jardinagem da casa!



— Tenho uma idéia melhor — disse Paola. — Estive pensando. Há muito mais peixes no oceano do que o desagradável do meu irmão. Conversei com a Izzie sobre isso e... temos uma nova missão.

— Que é...

— Uma Missão Casamenteira. Lucy, nós vamos encontrar um garoto para você. E não qualquer garoto. O garoto perfeito.

Ainda que eu tivesse cortado isso da minha lista naquela manhã, de alguma forma parecia uma alternativa mais atraente do que colecionar selos ou tricotar.

— Eu topo! — disse, com convicção.

Capítulo 4



Missão casamenteira

A primeira coisa que a Paola fez no dia seguinte foi telefonar.

— Missão Número Um. Local: Hollywood Bowl — ela disse, num tom de sargento. — Do lado de fora do Café Original. Horário: três horas.

— Temos de sincronizar nossos relógios? — perguntei.

— Sim, boa idéia — ela respondeu, sem notar que eu estava brincando. — Bom, o plano é pegar os garotos entrando ou saindo do cinema, então precisamos descobrir os horários das sessões. Pegar os que estão saindo é provavelmente melhor, já que eles vão passar um tempo lá, permitindo que a gente avalie a situação e tenha condições de escolher melhor.

— Sim, senhora — eu disse.

Só de brincadeira, coloquei minha calça de guerra e minha camiseta cáqui, mas Paola nem reparou nisso quando cheguei ao cinema. TJ, no entanto, percebeu e riu.

— Pronta para a batalha, Lucy? — ela perguntou.

— Soldado Lucy se apresentando para o dever — eu disse, fazendo continência. — Alguém trouxe binóculos?

— Ou equipamentos de camuflagem? — riu Izzie, entrando no clima. — Nós podíamos cobrir nossos rostos com lama e nos

esconder atrás de arbustos com um galho de árvore preso à cabeça.

Paola jogou o cabelo para trás.

— Vocês podem rir, mas vir até aqui é uma boa estratégia. Olhem: tem vários garotos por aqui.

Paola estava certa. Era um ótimo lugar para começar, já que o Hollywood Bowl é um bom local de caça para a maioria dos adolescentes de North London. Afora o cinema, tem uma pista de boliche, uma piscina e uma série de cafês localizados numa praça ao redor do estacionamento. Nesse dia, como sempre, havia grupos de jovens curtindo o sol em frente ao cinema.

— Parece que não somos as únicas que querem faturar — disse Izzie, vendo grupos de adolescentes se entreolhando.

— Não estou querendo faturar — eu disse. — Parece desespero meu quando você fala dessa forma. Não quero um garoto só por querer.

— É claro que você não quer — disse Izzie. — Nós só estamos olhando.

— E se disséssemos que estamos fazendo uma pesquisa? — perguntou TJ.

— Eu vi uma menina fazendo isso num daqueles programas de TV do tipo “Como conseguir um namorado”. O apresentador disse que uma boa forma de encontrar garotos era fingir que estava fazendo uma pesquisa e fazer a eles uma série de perguntas.

— Isso seria hilário — eu disse. — Alguém tem papel?

As meninas fizeram que não com a cabeça.

— Eu acho que vamos precisar de muito mais do que papel se quisermos ser levadas a sério — disse Paola, olhando para nossa roupa. Izzie estava usando camiseta e minissaia de sarja, TJ e Paola estavam de *shorts* e camiseta, e eu parecia um soldado.

— Não estamos vestidas muito profissionalmente, não é?

— Faremos isso outro dia — disse TJ. — E estaremos vestidas de forma apropriada.

— Agora vamos ver quem está aqui. Olhe sem parecer que está olhando — disse Paola, observando despreocupadamente o estacionamento. — Não queremos ser muito óbvias.

— E como vou saber quais são os meninos interessantes? — perguntei.

Paola virou de costas para um grupo de garotos e tirou seu espelho da bolsa.

— Assim — ela disse. — Vejam, parece que estou ajeitando meu cabelo ou algo do tipo, mas, na verdade, estou olhando atrás de mim.

Izzie e eu tiramos nossos espelhos e nos alinhamos com o da Paola, para testar a técnica. TJ compartilhou o dela comigo, e eu não pude evitar o riso quando vimos as pessoas atrás da gente.

Paola suspirou.

— Eu desisto — ela disse. — Vocês são umas malucas.

— Desculpe, Paola — falei, colocando meu espelho de lado. — Eu agradeço por isso, sério mesmo. E entendo o que você está dizendo, essa coisa de olhar de um jeito disfarçado.

Olhei de relance os meninos, depois para a esquerda, como se estivesse procurando alguém longe, de novo para os meninos e depois para o cinema.

— Perfeito! — disse Paola. — É assim que se faz. Agora, dê uma olhada para a esquerda, perto do pilar, de jeans e camiseta preta. O cara com cabelo loiro arrepiado.

— Não é meu tipo — eu disse. — Tem muito... ähn, muito gel no cabelo.

— Tudo bem, esquerda, escuro, cabelo curto. Vestido de preto.

— Eca! — eu disse, olhando para o menino. — Faça-me o favor. Ele está com o dedo no nariz.

— Ok, tenho um — disse TJ. — Atrás do garoto de cabelo arrepiado, escuro.

— Onde?... Ah, sim — eu disse, avistando-o. — É, ele é uma

possibilidade.

— Ele está olhando para você, Lucy — disse Izzie.

Eu olhei de relance.

— Nossa, ele está olhando para mim. Acho que sabe que estamos falando dele. Meu Deus, ele está vindo para cá.

— Excelente — disse Paola. — Agora, fique fria, olhe para o horizonte, não deixe que ele saiba que você o notou.

É claro que fiquei vermelha. Uma indicação certa de que eu notei, não tem como negar.

O garoto veio direto para mim.

— Oi — ele disse. — Posso falar com você por um instante?

Olhei para as garotas, que estavam todas com sorrisos largos, feito bobas, fazendo sinal de positivo com o dedo pelas costas dele. Eu não podia acreditar num sucesso tão rápido. E ele era uma graça. Muito bonitinho, parecido com o Enrique Iglesias.

Ele me levou para trás do pilar e olhou profundamente nos meus olhos.

— Aquela garota que está com você... — ele começou.

Ele não precisava terminar. Eu sabia o que ele ia dizer depois. Não é a primeira vez que acontece. Os garotos sempre curtem a Paola. O que não é surpresa, pois ela é mais do que maravilhosa.

— A que tem a pele morena? — perguntei.

— É. Ela tem namorado?

— Tem — eu disse. — Na verdade, todas as meninas que estão comigo têm namorado.

Ele pareceu desapontado, mas não tão desapontado quanto eu. Nem se deu ao trabalho de perguntar se eu estava comprometida.

— Deixa pra lá — ele disse. — Valeu. — E se afastou.

Não pude evitar uma ponta de ciúmes. Eu amo a Paola, ela é uma ótima amiga, mas às vezes é difícil ser a última que as pessoas notam. Juntei-me às meninas, que olharam para mim esperançosamente.

— Ele queria saber se você era comprometida ou não, Paola — eu disse.

Paola olhou para o garoto.

— Sêrio?

Izzie cutucou-a.

— Nós estamos aqui pela Lucy, não por você. Além disso, você tem o Simon.

— Eu sei — ela disse. — Mas não há mal algum em ver o que estou perdendo.

— Vamos tentar em outro lugar — propus. — Alguma idéia, alguém?

— Que tal Hampstead? — sugeriu Izzie. — Há sempre um monte de meninos por lá.

— Eu vou na frente — disse Paola, caminhando em direção ao ponto de ônibus.

— Mas vamos só dar uma volta, olhar as lojas e esquecer essa Missão — eu disse. — Acho que não vai funcionar. Não vai dar certo. Quero dizer, vamos supor que tenha um garoto bonito, mas como vou abordá-lo? Seguro um cartaz escrito “Oi, meu nome é Lucy e estou disponível”? Além disso, sempre li que o garoto certo só vem quando você desiste de procurar.

— Não — disse Paola. — Você tem de fazer as coisas acontecer. Izzie encolheu os ombros.

— Lucy pode estar certa, Paola. Você não pode forçar o destino.

— A escolha, e não a sorte, determina o destino — afirmou Paola. — Você não pode deixar tudo nas mãos do destino ou das estrelas.

“Oh, aí vamos nós de novo para os conselhos conflituosos”, pensei. E impossível a Paola e a Izzie concordarem. Elas pensam tão diferente uma da outra. Se a Paola disser “espera aí”, a Izzie dirá “vamos nessa”. Elas nunca concordam em nada. Completamente diferentes. Ainda assim, estranhamente parece dar certo. Os opostos

se atraem etc. e tal.

— O que você acha, TJ? — perguntei.

— Que mal há em olhar? — ela disse. — É como nas vitrines. É bom ver o que está em oferta, mas não significa que você tem de comprar.

Eu gostei dessa perspectiva. Tirou a pressão.

Pegamos o ônibus para Hampstead, onde todos estavam sentados, tomando capucinos e curtindo o sol fora dos cafés enfileirados na rua. Depois de perambularmos um pouco pela calçada, procurando uma mesa vazia, acabamos do lado de fora do *Coffee Cup*. Todas as mesas estavam cheias, exceto uma, que estava ocupada por um garoto sentado sozinho, lendo. Ele parecia legal e havia três cadeiras vazias do lado dele.

— Tem alguém sentado aqui? — perguntou Paola, apontando para as cadeiras.

O garoto sorriu e disse.

— Não, só eu. E Jesus. — ele, então, apontou para o livro que estava lendo, que era a Bíblia. — Por favor, sentem-se. Eu gostaria de lhes contar como podem alcançar a Salvação.



Izzie estava a fim, já que não há nada que ela goste mais do que uma discussão sobre religião e sobre a razão de estarmos aqui e tudo o mais. Mas, felizmente, Paola teve uma idéia melhor.

— Eu acho que prefiro sorvete a café — ela disse, indo direto para a loja de sorvete ao lado.

— Boa idéia. — eu disse, seguindo-a. Quando as coisas ficam difíceis é preciso lutar com mais força... ou comer um chocolate.

Capítulo 5



Lista de desejos

Decidi que eu deveria repensar o plano. A Missão Casamenteira tinha me deixado ainda mais consciente de que eu estava sozinha. Paola e Izzie, entretanto, não se mostravam dispostas a desistir. Paola queria que eu saísse novamente à caça de garotos em Kensington, na terça-feira, com ela e Simon, mas eu disse que estaria ocupada ajudando meu pai na loja. Eu não queria sair com ela e com Simon, segurando vela. E não queria que Simon achasse que eu estava desesperada. Porque eu realmente, realmente, não estava. Claro, Izzie ouviu falar da minha recusa em sair e veio me ver na quarta-feira.

— Eu não quero pegar um garoto qualquer. Quero que seja especial, como era com o Tony.

— Então, o que você precisa fazer — disse Izzie — é mandar uma mensagem para o universo saber o que você quer, para atrair isso para você. Você tem de fazer urna lista de desejos falando de um garoto, depois embrulhar num tecido, guardar numa caixa secreta e esconder no seu quarto.

— Se fosse para deixar o universo saber, não funcionaria

melhor um cartaz na estação Swiss Cottage do metrô do que esconder um pedaço de papel no meu quarto? — provoquei.

Ela me olhou com “aquela cara”. A cara que a nossa antiga professora, a Sra. Watkins, faz quando alguém não fez a lição de casa.

— Confie em mim — ela disse. Ela sempre vinha com jeitos de fazer as coisas acontecer, controlar o destino ou algo do tipo. Ela tem um daqueles livros de feitiçaria em casa, e quando o Tony estava numas de querer algo mais ousado no ano passado, ela me falou para colocar uma foto dele no *freezer* para ele esfriar a cabeça. Na época, eu ri, mas acho que no final funcionou. Ele certamente estava com a cabeça fria comigo agora.

Estiquei-me na cama, enquanto ela pegava seu lugar favorito no pufe.

— Está certo, mística Iz. Então, o que é uma lista de desejos? — perguntei.

— Você tem de escrever todas as coisas que procura num garoto num lado do papel, e todas as coisas que você tem a oferecer do outro lado — ela se levantou, pegou caneta e papel na minha escrivaninha e entregou para mim. — Comece com a aparência que você quer que ele tenha, depois vá para a personalidade, coisas como engraçado, generoso etc. Aí, você diz como quer que ele seja em termos emocionais e espirituais. Quanto mais detalhes, melhor. Não deixe nada de fora.

“Por que não?”, eu pensei. Eu não tinha mais nada para fazer, e era melhor que ficar perambulando por North London como uma sadomasoquista.

— Está bem — eu disse, e comecei a escrever.

Meu garoto ideal:

Altura média, não muito alto. Aparência saudável.

Rosto bonito.

— Loiro ou moreno? — perguntou Izzie, vindo sentar-se junto a mim na cama e olhando para o que eu estava escrevendo.

— Ah, na verdade, não ligo, desde que ele seja fisicamente atraente.

— Então, ponha isso — disse Izzie. — Escreva lindo de morrer. Gracinha. Não coloque as coisas como se qualquer um servisse.

Aparência deslumbrante, bonito, cílios longos.
Com mãos e unhas bonitas. Limpo. Bem-vestido, com estilo.
Interessado em moda.

— Parece que você pegou o jeito — disse Izzie. — Agora a personalidade dele.

Continuei escrevendo.

Confiável. Por exemplo: ele telefonará para mim quando disser que vai fazer isso.

— Excelente — disse Iz. — O que mais? Somente confiável pode ser um pouco chato.

Divertido para passar o tempo. Com senso de humor. Tem de gostar de mim de verdade. Ser sincero. Não brincar com os sentimentos. Não ter medo de demonstrar seus sentimentos por mim. Inteligente. Ambicioso. Gentil. Sensível. Espontâneo. Tem de gostar de animais.

— Bom — disse Izzie. — Agora, sobre você.

Eu virei o papel.

— Ähn, não sei o que colocar — eu disse.

— Loira, baixa, magra — ditou Izzie. — Com talento para moda. Tenho meu próprio estilo. Sou sincera. Tenho grande senso de humor. Generosa. Sensível. Espontânea. Ótima amiga para minhas amigas. Pontual. Meiga.

— Meiga? Aaaaa! Chato.

— Não, não é. E você é meiga — disse Izzie. — Quando você quer ser.

— Que tal: “Desenho umas roupas transadas e me acho o máximo?” — acrescentei brincando.

Izzie riu.

— Melhor isso: “Tenho um sutiã inflável e me acho o máximo”.

Paola e Izzie compraram um sutiã inflável décadas atrás, quando eu estava cheia de ser reta no peito. Está no mural do meu quarto, afixado embaixo de uma foto minha de quando eu tinha 12 anos.

— Talvez eu deva colocar na parte dele que ele deve gostar de meninas que têm seios parecidos com amendoins — eu disse.

— Ponha: “Gosta de meninas pequenas, tipo *mignon*” — disse Izzie. — Soa melhor.

Eu acrescentei isso na parte relativa a ele e, como a Izzie tinha instruído, embrulhei o papel num tecido e o coloquei na minha caixinha chinesa na gaveta do criado-mudo.

— Excelente — disse Izzie. — Agora vamos ver quando ele aparece. Pode até ser na sexta-feira. É aniversário do Bem, e os pais dele o deixaram dar uma festa na casa deles. Ele falou para eu convidar você, a Paola e a TJ. Você vai, não é?

— O Simon e o Steve vão? — perguntei.

— E o Lal — respondeu Izzie. — Mas haverá muitos outros garotos lá. Ia ser perfeito se o garoto ideal aparecesse.

Eu ri. Ela realmente acreditava em suas mágicas.

— É claro que irei — eu disse. — Vai ser divertido. — tenho de admitir que parte de mim esperava secretamente que a lista de desejos da Izzie funcionasse. Eu não tinha nada a perder indo lá descobrir.

Todas as meninas estavam lindas na festa. Izzie vestia um *top* branco rústico, uma saia franzida de sarja e botas tipo caubói; Paola estava com um vestido azul de alcinha; e TJ usava jeans, mas estava

com um corpete turquesa deslumbrante.

Eu estava vestindo uma roupa que tinha feito algumas semanas antes. Era um espartilho justo e vermelho, que amarrava nas costas, e uma saia de tafetá. O batom era vermelho-claro, para combinar com o espartilho. Eu me sentia bem. Muito no clima de paquerar.

— Você está linda — Izzie me disse. — *Sexy*.

— Pensei em fazer um esforço, caso o garoto dos sonhos esteja aqui — eu disse, rindo.

— Você parece uma personagem do *Moulin Rouge* — disse TJ.
— Cai bem em você.

— Obrigada — respondi, examinando cuidadosamente a sala. A primeira vista, o garoto dos sonhos não estava por perto. Havia muitos garotos lá, mas nenhum que chegasse perto de se encaixar na lista. Tinha um garoto magro, de cabelos escuros, no canto, e notei que ele estava de olho em mim, mas me virei. Definitivamente, não era meu tipo, embora fosse bom ser notada.

Conforme a festa se desenrolou, logo ficou claro quem estava em casal e quem era sozinho. Na sala da frente, alguém mudou a música e colocou um CD de baladas românticas; alguns casais levantaram para se abraçar e dançar coladinho. Decidi investigar o resto da casa e praticar minha paquera, mas cada cômodo que eu via parecia estar cheio de casais se beijando. A sala da frente, o saguão, o pequeno conservatório musical nos fundos da casa, todos os lugares. Os solteiros presentes perambulavam de cômodo em cômodo, tentando passar a impressão de que estavam se divertindo, mas eu tinha certeza de que alguns se sentiam como eu. Como se tivéssemos sinais de néon na testa, dizendo e “SOLTEIRO” ou “SOLTEIRA”. A única pessoa lá que parecia estar se divertindo sendo sozinho era o Lal. Até aquele momento, eu o tinha visto beijar duas meninas diferentes, uma no saguão e outra no alto das escadas.

— O que importa é a qualidade, e não a quantidade — eu disse

quando ele fez uma pausa entre uma menina e outra. — Essas duas sabem da existência uma da outra?

Ele abriu um sorriso.

— É claro que não.

— E você alguma vez pensou nos sentimentos delas?

— Ai, me deixa, Senhorita Comportadinha — ele disse. — Relaxa. Você leva as coisas muito a sério. Devia ser mais como eu. Divirta-se. Somos jovens, somos livres, não temos parceiros.

— Eu não quero ser como você. Quero sentir algo de verdade pelas pessoas que beijo — falei.

— Por quê? Vou lhe dizer uma coisa: não sabe o que está perdendo — ele disse, enquanto encarava uma menina morena e baixa, que parecia um pouco solitária. — De qualquer forma, tenho de ir. Tantas garotas, tão pouco tempo.

— Viu alguém que gostou? — perguntou TJ, quando fui à cozinha pegar uma bebida.

Fiz que não com a cabeça.

— Há mais garotos lá em cima. Por que você não vai dar uma olhada? — ela sugeriu.

Eu fiquei dando um tempo na escada atrás dela. Alguns garotos estavam no quarto do Ben jogando no computador dele. Dei uma olhada neles e balancei a cabeça.

— Não, obrigada — eu disse, e me virei para voltar lá para baixo. — Parece que todos eles já passaram da hora de dormir. Muito novos.

Foi então que eu o vi. Ele estava passando pela porta da frente e era lindo de morrer. Comecei a formigar. O garoto dos sonhos, com certeza, pensei.

Era o Tony.

Recuei e sentei no último degrau para que ele não pudesse me ver e observei-o pelos vãos do corrimão. Havia alguém com ele. Uma garota graciosa, com cabelos loiros, longos. Ela era muito, muito

bonita. Ele a pegou pela mão e a levou para a cozinha. Sem dúvida, queria ficar livre nas férias, pensei. Livre para sair com ela.

Logo depois, Paola subiu correndo as escadas.

— Aimeudeus — ela disse. — Desculpe, Lucy. Eu não sabia que ele vinha. Você quer que eu peça para ele ir embora?

— Não, não, não. É claro que não. Ele ia achar que eu ainda estou a fim dele — eu disse. — Vou me manter fora do caminho dele. Vai ficar tudo bem. Há quanto tempo ele está saindo com ela?

Paola encolheu os ombros.

— Nova para mim — ela disse.

— Bom, você não pode passar a noite toda aqui, escondida — disse TJ. — Parece que ele foi para a cozinha. Desça e vá para a sala da frente. E você, Paola, vá distrair o Tony.

Eu as segui, mas, de repente, não estava mais em clima de festa. Qual era o objetivo de praticar minha paquera com garotos em quem eu não estava nem um pouco interessada? Eu podia ouvir o Tony conversando na cozinha e rindo. Diabos! O que eu ia fazer?

— Paquere um dos garotos — disse TJ, vindo à sala da frente para se juntar a mim. — Aja como se você não ligasse, mostre que também superou isso.

Olhei para a variedade de garotos desengonçados em oferta e balancei a cabeça.

— Não, eu não quero entrar em joguinhos só para ver a reação dele. Olha, TJ, eu vou para casa. Vou sair rápido. Diga às meninas que fui embora.

Izzie se levantou do sofá onde estava sentada com Ben.

— Você precisa acertar as coisas com o Tony — ela disse. — Senão, isso vai sempre voltar à tona e acabar com sua paz de espírito. Lucy, pela sua felicidade interior, você tem de pôr em ordem qualquer coisa inacabada.

— É, está bem — eu disse, e me dirigi para a porta da frente.

Quando cheguei em casa, pensei no que Iz tinha dito quando

saí da festa. Algo sobre acabar tudo que foi deixado inacabado na sua vida. Ela estava certa. Era exatamente isso que eu precisava fazer. Então, devorei um pote de sorvete, uma barra de cereais e um pacote de biscoitos com uma dupla porção de chocolate.

Certamente, não eram essas as coisas que ela tinha em mente.



Capítulo 6



Conselhos familiares



No dia seguinte, mamãe me trouxe uma xícara de chá na cama.

— Você está bem, Lucy? — ela disse, sentando-se ao pé da cama.

Fiz que sim com a cabeça.

— Mais ou menos.

— A festa ontem à noite foi boa?

— Mais ou menos — respondi.

— As pessoas de sempre?

— É... e um monte de amigos do Ben. — Sentei-me, bebi um gole do chá e decidi me abrir com ela. — Todo mundo tem namorado, menos eu.

— O que aconteceu com o Tony? Achei que ele era seu namorado. Ou algo parecido.

— Ele está com outra pessoa. Estava lá com ela, ontem à noite.

— Ah, Lucy, coitadinha. Foi horrível, não?

— Mais ou menos — eu achava que meu rosto ia começar a enrugar. Eu sempre acabo na maior choradeira quando as pessoas são legais comigo. Eu sou assim, estranha.

— Mais ou menos — disse mamãe. — Ah, pelo menos é diferente da mesmice de todo mundo. Você quer falar sobre isso?

— É que... durante toda a semana, TJ, Paola e Izzie estavam numa missão para encontrar um garoto para mim, mas...

Mamãe fez que sim com a cabeça.

— Você não quer qualquer garoto?

— Exatamente. Sair e procurar por um garoto só aumentou a minha percepção de que eu não tenho um. Aí, ontem à noite, o Tony aparece com uma namorada nova, e agora estou começando a sentir que sou a única sem ninguém e que nunca vou conhecer alguém novo.

Mamãe pôs a mão no meu braço e apertou forte.

— Uma garota linda como você... é claro que vai.

— Não, não vou. Eu devo fazer algo que afasta os garotos. O que há de errado comigo?

— Errado com você? Nada.

— Ou talvez eu não devesse ser tão exigente. Talvez eu esteja mirando alto demais, em alguém que não existe. Talvez devesse sair com qualquer pessoa que estivessem disponível...

— Nunca — disse mamãe. — Você só não conheceu ainda o garoto certo. Eu me lembro que, quando era adolescente, costumava ser muito direta e dizer exatamente o que pensava, e isso definitivamente parecia assustar os meninos. Um amigo meu disse que eu tinha de aprender a pegar leve — que os garotos gostavam de meninas meigas como gatinhas e que eu deveria aprender a fechar minha boca. Credo, pensei. Eu nunca conseguiria ser uma daquelas garotas femininas e choronas, que não conhecem sua própria mente. Mas havia momentos em que eu duvidava de mim mesma e pensava: o que há de errado comigo? Achei que nunca iria conhecer o garoto certo ou alguém com quem eu pudesse ser eu mesma. Era bobagem. Quando você conhece o garoto certo, ele gosta de você exatamente do jeito que você é, e você não precisa fingir. Você tem de agüentar firme

até aparecer o carinha certo. Para você, e não para as suas amigas ou para outra pessoa.

— E como você sabe se é o certo?

— Você simplesmente sabe. Você não consegue parar de pensar nele. Fica feliz quando está perto dele. Mas, principalmente, porque você pode ser você mesma com ele. Mais você mesma do que com qualquer outra pessoa.

Eu concordei. Eu sabia o que ela queria dizer. Eu me sentia assim quando estava com o Tony.

— Eu vou sair agora — disse mamãe, levantando-se. — Dê uma deitada, sua sortuda. Férias. Quem me dera! E o papai pediu para eu lhe dizer que a proposta de ir para o *workshop*, no próximo final de semana, ainda está de pé, se você quiser. Nunca se sabe, você pode se divertir.

Eu fiz que não com a cabeça.

— Não, obrigada — ficar presa com um monte de adultos me esforçando para me contorcer em posições de ioga não era meu conceito de diversão. — Mas obrigada pelo chá e pela compreensão, mamãe.

— Sempre que precisar — sorriu mamãe, começando a cantar quando saía pela porta. — Um dia o príncipe da Lucy vai chegar.

— Mãe — gemi. — Deixe toda a casa ficar sabendo, está bem? — sinceramente. Ela conseguia ser muito amável e sensível num momento, e estragar tudo no seguinte.

Steve estava inclinado sobre uma xícara de chá na mesa da cozinha quando cheguei lá embaixo.

— O que há com você? — perguntei, olhando para sua cara triste.

— TJ vai viajar hoje — ele disse. — Escócia. Ela quer ligar para você antes de ir embora.

Claro. Ela estava indo de férias com o pai e a mãe. Pobre Steve, ele parecia estar bastante mal por causa disso.

— É só por uma semana — eu disse. — Você vai sobreviver.

— É... — ele disse, e depois deu uma olhada para mim. — Você está bem, depois de ontem à noite?

— É... — respondi, fazendo um esforço para falar a língua dele.

Isso era o máximo a que eu e o Steve conseguíamos chegar quando falávamos de sentimento. Ele não era muito bom para falar sobre os sentimentos dele, mas talvez seja só porque é meu irmão. Deve ser diferente com as outras pessoas. Às vezes, fico pensando sobre o que ele fala com a TJ. Ou talvez ele não fale. Talvez ela goste dos tipos silenciosos ou dos homens de poucas palavras, como “é” ou “nem”.

Lal, por outro lado, é diferente em tudo. Ele é como a Paola: diz o que pensa, pergunta o que quer saber.

Os passos nas escadas anunciaram sua chegada; ele entrou na cozinha e pegou uma grande tigela de cereais.

— Então, Lucy — ele disse, sentando do lado oposto ao meu na mesa. — Ouvi falar que você saiu cedo da festa do Ben ontem à noite. O que rolou lá?

— E quem é você? — perguntei. — A Santa Inquisição?

Ele não entendeu.

— Você e Tony sim? Ou você e Tony não? Vocês terminaram? Ele terminou com você, não é?

Discreto como sempre, esse meu irmão.

— Nós nunca estivemos juntos, juntos de verdade — eu disse.
— E não, ele não deu um fora em mim, ele...

— Quer que eu dê uma surra nele?

Eu ri. Eu sabia que ele não estava falando sério.

— Quero. Como se você conseguisse.

— Ninguém mexe com a minha irmã — ele disse. — Você está chateada?

— Vou sobreviver.

— Isso significa que você está.

— Deixe ela em paz — disse Steve.

— Os garotos só se interessam por uma coisa — disse Lal. — Ele terminou com você porque você não queria... você sabe... liberar?

— Lal — disse Steve. — Isso não é da sua conta.

— Ele nunca disse nada a respeito disso — falei —, mas provavelmente teve a ver com isso.

— Então libere — disse Lal. — Aí ele vai aceitar você de volta.

— E desde quando você se tornou um especialista em relacionamentos? — perguntei.

Lal encolheu os ombros.

— Os garotos gostam de meninas que liberam. Todos sabem disso.

Comecei a ficar realmente zangada com ele.

— E o que aconteceu com a sua filosofia “trate-os mal para mantê-los interessados?” — perguntei. — No mês passado, foi isso que você me disse. Você não pode seguir dois tipos de regra diferentes. Eu não posso liberar e “tratá-los mal para mantê-los interessados”, posso?

Lal pareceu confuso por um momento.

— E desde quando sua visão atraiu as garotas? — continuei. — Eu sei que você deve ter beijado muitas, mas quantas delas quiseram um relacionamento direito com você? Você nunca teve uma namorada de verdade, então não pode falar nada.

— Eu não quero uma namorada — Lal disse, mal-humorado. — As meninas não são nada mais do que problemas quando você as conhece direito.

— Nem todos os garotos são como Lal — disse Steve. — Alguns garotos gostam de meninas pela sua companhia.

— Quem você está tentando enganar? — perguntou Lal. — Eu só estou tentando ser sincero aqui.

— Eu também — disse Steve. — Eu quero ficar com uma garota que tenha uma personalidade legal. Com quem eu goste de estar. Você só quer beijar o quanto puder, para poder se gabar disso aos amigos.

— E o que há de errado nisso? Não, ouça meu conselho, Lucy. Libere.

— O quê? Para que ele possa me colocar na sua lista de conquistas dele? — perguntei. — Há muito mais em relacionamentos do que ganhar pontos, você sabe.

Lal tem uma lista atrás da porta dele: a Lista do Beijo. Ele e seu amigo Harry estão competindo para ver quem beija mais meninas por semana. Quando um deles sai com uma, chega em casa e marca na lista. Como o Lal na festa: eles não são nem um pouco exigentes com as meninas que beijam, não importa nem mesmo se gostam da menina, desde que seja uma conquista para colocar na lista. Lal está vencendo por duas nesta semana.

— Você devia ser mais como eu — disse Lal. — Não se prenda a uma pessoa para acabar se machucando. Atue em várias frentes. Você precisa de mais experiência. Beije muitos garotos e aumente sua confiança.

Eu já estava cheia.

— Acho que vou ligar para a TJ — eu disse, levantando. — Muito obrigada pelos conselhos, garotos. Sou muito sortuda de ter irmãos como vocês. O “é” do Steve e o seu “libere”, Lal. Obrigada, realmente ajudou.

Eu não podia acreditar. Lal parecia muito satisfeito. Talvez tenha acreditado que eu estivesse realmente falando sério quando agradei!

Depois que liguei para TJ para desejar-lhe boas férias, Paola ligou para perguntar se eu estava bem após os acontecimentos de

ontem à noite.

— Estou bem — garanti. — Talvez o problema não fosse tão grande se vocês não ficassem toda hora me lembrando disso. Então, primeiro, eu quero que vocês parem de tentar encontrar garotos para mim. E, segundo, não se preocupem.

— Então você não quer saber sobre o Tony?

— É... talvez.

— Ele disse que tentou ligar para seu celular centenas de vezes, mas você o mantém desligado, então pediu que eu falasse para você ligar para ele.

— Eu não tenho nada a dizer para ele — argumentei. — De qualquer forma, ele tem uma namorada nova agora, então por que quer falar comigo?

Parte de mim esperava que ela dissesse que era porque ele tinha percebido que havia cometido um erro terrível e queria mesmo era ficar comigo.

— Ele disse que ainda quer que vocês sejam amigos — disse Paola.

— E nós todas sabemos o que isso significa, não é?

— Acho que sim — concordou Paola.

— Então, quem era a loira que estava com ele?

— O nome dela é Geórgia. Ele a conheceu na pista de boliche.

— Eles estão saindo juntos?

Paola permaneceu em silêncio por alguns minutos.

— Parece que sim. Eu sinto muito, Lucy.

— Você disse a ele que eu estava lá ontem à noite e que tinha ido embora?

— Não. E claro que não. O ego dele já está inflado o suficiente. De qualquer forma, o outro motivo pelo qual liguei é para perguntar se você quer vir aqui.

— Ah, Paola, ainda não. Eu ainda não estou pronta para encará-lo. Dê-me alguns dias mais, ou me ligue quando ele não

estiver aí.

— Está bem, me liga mais tarde, tá?

— Paola, eu estou bem. Você não tem de conferir como estou a cada cinco minutos.

— E que tal a cada hora, então?

— Está bem — eu disse. — Mas não se preocupe, tenho um monte de coisas para fazer.

Desliguei o telefone e pensei: “Um monte de quê, precisamente?”. Era só a primeira semana das férias, e eu estava tão desesperada para arranjar coisas para fazer que mesmo pensar em ir para a escola parecia atraente. Não era para ser assim, pensei, olhando fixamente para fora pela janela.

Cinco minutos depois, Izzie ligou.

— Você nunca vai adivinhar — ela disse.

— O quê? — perguntei, temendo o pior: que ela tinha encontrado um garoto para mim e que ia arranjar um encontro às cegas.

— Minha mãe viu uma propaganda na loja do seu pai. Sobre um *workshop* em Devon. Voltar a sua essência, ajudar a relaxar e encontrar o equilíbrio neste mundo agitado, diz o cartaz. Bom, ela quer ir. Nós estamos falando da minha mãe aqui, Lucy! A mãe mais careta entre as mães caretas. Ela quer ir e relaxar... Seu pai também vai, não é?

— Vai — eu disse. — É organizado por uma amiga dele. Ele pediu que eu fosse, mas eu disse que não ia de jeito nenhum.

— Minha mãe já reservou para nós duas, então eu estarei lá — disse Izzie. — Ah, por favor, venha também. Vai ser demais! Nós vamos nos divertir se formos as duas.

De repente, a idéia parecia atraente. Uns dias saindo com Izzie, sem Ben, sem garotos. Nós não teríamos de assistir a todas as aulas. Poderia ser divertido.

— Bom, eu acredito que... — comecei.

— Excelente — disse Izzie. — Então está combinado. Arrume suas coisas.



Capítulo 7



Esquisitões do workshop

O *workshop* ia acontecer no solar de uma antiga casa de fazenda, no topo de uma colina, perto de Bigbury, em Devon. Papai e eu fomos de carro na sexta-feira à tarde, e Izzie e a mãe dela chegaram logo depois. A vista do estacionamento era deslumbrante, e lá longe dava para ver o mar.

Uma moça loira bonita, usando agasalho esportivo, veio nos receber, seguida imediatamente por um labrador preto bagunceiro. Ele foi direto até a Sra. Foster, assim que ela saiu do seu Jaguar, e enfiou o focinho bem na saia dela.

— Ele certamente está na mesma categoria de pensamento que o Lal — dei uma risadinha para a Izzie, enquanto olhávamos a mãe dela tentando afastar o cachorro com uma mão e, com a outra, lutando com uma das muitas malas Louis Vuitton.

— Desculpe-me pelo Digby — disse a moça de agasalho, agarrando-o pela coleira e afastando-o. Ela estendeu a mão na direção da Sra. Foster. — Oi, eu sou Chris Malloy e, como vocês já deduziram, este é o meu cachorro, Digby. Ele ainda é novo e costuma ficar alegre demais quando temos visitas.

— Ela não vai gostar — sussurrou Izzie, quando sua mãe abriu

um sorriso contido para Chris. — Você sabe como ela se sente com relação aos cachorros. Todo esse pêlo e essas patas com lama...

Eu ri. Eu sabia exatamente como ela se sentia com relação aos cachorros. Eu nunca podia levar os nossos para a casa da Izzie se fosse visitá-la, quando estava passeando com eles. A Sra. Foster tem uma coisa por limpeza. Ela é impecável, sua casa é impecável, seu carro é impecável. Izzie sempre brinca que ela usa desinfetante em vez de perfume. “Isso ia ser interessante”, pensei, enquanto a via cambaleando sobre seu salto alto em direção ao porta-malas do carro.

— Quanto tempo ela acha que esse *workshop* vai durar? — perguntei a Izzie, ajudando-a a descarregar o porta-malas. Ela parecia ter trazido bagagem suficiente para três meses.

— Ah, você sabe como é minha mãe — disse Izzie. — Ela tem de ter a roupa certa para cada ocasião.

— Eu acho que as pessoas não esperam que ela se vista assim para o jantar num lugar como este, e sim com agasalhos esportivos e camisetas. E salto alto no campo?

— Tente dizer isso à minha mãe — suspirou Izzie, que, como eu, estava vestindo jeans e tênis. — Qualquer um acharia que vamos nos encontrar com a rainha, só pelas roupas que ela trouxe.

Chris mostrou-nos os arredores da casa de fazenda e onde iríamos dormir, e pude ver na hora que a Sra. Foster não tinha aprovado.

— Suponho que temos cada um seu quarto privativo — ela disse, franzindo as sobrancelhas, quando Chris mostrou um dormitório branquinho, nos fundos da casa, com beliches. — Quero dizer, isso deveria ser um final de semana de descanso e relaxamento.

— Nós acreditamos que isso faz a atmosfera ser melhor — Chris sorriu. — Todos conseguem se conhecer mais rapidamente desse jeito. Logo, vocês estarão se dando bem com todos como se

fossem velhos amigos.

— E tem um homem das cavernas que mora na minha geladeira — sussurrei para a Izzie, quando olhei para as outras mulheres que estavam desfazendo as malas para o final de semana. Havia cinco delas: duas mulheres com óculos e cabelos grisalhos longos, que pareciam irmãs e estavam vestidas com o tipo de roupa que minha mãe usa, por exemplo: cardigã de um bazar de caridade e saias longas hippies; uma mulher mais nova com o cabelo curto e arrepiado, com mechas cor-de-rosa, e um *piercing* no nariz; uma loira esguia, que estava sentada na ponta da cama, numa pose de meditação, com os olhos fechados; e, finalmente, uma mulher bem rechonchuda com dentes grandes, que estava se servindo de um sanduíche e um frasco de chá. Elas olharam para nós quando entramos, e a rechonchuda fez um aceno.

— Oi, eu sou Moira — ela disse, e indicou as camas, estendendo a mão. — Você tem alguma preferência de lugar para dormir?

— O mais longe possível daqui — sussurrou a Sra. Foster, virando-se. — Izzie, acho que não vou conseguir fazer isso.

— Ah, vamos lá, mãe, vai ser divertido. É como um acampamento para adultos.

— É... divertido — disse a Sra. Foster, não convencida.

Izzie e eu pegamos os beliches no canto, deixando a Sra. Foster ficar com o beliche acima de Moira. Era de morrer de rir. Todo mundo olhava para ela enquanto desfazia as malas e dominava o armário com suas roupas. Quando ficou cheio, ela pendurou ainda mais na madeira na ponta da cama e nas madeiras da ponta das nossas camas.

Depois de meia hora, Chris apareceu com a cabeça na porta.

— Quando tiverem terminado, nós serviremos chás de ervas na sala de jantar, aí nos juntaremos para as instruções e para o cronograma.

— Chá de ervas — disse a Sra. Foster, torcendo o nariz. — Eu faria tudo por uma xícara decente de café depois de pegar a estrada.

— Cafeína — interveio a moça loira e esguia — aumenta os batimentos cardíacos, e nós viemos aqui para relaxar.

Moira piscou o olho para a Sra. Foster.

— Por isso o frasco — ela sussurrou. — Às vezes, me dá vontade de tomar um café decente. Alguém quer um sanduíche de ovo e agrião?

A pobre Sra. Foster parecia ter caído num campo concentração.

— Vamos, mãe, vamos encontrar os outros — disse Izzie, conduzindo-a até a porta.

Na sala de jantar, os homens já tinham se reunido e estavam à toa, bebendo canecas de chá.

— Um pouco simples demais — disse a Sra. Foster, olhando para as paredes de tijolo, mesas longas e bancos de pinho. — Quando a propaganda dizia “voltar às raízes”, eles estavam falando sério.

— Ai... meu... Deus... — sussurrou Izzie, olhando para os homens. — Qual deles você quer?

Havia cinco homens, incluindo meu pai, que estava conversando com Chris perto da cozinha. Um deles era careca e muito gordo, e estava suando excessivamente num terno verde-limão. Um outro tinha cabelos grisalhos, calças muito curtas e sandálias de dedo. O terceiro homem estava usando uma camiseta e um sarongue, e tinha *dreadlocks* loiros compridos. E o quarto tinha um metro e noventa, muito magro, e usava uma bermuda de ciclismo de *lycra* para exhibir seus joelhos salientes.

— Eu vou querer o todo enrugado — sussurrei de volta. — Você pode ficar com o Sr. Dreadlock, para deixar o Bermuda de Ciclista para sua mãe.

A Sra. Foster, por acaso, ouviu.

— Muito obrigada — ela disse, e deu uma risadinha. — E...

ãhn... aquela bermuda não deixa muito espaço para a imaginação, não é?

— Mãe — disse Izzie, num tom de voz firme —, comporte-se — mas eu pude notar que ela estava aliviada por sua mãe estar começando a relaxar um pouco.

A gente estava se sentando para beber nosso chá de camomila, e Chris veio se juntar a nós.

— Eu sei que todo mundo é mais velho que vocês — ela disse para Izzie e para mim —, mas meu filho Daniel estará amanhã aqui. Ele tem 16 anos, então ao menos vocês terão alguém da mesma idade para lhes fazer companhia.

— Se ele for semelhante a esse grupo, eu mal posso esperar para conhecê-lo. Mentira — sussurrou Izzie quando Chris se deslocou para conversar com os outros. — Já pensou se ele for um tipo de sandália de dedo ou de jaqueta?

— Desde que ele não use bermuda de ciclismo — brinquei. Mas eu não liguei muito. Eu estava começando a me divertir, mesmo com a diversidade de hóspedes esquisitos e muito mais velhos que a gente. Eu não sentia que eu era solteira ali. Eu era somente a Lucy. E Izzie era somente a Izzie de novo, e não Izzie e Ben.

Depois do chá e do pão de centeio que tinha gosto de papelão, Chris pediu que sentássemos em círculo e jogou uma bola de praia no meu pai.

— Vamos lá — disse Chris. — Quem receber a bola, fala um pouco sobre si, por que está aqui e o que espera do final de semana. Ao terminar de falar, passa a bola para outra pessoa.

A Sra. Foster parecia que ia vomitar.

— Espero que não tenhamos de nos abraçar depois disso — ela sussurrou para Izzie.

— Oi. Eu sou Peter Lovering — disse papai. — Sou de Londres

e dirijo uma loja de produtos naturais. Estou aqui pelo descanso e pelo relaxamento.

Todos murmuraram em tom de aprovação quando papai jogou a bola para a moça loira e esguia que tínhamos visto meditando no quarto.

— Oi. Eu sou Sylvia. Estou trabalhando para ter uma mente e um corpo puros, e sou especialista em irrigação de cólon. — Mais murmúrios de aprovação, mas eu não pude resistir.

— Deve ser uma droga de emprego — sussurrei para a Izzie, cujos ombros começaram a tremer com o riso contido.

— Eu sou Moira e acabei de me divorciar, então tudo tem sido muito estressante para mim ultimamente... Eu faço massagem sueca.

— Eu sou Priscila — disse uma das mulheres de cabelo grisalho. — Trabalho como jardineira e quero me encontrar.

Eu não precisei dizer nada, porque Izzie virou-se para mim e soltou:

— Não precisa ir muito longe, então. Ela está logo ali na cadeira!

— Eu sou Jonathan, mas meus amigos me chamam de Tabula — disse Dreadlocks. — Meu terceiro olho foi recentemente aberto numa viagem para Goa. Preciso fechá-lo novamente, já que não consigo ter as visões interiores...

Eu não podia olhar para a Izzie, pois temia cair no riso.

— Eu sou Nigel — disse o Bermuda de Ciclista. — Quero respirar um pouco de ar puro.

— Não devia usar a bermuda tão apertada, então — foi meu comentário dessa vez.

— Oi, eu sou Grace — disse Mechas Cor-de-Rosa —, trabalho como cozinheira vegetariana e queria um tempo livre para mim.

Ela jogou a bola para Izzie.

— Eu sou Izzie — ela disse. — Tenho 14 anos. Gosto de

astrologia, cristais, *feng shui*, aromaterapia, auto-ajuda. Eu vim com a mente aberta — murmúrios de aprovação. — Ah, e também gosto de bruxaria. — aí os murmúrios de aprovação viraram olhares de preocupação, especialmente da sua mãe. Ela jogou a bola para a mãe.

— Eu sou Laura Foster. Trabalho com finanças e, como minha filha sempre me diz — ela sorriu para Izzie —, preciso encontrar algum equilíbrio na minha vida.

Ela jogou a bola para mim.

— Eu sou Lucy. É... — eu disse, ficando vermelha. Eu não podia dizer que tinha ido à toa e que usara esse *workshop* como desculpa para passar mais tempo com a minha amiga. — É, ähn, eu... que seja. Mente aberta, para ver o que acontece. Sim... ähn, isso é tudo. — Joguei a bola para a segunda mulher de cabelo grisalho, mas devo ter jogado mais forte do que a minha intenção, já que quebrei os óculos dela. “Aimeudeus, me desculpe, me desculpe.” Eu me levantei num pulo. — Você está bem?

Ela ajustou os óculos e me deu um olhar de repreensão.

— Eu sou Prudence. Trabalho numa biblioteca de escola e preciso ficar um pouco longe de todas as crianças barulhentas com as quais lido todos os dias.

“Ops”, pensei. “Fiz uma amizade para a vida toda, então.”

O próximo era Hupert, o cara barbudo. Ele era osteopata.

— Aposto que ele sabe como se divertir — eu disse para Izzie.

Aí, Eric, o homem careca, disse que estava lá porque sua esposa havia lhe dito que o deixaria se ele não aprendesse a relaxar.

— Bem, vocês todos vieram ao lugar certo — disse Chris, levantando-se e entregando um papel para cada um de nós. — Hoje à noite não faremos muita coisa... Somente deixar que vocês se instalem e relaxem. Aí, amanhã, começamos. A programação está aí, no papel que receberam. Então dêem uma olhada rápida e, se houver alguma pergunta, não hesitem.

Dei uma olhadela no papel.

6h: Prática de ioga: saudação ao sol.

Meditação.

— Seis da manhã — disse a Izzie. — Você quer dizer que há duas “seis horas” num dia?

Izzie deu um soco no meu braço.

— E você vai estar acordada, se depender de mim.

— Mas o final de semana é relaxamento. Nós deveríamos estar dando uma cochilada — voltei a ler o papel.

7h: café da manhã

8h: caminhada revigorante em grupo

10h: chá

Eu tinha chegado perto das dez e meia e tive de morder os lábios para não cair no riso. Dizia que haveria um bate-papo sobre como superar a dependência e parar de fazer coisas que não eram boas para você, como cigarros e álcool. Chamava-se “Livre-se da Muleta em Devon”. Izzie também tinha visto e eu notei que ela também estava se contendo. Seus ombros estavam se mexendo para cima e para baixo, à medida que ela continuava a ler o cronograma.



12h30: almoço

14h: workshop de massagem

15h30: chá

16h: seção de aconselhamento grupai

17h: jantar

18h30: demonstração de "cozinhar para acalmar", depois um jogo de relaxamento e relaxamento propriamente dito.

— Gostei do almoço — eu disse à Izzie.

— Não. Vai ser tudo brilhante — ela disse. — Especialmente quando conseguirmos nos livrar da muleta.

Isso fez com que nós duas começássemos a gargalhar de novo; tivemos de sair da sala fingindo um ataque de tosse.

Capítulo 8



A Sra. Foster agüentou uma noite.

Enquanto o resto de nós estava de pernas cruzadas na sala de meditação na manhã seguinte, cantando “om mani padme hum”, ela estava no celular tentando freneticamente encontrar o hotel cinco-estrelas mais próximo com uma suíte. E hidromassagem.

— Desculpe — disse Izzie no café-da-manhã —, acho que o ronco sincronizado da Prudence e da Priscila foi a gota d’água. Aí, quando a Moira começou a peidar pra valer...

Izzie parecia encabulada.

— Vamos logo depois do café-da-manhã. Ela quer que a gente tenha certeza de que o quarto é decente. Mas eu vou fazê-la voltar assim que fizermos o *check-in*. Provavelmente depois do almoço.

E assim Izzie e a Sra. Foster desapareceram pela avenida, obrigando-me a me livrar da muleta sozinha.

Começamos com a caminhada, que foi boa até Chris nos obrigar a parar nos limites da cidade para fazermos alongamento. Havia um monte de crianças locais matando tempo perto de um orelhão, e elas pareciam achar a cena daqueles esquisitos tão diversificados esticando-se para alcançar o dedão do pé algo

altamente divertido. Eu queria que se abrisse um buraco no chão e me engolisse.

Depois disso, começou o papo de livrar-se da muleta. No final, foi interessante, mas não foi metade do que seria engraçado se a Izzie estivesse lá para sentar nos fundos comigo e ficar dando risadinhas. O palestrante falou sobre administração do tempo e deu toda uma série de alternativas à opção de gim-tônica com cigarros após o trabalho ou à opção de se encher de comida quando se sente infeliz. Suponho que chocolate e sorvete são minhas muletas quando estou para baixo, mas reconheço que, se você não fizer em excesso, às vezes o apoio pode ajudar, especialmente se é feito de chocolate com nozes.

Após um almoço nada inspirador de nozes torradas e lentilhas, ainda não havia sinal de Izzie ou de sua mãe, então voltei para o dormitório e telefonei para ela do meu celular.

— Quando você vai voltar? — perguntei.

— Ai, Lucy, desculpe. Minha mãe amou aqui e eu tenho de dizer que é bem legal. Camas enormes, banheiros idem, sofás confortáveis por toda parte e todas as revistas atuais. Você ia amar — todas as grandes revistas, como *Vogue*, *Tatler* e *Harpers* e...

— Sim, mas quando você vai voltar para o campo de concentração?

— É essa a questão — disse Izzie. — Eles têm um salão de beleza aqui e a mamãe reservou a tarde inteira para se mimar. Ela disse que esse era mais o tipo de final de semana que ela tinha em mente. Auto-indulgência total e ficar deitada por aí só sendo servida. Sinto muito. Você sabe que eu adoraria estar aí com você, mas ela marcou uma manicure para mim.

Olhei para o nosso dormitório, que agora tinha o cheiro dos sanduíches de ovo e agrião da Moira. Eu não conseguia parar de desejar que a Sra. Foster tivesse me levado junto. Na verdade, comecei a desejar que eu não tivesse nem vindo, considerando que a

idéia fora da Izzie.

— Olhe — disse Izzie, lendo meus pensamentos —, você tem de vir para cá e ver este lugar. Por que não perde a sessão depois do chá e vem para cá? Não é longe. É à esquerda do vilarejo que você pode ver no fim do morro. Pergunte por Montburry Lodge, caso se perca. Um hotel grande e antigo, com vista para a baía.

— Fantástico — eu disse, e começava a me animar novamente. — Eu vou para aí.

Talvez eu possa ter chá, bolinho e creme azedo. Deitar num sofá espaçoso e ler a nova *Vogue*. O final de semana prometia.

Juntei-me a todos na sala de meditação para a sessão de massagem, pensando que, pelo menos, isso seria divertido. Talvez não tão luxuoso quanto o hotel, mas seria uma massagem de qualquer jeito.

Após a professora ter feito uma demonstração, colocamos esteiras no chão e eu fiz par com Prudence. Eu ia começar massageando, então segurei a toalha para que ela pudesse se despir com privacidade. Ela deitou-se na esteira e fez uma massagem suave. Paola teria um ataque se a visse, pensei, enquanto massageava as pernas dela. Ela não depilava as pernas fazia anos, e sua panturrilha era tão peluda quanto a de um homem.

Aí foi a vez de ela fazer em mim. Eu me deitei na esteira e fechei meus olhos, pronta para receber uma boa e relaxante massagem. Infelizmente, entretanto, Prudence viu aquilo como uma forma de se vingar de mim, depois que quebrei seus óculos na noite anterior. Ou talvez vingança de todas as crianças que alguma vez a irritaram na biblioteca. Ela estava na escola de massagem dos construtores. Tapa, pancada, soco, o mais forte que podia.

“Esta não é minha idéia de diversão”, pensei, quando deitei lá com meu pescoço torcido para um lado, enquanto uma louca de

axilas peludas canalizava sua raiva para mim. Papai tampouco parecia estar se divertindo, já que estava com o homem careca massageando-o e este aparentava ter aprendido massagem na mesma escola de Prudence.

Parecia que todos tinham procurado se assegurar de que não houvesse muita carne exposta e que estavam com calor e cobertos por toalhas. Isto é, exceto o Bermuda de Ciclista. Ele parecia não ter nenhum tipo de inibição e andava com uma sunga azul surrada. Fechei os olhos rapidamente e imaginei o tanto que eu e Izzie teríamos rido se ela estivesse ali. Quando Prudence me arrancou as pernas do quadril, virei o pescoço para o outro lado e olhei para meu relógio. Faltavam 20 minutos. Argh argh arrghhh.

Papai não apresentou nenhuma objeção à minha opção de não ir à sessão de aconselhamento em grupo, quando falei para ele que queria me encontrar com Izzie.

— Acho que você já teve uma boa dose dessa conversa de doido na mesa da cozinha de casa, então tudo bem, vá — ele disse. — Na verdade, vou dar uma carona a você até lá.

Quando chegamos ao vilarejo, perguntamos onde era o hotel e ele me deixou numa praça pequena em frente a um caminho de rododendros que conduzia ao hotel.

— Ali está — ele disse, apontando para um portão com um sinal de bronze que dizia Montbury Lodge. — Você pode voltar sozinha ou pedir à Sra. Foster para levar você? Se houver algum problema, ligue para mim no celular. Eu... é... tenho algumas coisas para fazer antes de voltar.

Enquanto andava em direção ao hotel, eu me virei para acenar para meu pai, mas ele já havia parado o carro e andava determinado em direção a um prédio à esquerda da praça. Tive de rir quando vi o que era: o bar local.

Senti-me levemente intimidada quando fui à recepção do hotel e vi que era tão majestosa. Aí me lembrei do que Paola sempre me

dizia quando eu me sentia assim — que as pessoas só conseguem fazer com que você se sinta inferior se você lhes dá permissão para tal. Pertença a esse lugar tanto quanto qualquer pessoa, pensei, e assumi um ar imponente do alto do meu 1,43 metro de altura. Aproximei-me da mesa e pressionei a campainha. Olhei ao redor, para a enorme lareira de mármore, os sofás macios, os móveis polidos e os vasos gigantes de lírios frescos por toda parte. Alguns hóspedes estavam sentados numa sacada na recepção, servindo-se de chá. Excelente, pensei, pressentindo o que eu iria tomar em cerca de 15 minutos.

— Posso ajudar? — perguntou uma moça de óculos, que aparecera atrás da mesa.

— Sim, eu estou com a Sra. Foster e a filha dela — eu disse.

— Você as perdeu — disse a moça. — Elas saíram faz cerca de 15 minutos. Você quer deixar um recado?

— Ahn, não, obrigada — eu disse e voltei pelo longo caminho novamente.

“Por que ela não ligou para mim?”, pensei, quando cheguei aos portões e alcancei meu celular na bolsa. Eu não consegui achar e percebi que devia ter deixado no dormitório na hora em que liguei para Izzie. Olhei para ver se o carro do papai estava lá ainda e vi que ele tinha acabado de entrar e estava prestes a ir embora. Eu me lancei para fora dos portões e esbarrei em alguém que estava andando e falando no celular. O telefone dele voou da mão e caiu na calçada.

— Ei! Olhe por onde anda — ele gritou quando se abaixava para pegar o telefone.

— Ai, desculpe — eu disse. — Eu sinto muito. Você está bem?

— Estou, mas não sei ao certo se meu telefone está — disse o garoto, apertando algumas teclas e colocando o celular no ouvido.

— Ê, não foi por querer... — eu disse, enquanto via papai indo embora com o carro. — Eu estava...

— Você estava sonhando à luz do dia.

— Eu estava tentando alcançar meu pai, na verdade — eu disse. Aí ele se virou para me encarar direito e eu tive de segurar minha respiração. Ele era bonitinho. Na verdade, mais do que bonitinho, bonitíssimo. Loiro, com olhos bem azuis e um maxilar de matar. — O seu telefone está bem?

Ele discou um número e começou a ir embora.

— Sim, mas não graças a você.

Provavelmente, o vilarejo deve morrer de amores por ele, pensei. Provavelmente, deve haver um milhão de garotas atrás dele. Não esta, pensei. Fiz uma careta pelas costas dele. Não gosto de garotos que nem ao menos fazem um esforço para serem legais, não importa quão bonitos sejam.



Capítulo 9



Havia três mensagens da Izzie no meu celular quando voltei para o dormitório.

— A mamãe trombou com uma amiga da cidade — dizia a primeira. — Ela estava fazendo tratamento facial no salão do hotel. De qualquer forma, essa amiga tem uma segunda casa aqui e insistiu que fôssemos jantar. Então, não venha hoje. Ligue para mim para que eu saiba que você recebeu a mensagem.

— Onde está você? — dizia a segunda. — Minha mãe falou que você pode ir também, então me ligue. Nós estamos saindo daqui a uma meia hora.

— Estamos a caminho — dizia a terceira. — Espero que você receba as mensagens. Telefone para mim assim que receber isso.

Liguei para ela logo em seguida, explicando que eu tinha aparecido no hotel e que não as havia encontrado.

— Oh, sinto muito, Lucy. Eu me sinto péssima, especialmente porque fui eu que a convenci a vir para esse *workshop*. Olha, minha mãe vai sair amanhã com a amiga dela, Kay, e eu não quero sair com elas, então vou levantar cedo para passar o dia aí. Você está bem?

— Estou — eu disse. — Vou sobreviver. Hoje à noite tem visualização grupai, e depois relaxamento ou algo do tipo.

— Parece perfeito. Amo fazer visualizações. Eu queria estar aí.

— E eu queria estar aí — eu disse, e contei sobre todos os eventos e aulas do dia. — Teria sido o máximo se você estivesse aqui.

— Eu sei — ela disse. — Eu me sinto péssima por ter deixado você aí, mas vou compensar isso de manhã, tá?

— Tá.

Depois da ligação, fui para a sala de meditação, onde os outros já estavam deitados no chão, em esteiras. Chris tinha colocado algumas velas e acendido uns incensos; e, ao fundo, tocava uma música suave, meio Nova Era. A sala era confortável e acolhedora, e as esteiras, convidativas. “Isso eu posso fazer”, pensei, enquanto engatinhava, deitava perto da porta e fechava os olhos.

A voz suave da Chris começou a nos levar para a visualização.

— Sinta-se ficando sonolento, seguro e relaxado. Seu corpo parece pesado, seus membros parecem moles e quentes. A única sensação da qual você se dá conta é sua respiração, subindo e descendo como ondas brandas na beira do mar. Você se sente em paz, relaxado, quente, pesado...

Adormeci em segundos. A próxima coisa de que eu me lembro foi que as luzes se acenderam e a sessão havia terminado.

— Isso foi fantástico — disse Sylvia. — Fui para um lugar realmente adorável. Um jardim e um mar... Como foi para você, Lucy?

— Ahn, é, muito relaxante — eu disse, esfregando os olhos. Eu não estava me sentindo muito culpada, já que parecia que eu não era a única que tinha cochilado. Metade dos hóspedes ainda estava letárgica no chão: Moira estava babando na esteira dela, e Prudence e Priscila estavam de novo roncando de forma sincronizada. Como

todo mundo tinha começado a se afastar rumo aos dormitórios, prestei atenção em alguém na esteira, na frente da sala. Ele não estivera ali durante o dia e estava sentado de costas para mim. Ah, deve ser o filho da Chris, pensei, quando levantei para ir embora. Aí ele se virou e olhou para a frente. Fiquei de queixo caído quando vi quem era. O garoto do vilarejo, cujo celular eu destruía.

— Você? — ele disse, levantando-se e vindo na minha direção.

— Você? — eu disse.

— Daniel, esta é Lucy; Lucy, este é Daniel — disse Chris, juntando-se a nós.

— Sim — disse Daniel, parecendo muito desinteressado —, nós já nos conhecemos. Ou melhor: trombamos um com o outro no vilarejo.

Eu enrubesci e fui direto para a porta. Papai me seguiu e me alcançou no saguão.

— Isso não foi muito amigável — ele disse. — Onde estão seus modos?

— Eu diria: onde estão os dele? — respondi. — Trombei com ele acidentalmente no vilarejo e, quando fui me desculpar, ele não deu a mínima.

— Vamos lá, Lucy — disse papai. — Isso não é do seu feitio. Você tem de fazer um esforço.

— Certo — eu disse, pensando que de jeito nenhum faria esse esforço, pelo menos não até que ele aprendesse a aceitar direito um pedido de desculpas.

Voltei para o dormitório, onde parecia que o amor estava no ar. Grace, Priscila e Moira estavam todas sentadas na cama da Moira dando risadinhas, como meninas colegiais. Aparentemente, Grace tinha se apaixonado pelo Jonathan, ou Tabula, como ele mesmo gostava de ser chamado. Moira tinha trocado telefones com o Bermuda de Ciclista e Priscila tinha um encontro com Hubert, o osteopata.

— Onde está Sylvia? — perguntei, pensando que talvez eu pudesse conversar com ela ou jogar gamão ou algo do gênero.

— Ela voltou para Londres para procurar um amigo que estava passando por uma crise de cura — disse Prudence do beliche, de onde ela escutava às escondidas a conversa dos outros, enquanto fingia ler. Ela parecia desconcertada com o fato de ter rolado algo para Priscila e para ela não.

Então, somos eu e você, amiga, pensei. As solteironas. Eu me sentia solitária lá sem a Izzie para conversar e pensei em dar uma volta e tentar ser amigável com Prudence. Mas ela estava definitivamente de mau humor. Colocou fones de ouvido e começou a ler. É como estar no Big Brother, pensei, e você, querida Prudence seria a primeira a ser votada para sair.

No final, decidi que queria dormir cedo. Eu tinha tido um dia longo e nós tínhamos as seis horas da manhã como ponto de partida no dia seguinte.

Izzie foi fiel a suas palavras e apareceu logo depois do café-da-manhã do domingo. Ela estava toda animada quando se sentou ao meu lado na mesa do café.

— Lucy, acabei de conhecer o Daniel. Você o viu? Ele é lindo de morrer. E tão doce. Nós precisamos descobrir se ele é solteiro.

— Ai, Izzie, dá um tempo. Achei que nós tínhamos abandonado essa história sem sentido de “Vamos encontrar um par para a Lucy” em Londres. Eu o conheci e não gosto dele.

Naquele momento, a porta da sala de jantar foi aberta e Daniel entrou. Passou por entre os hóspedes, conversando, sorrindo e providenciando o que eles quisessem da cozinha.

— O que há para não gostar? — perguntou Izzie, enquanto o via se deslocar pela sala. — Ele parece ser muito amigável e se veste bem.

Dei uma olhada nele. De fato, estava bem com seu *jeans* preto e camiseta da mesma cor. Ele se serviu de uma tigela de *musli* e veio se sentar no final da mesa em que estávamos.

— Oi — disse, sorrindo para nós duas. — Posso ajudar vocês com alguma coisa?

Eu fiz que não com a cabeça.

— Eu já comi, obrigada — disse Izzie. — Mas sente-se conosco, por favor.

Fiz um lembrete mental para matá-la mais tarde. Ele olhou para mim.

— Acho que começamos com o pé errado ontem, não é? — aí ele deu uma risadinha. — Ou, pelo menos, você começou.

Ai, lá vem ele de novo, pensei.

— Eu disse que sentia muito.

— Eu sei. E o telefone está bem. Então, vamos fingir que nunca aconteceu e começar de novo. Portanto: “Oi, eu me chamo Daniel. E a minha mãe organiza este curso para fugitivos do manicômio”.

Izzie começou a rir, e eu olhei para ele com mais atenção. Ele era muito bonito e tinha feito um esforço para ser amigável. Talvez eu devesse lhe dar uma nova chance.

— E eu sou Lucy Lovering — eu disse. — Estou aqui com meu pai.

— O que você está achando do final de semana?

— É...

Daniel riu e sussurrou:

— Tortura lenta?

— É mais a cara da Izzie — eu disse, diplomaticamente. — Embora eu tenha gostado da visualização ontem à noite.

— Eu também — ele disse. — Boa desculpa para tirar um cochilo. E você ouviu todo aquele ronco?

Eu estava começando a me acostumar com ele.

— E do que você gosta? — ele perguntou. — Ah...

— Moda — disse Izzie. — A Lucy é uma estilista fantástica. Ela costura várias coisas para ela.

— Você está brincando! — disse Daniel. — É o que eu quero fazer quando acabar a escola. Quero ir para a Escola de Moda de Londres, e depois trabalhar em Milão ou Paris.

— Sério? — perguntei.

Depois dessa, estávamos pasmas. Descobrimos que eu e ele tínhamos muito em comum e, como eu, ele conhecia todos os estilistas famosos e os lugares para conseguir retalhos de tecido. E regularmente ia para Portobello para perambular por entre as lojas de roupas de época.



Quis testar o senso de humor dele e contei minha piada favorita mais recente.

— Um homem está dirigindo por uma estradinha — eu disse — , quando avista um fazendeiro em pé no meio de um gramado imenso. Ele pára o carro no acostamento e observa que o fazendeiro só está lá, sem fazer nada, olhando para o nada. O homem sai do carro, anda até o fazendeiro e pergunta: “Com licença, mas o que o senhor está fazendo?”. O fazendeiro replica: “Estou tentando ganhar

um Prêmio Nobel”. “Como?”, pergunta o homem, confuso. “Bem, eu ouvi falar que eles dão o Prêmio Nobel a pessoas que se destacam em seu campo”.

Ele caiu na risada.

— Muito bem, eu também tenho uma para você — ele disse.

— Como você chama um homem francês usando sandálias?

— Não sei — respondi.

— Philippe Philope.

Flop, flop... Revi minha lista de desejos mentalmente. Senso de humor? Ok. Gosta de moda? Ok.

Izzie ficou nos olhando com um sorriso malicioso, como se fosse uma mãe satisfeita de ver as crianças brincando felizes juntas.

Capítulo 10



Shiatsu o que?



Izzie foi a primeira a chamar a atenção.

— Ele é exatamente o garoto da sua lista de desejos — ela sussurrou, quando sentávamos nos fundos de uma demonstração de aromaterapia, pela manhã. — E lindo, estatura média, aparência saudável, senso de humor.

— Mas ele pode ter uma namorada — eu disse, pegando um dos frascos de óleo que estavam sendo passados e inalando profundamente.

Izzie deu uma risadinha.

— Ele não tem. Eu perguntei a ele quando você foi pegar seu casaco depois do café-da-manhã.

— Izzie — eu disse. — O que ele vai achar?

— Ele gosta de você — ela disse. — Ele perguntou várias coisas sobre você. E ele não mora longe de nós. A mãe dele dirige uma clínica em Chalk Farm, então eles estão ali perto, na estrada.

— Sério? — eu dei uma olhada para Daniel, que estava se sentando duas filas na frente. Será que a lista de desejos da Izzie realmente funcionava?

Depois da sessão de aromaterapia, Chris nos ensinou uma forma chinesa de automassagem, chamada Do-In. Era hilária, já que a técnica parecia consistir em auto flagelação. Mais ou menos.

— Feche sua mão em forma de punho — disse Chris — e, com o pulso relaxado, dê golpes leves ao longo do ombro, pescoço e o mais longe possível que conseguir alcançar das costas.

Nós todos seguimos as instruções, dando pancadinhas ao longo do ombro, depois nas pernas e braços, e isso parece ter acordado a todos. Todos aparentavam estar num humor melhor depois da massagem, e a atmosfera tinha ficado consideravelmente iluminada desde o dia anterior. Daniel continuou a buscar meu olhar, fazendo caretas como se estivesse agonizando toda vez que batia em si mesmo.

Depois, fizemos a massagem *shiatsu* no rosto. Aprendemos vários pontos para pressionar, ao longo das têmporas, da linha do maxilar e dos seios faciais. E eu comecei a me sentir muito bem.

— Isso é fantástico, não é? — disse Izzie, beliscando a sobrancelha. Ela parecia estar se divertindo horrores.

Concordei e olhei para Daniel. Talvez o *workshop* tenha algo a oferecer no final das contas.

O próximo item da programação era reflexologia e, como na aula de massagem do dia anterior, Chris pediu que formássemos pares. Ótimo, pensei, dessa vez estarei com a Izzie em vez da Mãos Pesadas. Mas Izzie viu o Daniel olhando para mim e virou-se para Moira.

— Que tal eu fazer com você? — ela perguntou, e falou para Daniel: — Ei, Daniel, a Lucy precisa de um parceiro.

Eu fiquei escarlate. Às vezes, as minhas amigas não têm vergonha.

Daniel veio direto.

— Eu faço em você primeiro — ele disse. — Deite-se e tire os tênis.

Deitei na esteira e fiquei ainda mais vermelha quando ele tirou as minhas meias e pôs talco nos meus pés.

Ele sorriu quando segurou meus pés nas mãos.

— Pés pequenos.

— Eu sei — eu disse. — Às vezes, odeio ser tão pequena. Todas as minhas amigas são muito altas. Eu sou a menor.

— As coisas boas vêm nas embalagens menores — ele disse, ainda sorrindo. — Eu, particularmente, gosto de meninas pequenas.

“Aimeudeus!”, pensei, já ticando outro item da minha lista: “gosta de meninas pequenas”.

Enquanto ele seguia as instruções da mãe, eu fechei os olhos e voei até o sétimo céu. O toque dele era tão diferente do toque da Prudence. Era suave e firme ao mesmo tempo. “Eu preciso acrescentar isso à minha lista”, pensei. “Garoto que sabe fazer uma boa massagem nos pés.”

— Você já fez isso antes, não é? — perguntei.

Ele confirmou.

— Minha mãe me ensinou. É bom, não é?

— Divino — concordei.

Depois de vinte minutos, trocamos de lugar e eu fiquei aliviada em ver que os pés dele eram limpos, com as unhas do pé bem cortadas. Teria sido uma decepção se ele tivesse os pés malcheirosos como os do meu irmão Lal. Comecei a massagem e dei uma olhada no rosto dele, para me certificar de que eu não estava apertando forte demais. Ele estava deitado com os olhos bem abertos, me olhando. Enrubesci muito, e um raio de eletricidade atravessou meu corpo.

— Feche os olhos — eu disse.

— Por quê?

— Você está me deixando nervosa.

— Está bem. — Ele sorriu, mas fez como eu pedi e manteve os

olhos fechados até o final da sessão. Essa é nova, pensei. É estranho, mas massagear o pé de alguém pode ser tão divertido quanto beijar. Espero que o papai não esteja olhando, pensei, enquanto olhava rapidamente para a direção em que ele estava. Felizmente, ele estava ocupado, massageando os pés da Prudence, e não tinha notado sua filha paquerando uns pés a dois metros de distância.

Izzie olhou para mim de onde ela estava, recebendo a massagem da Moira. Ficou vesga e fez uma careta. Então, não tinha muito a ver com a massagem, mas com a pessoa que fazia em você. Fiquei pensando na sessão do dia anterior e agradei a Deus por ele não ter chegado naquela hora. Acho que morreria se tivesse de tirar a roupa e receber a massagem dele nas costas. Porém, quando pensei nisso, meu estômago ficou estranho, mas de um jeito gostoso.

Na hora do almoço, eu estava flutuando e não sabia ao certo se era por causa dos tratamentos ou se era por causa do Daniel.

— Acho que estou apaixonada — eu disse a Izzie, quando nos empanturrávamos de uma fatia de queijo de lentilha.

— Achei isso — ela disse. — Eu vi o jeito como vocês dois estavam se olhando na última sessão.

— Eu sei — eu disse. — Vou acrescentar “sabe fazer massagem nos pés” à minha lista do garoto perfeito. Um requisito definitivo daqui para a frente.

Eu estava ansiosa pela sessão da tarde e torcia para que houvesse mais uma sessão de tratamentos. Aí eu teria uma nova chance de formar par com Daniel.

Logo vi que não seria.

— Esta tarde, vamos começar com um exercício para ventilar suas emoções contidas — disse Chris.

Mas eu me sinto ótima, pensei. Eu não tenho nenhuma, então isso vai ser uma perda de tempo para mim.

— É uma forma de liberar a raiva ou a frustração que você não consegue expressar — continuou Chris. — Os tipos de sentimento que, se contidos, podem atormentar sua paz de espírito. Acredito que negatividade é melhor fora do que dentro, então, agora é sua chance de colocar tudo para fora.

— Legal — disse Izzie, fazendo um olhar maldoso para mim. — Negócios inacabados.

— Você não pode gritar com seu chefe — disse Chris, e olhou para Iz e para mim, dando uma risadinha — ou com sua professora ou diretora, talvez. Então eu queria que você pegasse um travesseiro daquela pilha no canto e projetasse nele a coisa ou pessoa que deixou você com raiva no passado — namorado, pai, colega, vizinho, amigo ou mesmo Deus. Já que às vezes não é apropriado descarregar a raiva diretamente na pessoa, esta é uma forma de se liberar sem que haja repercussões.

— Excelente — disse Izzie, dirigindo-se para a pilha.

Eu estava relutante ao pegar o travesseiro com os demais. A idéia parecia um pouco maluca para mim.

— Muito bem — disse Chris —, agora liberem-se. Vocês podem jogar o travesseiro, chutá-lo, pisar nele, o que sentirem vontade. Livrem-se das inibições.

Izzie pegou um travesseiro vermelho e começou a rir muito.

— Pobre travesseiro — eu disse. — O que ele fez contra você?

— Eu estou imaginando que ele representa todos os terroristas que mataram pessoas inocentes — ofegou Izzie, enquanto pulava em cima dele. — Fico muito enfurecida, às vezes, pois me sinto desamparada e irritada porque não posso fazer nada.

Izzie estava sempre pensando nos problemas do mundo.

— Em quem você vai bater? — ela perguntou, parando por um momento para respirar.

Olhei para os travesseiros.

— Alguém próximo de casa — dei uma risadinha e peguei um

castanho aveludado. Exatamente a cor dos olhos do Tony.

No começo, todos estavam um pouco tímidos, aí Moira começou a entrar no clima. Então, o Bermuda de Ciclista se juntou. Depois, o Eric e o Tabula e, depois, meu pai! Após dez minutos, o lugar parecia um manicômio. Todos ficaram envolvidos. Olhei rapidamente para ver o que o Daniel estava fazendo, já que eu não queria parecer uma idiota na frente dele, mas ele estava tão envolvido quanto todo mundo. Se não pode vencê-los, junte-se a eles, pensei, e ajoelhei e soquei meu travesseiro. Eu me senti boba no começo, mas depois me soltei. Isso é por ter me dado o fora, pensei, quando golpeei o travesseiro. E isso é por ter aparecido naquela festa com outra garota... Soc! Tum!

No final da sessão, eu me senti muito bem. Como se uma barragem tivesse arrebentado. Todos pareciam ter se divertido, mesmo Prudence, cujo cabelo tinha escapado do coque e estava arrepiado para tudo quanto era lado. Devíamos ter feito essa sessão antes da massagem, pensei. Não teria sido tão dolorido para mim se ela tivesse feito isso antes. Chris estava certa. Eu não sabia que todos esses sentimentos estavam presos dentro de mim. Eu me sentia muito melhor com relação a Tony. Tinha certeza de que saberia lidar com ele quando o visse na casa da Paola. Nós podíamos, como ele sempre quis, ser amigos.

— Eu estou tão cheia — disse Izzie, enquanto caminhávamos para fora da sala no final da sessão. — Tenho de voltar ao hotel à noite e vou sentir falta da palestra. E sobre florais de Bach, e eu gosto disso.

— Eu te conto depois — eu disse, assim que Daniel nos alcançou.

— Talvez pudéssemos dar uma volta antes da palestra — ele disse, e Izzie fez sinal de positivo com a mão por trás dele.

— Talvez depois — eu disse. — Primeiro, preciso acompanhar a Iz até o hotel.

Meus sentimentos por Daniel podem ter tido uma mudança completa, mas isso não significa que esqueci tudo o que Paola me ensinou. Não fique tão disponível. Não seja tão fácil.

Voltei do vilarejo uma hora mais tarde. E, depois de colocar um pouco de maquiagem, fui para a sala de jantar. Não havia sinal do Daniel.

Durante toda a palestra, fiquei olhando para a porta, esperando que ele entrasse. Mas ele não entrou. “E agora?”, pensei, enquanto tentava me concentrar no bate-papo. Será que ele ficou aborrecido porque eu tinha ido até o hotel com a Iz? Talvez ele não fosse tão legal quanto imaginei. Toda a minha paz de espírito recém-encontrada evaporou como ar rarefeito enquanto eu olhava para a porta.



— Os florais de Bach são bons para corrigir qualquer desequilíbrio emocional — disse Chris — aí ela começou a ler a lista dos remédios florais, dizendo para que eles eram bons: — Agrimony para tortura mental atrás de uma máscara de alegria; Chestnut para falhas em aprender com os erros; Impatiens para frustração; Mustard para tristeza; Scleranthus para variações de humor; White

Chestnut para discussões mentais e Wild Oat para incerteza.

“Isso é para mim e isso é para mim”, eu pensava enquanto ela seguia na lista.

— Você só precisará de um ou dois deles — ela disse quando terminou. — E eles estão à venda na sala de jantar.

Depois do bate-papo, Chris foi cercada pelas pessoas perguntando sobre os remédios, então não tive a oportunidade de perguntar onde o Daniel estava. Em vez disso, saí e encontrei papai.

— Eu posso receber a mesada do próximo mês, já que quero comprar alguns remédios? — perguntei.

— É claro — ele disse. — Quais você quer?

— Todos eles — eu respondi.

Capítulo 11



Lar, doce lar



Papai queria sair no começo da madrugada no dia seguinte, para voltar a tempo de abrir a loja às nove e meia. Ele me deixou em casa primeiro e foi ótimo voltar para a confusão aconchegante da nossa cozinha somente com o Steve e o Lal na mesa de café-da-manhã, em vez de um monte de estranhos. Mamãe já tinha saído para trabalhar, e Steve e Lal saíram logo para jogar tênis. Então, fora os cachorros, eu tinha a casa inteira para mim. Foi ótimo tomar um banho demorado, quente e espumante sem uma fila de gente batendo na porta. Fazer uma xícara de chá decente e uma torrada com geléia de morango. À medida que andava pela casa, eu me dava conta de que estava vendo tudo com uma nova luz. Podia sentar em frente à TV na sala de estar e assistir ao que eu quisesse. Meu amado quarto, que eu não tinha de compartilhar. Meu tocador de CD. E não existiria mais essa história de acordar às seis da manhã para me contorcer em posições artificiais.

Minha cama estava me chamando, então desliguei o celular, liguei na secretária eletrônica e me arrastei para baixo do edredom para algumas horas de sono sem interrupção.

— Como foi o curso? — perguntou mamãe, quando apareceu na hora do almoço.

— Interessante — eu disse. — Algumas aulas eram um pouco chatas, mas outras foram fantásticas.

— Como as pessoas eram?

— Loucas. Mas, na verdade, no final, muitas delas me impressionaram. Mesmo uma senhora amuada chamada Prudence — Prudence tinha me dado um abraço enorme quando fui embora, como se eu fosse sua grande amiga. — Mas é muito bom estar em casa. Parece tão silenciosa, confortável e espaçosa, e há muitas coisas para fazer aqui.

Mamãe sorriu.

— Eu já contei a você a história do fazendeiro que sentia que sua casa estava cheia demais e foi visitar um homem sábio?

Eu fiz que não com a cabeça.

— Eu uso no trabalho, às vezes, quando estou falando com pessoas que são infelizes com seu destino na vida. Quer ouvir?

Fiz que sim.

— Um fazendeiro estava muito infeliz com sua casa — ela começou. — Ele tinha uma esposa e duas filhas, e somente uma sala. Ele foi a um sábio para saber como fazer para melhorar sua situação. O homem sábio lhe disse para levar três cachorros para lá. Ele fez o que lhe foi dito. No dia seguinte, o sábio falou para ele levar a vaca para dormir em casa. O fazendeiro achou um pouco estranho, mas, novamente, fez o que foi pedido. No dia seguinte, o sábio pediu que levasse as galinhas para dentro de casa. No outro dia, alguns bodes. Lá pelo final da semana, havia toda uma fazenda morando na casa, e estava insuportável. O fazendeiro voltou a falar com o sábio e perguntou o que fazer em seguida. Primeiro, tire os cachorros e, depois, a vaca, disse o sábio. No dia seguinte, os bodes, depois as

galinhas. O fazendeiro fez o que lhe foi dito, até que voltou à situação original. Sua esposa, suas duas filhas e ele. Ele estava muito feliz. A casa parecia muito silenciosa e espaçosa, e a fazenda nunca mais ficou infeliz.

— Exatamente — eu disse.

— Bem, vamos ver quanto tempo dura essa sensação — mamãe riu. — E seu pai me ligou da loja. Ele disse que o filho da Chris estava no curso, verdade?

— É, o Daniel. Estranho.

— Por quê?

— Nós estávamos nos dando bem, mas aí ele simplesmente foi embora, sem avisar, sem dizer nada. Sinceramente, garotos... você nunca sabe em que pé você anda com eles.

Mamãe sorriu.

— Ah, eu acho que você vai saber dele antes do que pensa. Ele telefonou para a loja hoje para pedir os telefones daqui.

— Sério? — Eu senti meu ânimo melhorar num instante e corri para ver a secretária eletrônica.

— Oi, é a Paola, ligue para mim quando chegar — dizia a primeira mensagem.

— Oi, Lucy, é o Daniel — dizia a segunda. — Desculpe, eu tive de ir embora ontem à noite, espero que minha mãe tenha lhe passado o recado e dito o que aconteceu... De qualquer forma, eu ligo novamente.

Felizmente, não tive de esperar muito, já que o telefone tocou logo depois que mamãe voltou para o trabalho.

— Ei — ele disse.

— O que aconteceu? — perguntei. — Não recebi nenhuma mensagem da sua mãe, e a primeira coisa que fizemos hoje de manhã foi vir embora, então eu não a vi.

— Enchente — disse Daniel. — Nosso vizinho telefonou, dizendo que um cano tinha estourado no *flat* dele e estava vazando

para o nosso. Nós ficamos no térreo. De qualquer forma, o Eric estava vindo para Londres na hora do jantar, então eu pedi uma carona. Agora tudo está resolvido, mas acho que cheguei aqui bem a tempo. Você deve ter ficado brava comigo quando desapareci desse jeito.

— Não, não mesmo — menti. — Eu tive uma noite legal. Para dizer a verdade, não tinha me dado conta de que você tinha ido embora até o final da palestra.

— Ah — ele disse, um pouco desapontado. — Eu esperava que você tivesse sentido minha falta. Eu senti a sua. Achei que a gente tinha combinado lá, e eu gostaria de encontrar você de novo, se quiser.



Eu abri um sorriso largo. Adorava o jeito dele de ir direto ao assunto. Sem jogos, sem fingir ser descolado. Nós tínhamos combinado, e ele queria me ver de novo. Eu decidi ser tão sincera quanto ele.

— Eu também quero te ver você de novo. Adorei te conhecer.

— Eu tenho algumas coisas para fazer hoje à tarde. Que tal esta noite?

— Legal — eu disse.

A vida não podia ser melhor, pensei, depois que desliguei o telefone. Eu sentia que estava flutuando. Eu estava em casa. Tinha um encontro com o Daniel. E ainda havia muitas semanas de férias pela frente.

Capítulo 12



De um jeito verdadeiro, louco e profundo



Na sexta-feira seguinte, encontrei Paola no Ruby in the Dust.

— Até que enfim — disse Izzie, quando entrei no café. — Nós já íamos colocar um cartaz de “desaparecida”.

Dei uma risadinha.

— Desaparecida não, só saí bastante — eu me sentia satisfeita de ser aquela que tinha estado muito ocupada e a quem tinha sido difícil encontrar.

— E aí, como é que vai com o garoto dos sonhos? — perguntou Paola, quando pegamos nossos sofás preferidos, perto da janela.

— Fantástico — eu disse. — Eu estou apaixonada... Verdadeira, louca e profundamente... apaixonada.

— O que é essa coisa que chamam de amor? — disse Izzie.

— O quê? É essa coisa que chamam de amor? — respondi, fazendo uma das nossas brincadeiras, a de ver de quantos jeitos diferentes você pode dizer a mesma frase.

— O que é essa coisa que chamam, amor? — disse Paola.

— O que é essa coisa, que chamam amor? — eu disse.

— Mas isso é ótimo — disse Paola, pegando uma colherada da

espuma de seu chocolate quente. — Você merece um garoto decente depois do meu horrível irmão.

Eu tinha tido uma semana magnífica com o Daniel. Nós nos vimos todos os dias e decidimos ser turistas em Londres. Fomos ao cinema da IMAX, em Waterloo, lá no London Eye, ao museu Victoria and Albert em Kensington para olhar os trajes, a uma exposição de fotografias na Portrait Gallery e gastamos décadas passando por todas as butikues na Bond Street e Knightsbridge. Ele sabia tanto de moda e da sua história, e eu sentia que estava aprendendo um monte de coisas com ele, além de estar me divertindo. A melhor coisa, entretanto, era que eu me sentia segura com o Daniel. Segura. Ele telefonou para mim quando disse que iria fazê-lo, nunca chegou atrasado e não fazia brincadeiras sobre que papel eu tenho na vida dele.

— Ele é tão diferente do Tony quanto é possível uma pessoa ser — eu disse. — Ele é muito romântico. E, quando não estamos juntos, ele me envia mensagens de texto muito fofas. Todos os dias, às vezes cinco vezes ao dia. Na quarta-feira, quando estivemos em Covent Garden, ele me comprou rosas e um ursinho de pelúcia. Ele disse que eram coisas que o faziam se lembrar de mim.

— Ai, que meigo — comentou Izzie. — Eu queria que o Ben fizesse coisas assim. Conhecendo-o como conheço, ele provavelmente diria que esse tipo de coisa não passa de uma exploração comercial e que as únicas beneficiadas são as empresas, que os produzem a preço de banana.

— Isso é o que o Steve diz do Dia dos Namorados — eu falei. — Mas acho que é principalmente porque ele nunca recebe nada. Aposto que ele vai se sentir diferente no ano que vem, se a TJ enviar alguma coisa para ele.

Paola parecia triste.

— O Simon costumava ser muito romântico comigo quando nos conhecemos, mas, ultimamente, eu não sei, é como se ele

estivesse esfriando ou algo do tipo.

— Não, ele adora você — disse Izzie. Paola balançou a cabeça.

— Não, eu conheço os sinais. Por exemplo, liguei para ele ontem e ele ainda não retornou a ligação. No começo, ele me ligava na hora.

— Eu não preciso ligar para o Daniel — eu disse. — Ele sempre liga exatamente na hora em que fala que vai ligar e, às vezes, antes. É tão fantástico não ter de se preocupar nem ficar pensando. Você sabe: ele gosta de mim? Ele sente a mesma coisa? Eu sei que sim.

Eu ia começar a contar a elas como ele beija bem, mas Paola parecia triste e achei que talvez eu estivesse sendo um pouco insensível.

— Você provavelmente está imaginando isso — eu disse. — Ninguém em sã consciência deixaria você.

— Bom, eu só o vi uma vez na semana passada — disse Paola, fazendo um bico. — Está sendo horrível, e todas as vezes que eu liguei para falar com você, você estava fora com o Daniel. E nem você respondeu às minhas ligações.

— Não seja desagradável, Paola — disse Izzie. — Eu aposto que a Lucy se sentiu assim muitas vezes quando saíamos com Ben e Simon, não foi, Lucy?

— Tudo no passado — eu disse. Todas aquelas vezes que senti que eu era o patinho feio são história antiga. Eu estava muito feliz agora. Eu ficava perplexa com a atenção que o Daniel me dava e com o fato de alguém querer tanto ficar comigo.

— Eu nunca levei um fora... — Paola começou.

— Não é só porque ele não respondeu a uma ligação que ele vai dar o fora em você — eu disse. — Ele provavelmente esteve ocupado.

— Ocupado demais para falar comigo? Para retornar uma ligação? Caia na real! Se há uma coisa da qual eu entendo é de garotos. E quando os garotos querem estar com você, não é preciso que você passe um tempo se martirizando, pensando se ele vai ou

não ligar. Se ele quiser, ele liga. O que devo fazer? Terminar com ele antes que ele termine comigo? O quê?

— Só fique fria durante um tempo — disse Izzie.

— Eu fiquei. Só liguei duas vezes, aí pensei: “Não vou fazer isso de jeito nenhum”. Rejeitada, esse não é o papel que eu quero representar.

Eu não sabia o que dizer. Normalmente, sou sempre eu procurando a Paola para me aconselhar com ela, não o inverso. Mas ela parecia realmente aborrecida.

— Vai dar tudo certo — eu disse, lembrando de uma coisa que a minha mãe tinha dito para uma de suas clientes. — Todos os relacionamentos passam por momentos ruins. Provavelmente, é só uma fase e, na semana que vem, ele vai estar de volta, batendo à sua porta, implorando para ver você.

— É — disse Paola, numa tentativa de se animar. — Desculpem estar sendo baixo-astral. Bem, quando eu vou conhecer o “cara romântico”?

— Amanhã, se vocês quiserem. Nós vamos a Notting Hill. Vamos ao Mercado de Portobello olhar umas barracas de roupa de época. Vocês querem vir?

— Quero — disse Paola, animando-se imediatamente. — Quando as coisas ficam difíceis, é preciso lutar com mais forças... e ir às compras. De qualquer forma, eu amo ir lá. O que você vai fazer, Iz? Você vai ver o Ben?

Izzie balançou negativamente a cabeça.

— Não. Na verdade, eu preciso de uma distância dele. Tudo o que fazemos está relacionado à banda. Fiquei trancada na garagem dele a semana inteira. A tarde toda com as meninas parece ótimo. Vamos ligar para a TJ?

— Não, eu falei com ela — eu disse. — Ela está voltando da Escócia e estará na minha casa amanhã para fazer o grande encontro com o Steve. Sinceramente, ele estava como um peixe fora

d'água sem ela.

— Certo — disse Izzie. — Amanhã. Está marcado, então.

Daniel estava esperando por mim do lado de fora da estação de trem Ladbroke Grove e, primeiro, ele pareceu um pouco desapontado quando viu que eu tinha levado as meninas. Meigo, eu pensei. Ele me quer toda para ele. Ele estava todo de preto e lindo, como de costume. Senti orgulho de apresentá-lo à Paola como meu namorado.

— Então, Lucy disse que você quer fazer moda quando sair da escola — ela disse, enquanto fazíamos o caminho para o mercado.

Daniel confirmou e se olhou no espelho de uma vitrine.

— Eu já comecei, na verdade. Fiz algumas peças para o *show* de moda da escola no final do ano. Ganhei o primeiro prêmio, e o jornal local veio e fez um artigo.

— Mesmo? — disse Paola. — Nós adorariamos vê-los algum dia, não é? — ela se virou para Izzie e depois para Daniel. — A Lucy mostrou os dela?

Mas Daniel não estava ouvindo. Ele tinha visto uma loja com uma vitrine interessante, pegou minha mão e me puxou.

— Desculpe. Eu tenho mesmo de mostrar esses modelos para a Lucy — ele disse por cima dos ombros.

Quando chegamos ao mercado, Daniel insistiu em comprar uma bebida para cada uma e nos levou para um café que ele conhecia. Perguntou às meninas o que queriam e foi fazer o pedido.

— Ele não perguntou se você queria alguma coisa — disse Izzie.

Eu enrubesci.

— Ah, eu confio na escolha dele. Ele sabe tanto sobre tanta coisa, mesmo sobre café.

Daniel veio um pouco depois com coca-cola para Izzie e Paola e expressos duplos para mim e para ele.

— Mas você não gosta de expresso — disse Izzie, quando tomei um gole.

— É o que todo mundo bebe em Milão. Tem um gosto sofisticado — disse Daniel. — Ela vai se acostumar.

Eu podia estar imaginando, mas tinha quase certeza de que Izzie tinha feito “aquela cara” para Paola.

Com o cair da tarde, pude ver que Paola se sentia cada vez mais infeliz. Ela ficava vendo se tinha mensagens no celular, e acho que não deve ter ajudado o fato de Daniel ter colocado o braço nos meus ombros, ter ficado brincando com meu cabelo e me beijando em todas as oportunidades. Esta é uma das coisas que eu gosto nele: ele tem orgulho de estar comigo.

Depois de cerca de uma hora em que Daniel e eu ficamos correndo de uma loja para outra, ele explicando para mim por que achava que aquela roupa combinava e a outra não, Paola me puxou num canto.

— Izzie e eu vamos dar uma volta sozinhas. Nós sentimos que estamos atrapalhando um pouco, então encontramos você no trem lá pelas quatro. Tudo bem?

— Está bem — eu disse. Eu não me importei. Significava que eu tinha o Daniel para mim de novo.

Daniel me acompanhou ao trem na hora marcada e me deu um beijo bem romântico na frente das meninas antes de me deixar ir embora.

Fiquei observando-o enquanto se afastava. Ele não parou de se virar para trás e acenar para mim até desaparecer ao virar a esquina. Um momento depois, meu celular avisou que havia uma mensagem de texto. “Grande beijo, ursinha.”

Mostrei para as garotas.

— Estão vendo o que eu quero dizer? Ele é tão meigo.

Nessa hora, Paola dirigiu à Izzie um olhar suspeito. Elas estavam falando de mim, pensei. Você não anda com suas amigas tanto tempo como eu faço sem aprender a sacar coisas que não estão sendo ditas.

— Tudo bem, qual é a desse olhar secreto? — perguntei, enquanto comprávamos as passagens.

— Nada — disse Paola, de forma pouco convincente.

— O que você acha do Daniel?

— Ähn... Ele é muito bonito — disse Izzie. Eu conhecia Izzie bem o suficiente para notar que ela estava sendo diplomática.

— Vamos lá, desembuchem — eu disse. — O que vocês falaram sobre a gente?

— Bom, ele é um pouco grudento em você — Paola deixou escapar.

— Paola — disse Izzie. — Eles estão apaixonados.

— Então, você não gostou dele?

— Não é que eu não gostei dele — contorceu-se Paola —, é só que, bom, eu achei ele um pouco arrogante. E um pouco obcecado por si mesmo. Ele falou sobre si mesmo durante toda a tarde e nem sequer perguntou algo sobre mim ou sobre Izzie. E eu perdi a conta das vezes que ele verificou a própria aparência numa vitrine.

Conte com a Paola para dizer exatamente o que ela pensa. Ela nunca consegue esconder seus sentimentos reais e, às vezes, pode machucar.

— Paola — avisou Izzie.

— Ê, bem, do jeito que ele nos tratou, podíamos ser invisíveis que não ia fazer diferença.

Ah, pensei, não ser o centro das atenções é algo novo para ela. E ela está com muito ciúme porque tenho um namorado que gosta muito de mim e o dela está esfriando.

— Bom, eu gosto dele — eu disse. — E é o que eu acho que é importante. Sou eu quem está passando tempo com ele. Ele é ótimo,

você só precisa conhecê-lo melhor. Ele não é como as pessoas que conheci antes. É... você gosta dele, não é, Izzie?

Ela mudou, estranhamente.

— Ele parece um pouco diferente do que pareceu quando estávamos em Devon. Mas você também. Você deixa ele monopolizar a tarde inteira, como aquele expresso — você odeia café forte. E você só ia aonde ele queria ir e era como se ele fosse, bem, o único especialista em moda. Normalmente, você tem tanto a dizer sobre isso e seus modelos são ótimos. Você estava tão quieta quanto um rato durante toda a tarde.

— Eu converso muito com ele. Mesmo. E eu gosto de escutá-lo. Eu sinto que ele sabe muito mais do que eu. Eu realmente estou aprendendo com ele — eu disse.

— Só não deixe que ele domine você — falou Paola. — Garotas ou são deusas ou capachos. Não deixe que ele passe por cima de você.

— Eu não deixo — protestei. — Como você pode dizer isso?

Izzie parecia estranha novamente.

— Paola pode estar certa, Lucy.

— Por quê? O que você quer dizer?

— É sobre o Daniel — ela disse.

— O quê?

— Você pode não gostar.

— Diga logo, Izzie.

— Bom, você se lembra do Mark da banda? Amigo do Ben?

Eu fiz que sim com a cabeça. Eu o havia conhecido no aniversário do Ben.

— Bom, ele trouxe a namorada dele, Amy, para o ensaio ontem à noite, e ela me ouviu por acaso dizer algo sobre o final de semana que passamos em Devon. Bom, ela perguntou se eu conhecia Daniel. Eu disse que sim, que minha amiga estava saindo com ele... — Izzie olhou para mim, ansiosamente.

— E?

— Bem, ela disse “coitadinha”. Pelo que parece, ela saiu com ele no ano passado e falou que ele era um chato. Ela disse que as coisas começaram bem, e depois tudo ficou demais. Ele a seguia para tudo quanto era lugar, começou a lhe dizer quem ela podia e quem não podia ver...

Eu estava determinada a defender Daniel.

— Bom, na verdade, eu já ouvi falar dela. Mas ele me disse que era ela a chata, sempre correndo para as amigas na hora em que a chamavam.

— Bem, ela disse para você ter cuidado e não deixar que ele domine você — continuou Izzie. — Disse que ele fica com ciúmes só de você olhar para outro garoto. Espero que você não se importe de eu falar.

Eu encolhi os ombros.

— Não, é claro que não. De qualquer forma, ela é uma ex. Talvez ela não fosse a garota certa para ele. E, além disso, quando é que alguém tem algo de bom para dizer sobre ex-namorados? Talvez ele tenha dado o fora nela, e ela sinta rancor.

— É, deve ser isso — disse Izzie. — É, se você gosta dele, que importa?

— Exatamente — eu disse com uma olhadela rápida para Paola, que se mantinha silenciosa.

— Áhn, é — disse Paola. — Rancor. Você gosta dele. É isso que conta.

A jornada de trem para casa pareceu curta, já que todas nos sentamos perdidas em nossos pensamentos. Não é justo, pensei. Eu me senti muito magoada pelo fato de elas não conseguirem ficar felizes por eu ter conhecido alguém que realmente gosta de mim. Mas é verdade que sempre íamos para onde o Daniel queria. Seria

possível que eu estivesse me tornando um rato ou um capacho perto dele? Nós de fato sempre conversávamos sobre os modelos dele e ele ainda não tinha perguntado sobre os meus. Ele estava criando as regras. Mas não tinha problema, eu decidi. Era minha escolha conviver com isso, e eu não ia deixar que as opiniões da Paola e da Izzie estragassem tudo.



Capítulo 13



Deusas

As coisas não melhoraram muito com Izzie e Paola na semana seguinte, e parecia haver uma parede invisível entre a gente. Falei com elas normalmente no telefone, mas conversamos sobre outras coisas — o que estava passando na TV, o que estava acontecendo em casa... tudo, menos assuntos de garotos. Izzie convidou Daniel e eu para ver a banda dela ensaiar, mas Daniel disse que essa era a idéia dele de pesadelo, então eu não quis forçá-lo a fazer isso. As pessoas são diferentes, eu disse a mim mesma, com interesses diferentes. Você não pode fazer todos gostar da mesma coisa, e nós nos divertíamos sozinhos, saindo e explorando Londres novamente, ainda que fosse ele quem escolhia aonde íamos todos os dias. Eu sentia que estava tendo um relacionamento adulto de verdade.

Entretanto, apesar de tudo o que eu disse a mim mesma sobre não ligar para o que as garotas pensavam, uma semente de dúvida tinha sido plantada no fundo da minha mente. Parte de mim pensava se eu ia deixar que ele me dominasse e ia desistir das coisas facilmente.

Obrigada, Deus, pela TJ. Ela veio ver o Steve numa noite e apareceu no meu quarto para ouvir as novidades.

— Mas eu acho que ele parece ótimo — ela disse, depois de eu

ter contado as últimas. — Você não quer um fracote, que não sabe o que quer ou que deixa tudo para você.

— Paola diz que eu tenho de ser uma deusa, e não um capacho — confiei.

— Ah — disse TJ —, mas que deusa? Há muitos tipos diferentes. Há Héstia, a deusa do coração; Atenas, deusa da sabedoria; Artêmis, a caçadora; Afrodite, a deusa do amor e da beleza... muitas. Que tipo de deusa você quer ser?

Conte com a TJ para saber toda uma lista delas, pensei. Ela tem um jeito diferente de olhar para tudo. Como se visse todos os tons de cinza entre o preto e o branco.

— Acho que Paola quis dizer que eu devo dar as cartas, e não ele — eu falei.

— Eu acho que deve haver um equilíbrio — disse TJ. — Vocês dois decidem. Você faz algumas coisas que ele quer, ele faz algumas coisas que você quer, e vocês entram em acordo nas outras.

— Bom, não é que eu não quisesse fazer todas as coisas que viemos fazendo. Nós nos divertimos.

— Então, não há problema — disse TJ. — Mas porque não tentar escolher umas coisas que você gostaria de fazer em seguida e ver como ele encara? Se ele não tiver problema com isso, então tudo bem.

TJ estava certa. Depois que ela foi embora, pensei no que eu gostaria de fazer com ele nos próximos dias. Trazê-lo para o meu mundo, decidi. Convidá-lo para vir à minha casa e mostrar a ele os meus desenhos. Talvez uma caminhada no parque Golders Hill. Eu podia mostrar todas as encantadoras vitrines de flores que eles sempre têm lá. Talvez ver um filme no Hollywood Bowl. Apresentar a ele nossos cafés favoritos. Fiz uma lista e liguei para ver se ele queria ir ao Muswell Hill, para conhecer o Ruby in the Dust, na quinta-feira.

— Adoraria — ele disse. — Eu vou contar as horas, pois já estou com saudades de você.

As coisas iam dar certo.

— Parece um depósito de entulho aqui — ele disse, olhando ao redor, enquanto eu pegava o melhor sofá, na janela do Ruby. Eu e as garotas achamos que é um lugar legal porque parece privado e ainda você consegue sentar e ver o mundo passar do lado de fora.

— Não, não parece — eu disse. — Tem um clima acolhedor. E por isso que nós gostamos daqui.

— Nós?

— Bem, na verdade, é o favorito da Paola.

— E o seu?

— Ähn, o meu? É, eu gosto de muitos lugares, mas a gente vem mais aqui.

Ele balançou a cabeça.

— Parece-me que você anda muito com suas amigas.

— Não, na verdade não... — comecei a contestar.

— Eu vou levar você para um lugar de estilo de verdade — disse Daniel, olhando depois para mim com carinho e me puxando na direção dele. — Minha ursinha.

Eu me aconcheguei em seu ombro, mas queria que ele tivesse me chamado de outra coisa. O apelido estava começando a soar desagradável. Ursinha parecia tão “eca”.

Aí meu celular tocou. Eu tinha decidido que o manteria ligado, já que, embora a Paola não tenha ido com a cara do Daniel, ela ainda era uma amiga que estava passando por um mau momento. Eu me levantei e fui até o banheiro feminino atender a ligação.

— Quem era? — ele perguntou quando voltei para sentar.

— Paola — eu disse.

— O que ela queria?

— Nós vamos nos encontrar amanhã — eu disse. Paola tinha chegado à conclusão de que precisava de uma consulta com a

Mística Iz para uma leitura de tarô sobre Simon. Logicamente, eu não perderia aquilo; além disso, eu estava interessada em saber o que as cartas diriam sobre mim e o Daniel. Eu não falei aquilo para o Daniel, já que alguns garotos torcem o nariz quando ouvem falar de leitura da sorte.

— Mas eu queria levar você para ver um filme — disse Daniel.

— Desculpe. Mas, bem, a Paola está com um pouco de... problemas com o namorado. Então... — eu não queria entrar em detalhes, pois achei que seria um pouco desleal com a Paola.

— Você não deve deixar que suas amigas dominem você — Daniel interrompeu. — As outras vão estar lá. Não deixe que elas usem você de acordo com a conveniência delas. Como se você fosse uma lixeira para todos os problemas delas.

— Não é assim — eu disse, achando que ele estava sendo um pouco injusto. Eu estava começando a ficar com raiva. Ele só tinha visto a Paola uma vez. Como podia considerar a possibilidade de ela me usar para a conveniência dela? Ela era a minha amiga, e eu sentia que devia estar lá e dar força a ela. Talvez a ex-namorada dele estivesse certa. Ele tinha proibido que ela visse suas amigas, e agora queria que eu parasse de ver as minhas. Eu ia começar a dizer o quanto minhas amigas eram importantes para mim, quando, de repente, me ocorreu que ele nunca falava sobre os amigos dele. Talvez ele não tivesse nenhum, com a atitude dele.

Aí o telefone tocou de novo. Dessa vez era Izzie, ligando para saber se eu ia amanhã.

— Você não pode desligar isso? — perguntou Daniel depois que terminei. — Você está comigo agora e não precisa que suas amigas telefonem a cada minuto.

Decidi não ser um capacho e me impor.

— Elas são as minhas melhores amigas, Daniel. Eu quero dar força a elas, e esperaria receber o mesmo delas.

Eu podia ver que ele não tinha gostado disso, e não ajudou o

fato de o telefone ter tocado de novo cinco minutos depois. Dessa vez, era a TJ checando. Mesmo tendo aceitado a ligação, eu me senti mal por isso, já que Daniel começava a parecer aborrecido. Talvez fosse mais fácil desligar o telefone e pegar minhas mensagens quando chegasse em casa.

— Pronto, desliguei — eu disse.

— Boa menina — disse Daniel, envolvendo-me com seu braço.

— Agora, onde estávamos?

Depois disso, conversamos sobre nossos planos até o final das férias, e ele parecia bastante feliz de fazer as coisas que eu queria e as que ele queria. Então, Paola estava errada. Ele não era um dominador total, e acho que pode ser bem chato ter o celular de alguém tocando a cada minuto.

Enquanto estávamos lá sentados, tomando nossas bebidas e olhando para fora da janela, um garoto lindo com cabelo encaracolado na altura do ombro passou. Ele estava usando óculos de sol legais e parecia espanhol.

— Ê, ele tem estilo — eu disse.

— Por quê? Você gosta dele?

— Não — eu disse. — Eu só estava dizendo que achei que ele estava bonito — na semana passada, Daniel tinha comentado sobre diversas garotas e sobre o que elas estavam usando. Não significava nada.

Daniel aconchegou-se em mim e esfregou o nariz no meu pescoço.

— Eu não quero você olhando para ninguém além de mim — ele sussurrou.

“Sai dessa”, disse uma voz na minha mente. Eu a ignorei e peguei a mão de Daniel. Nossas férias estavam passando e eu estava determinada a não deixar que meus argumentos internos estragassem o tempo que passávamos juntos. Izzie diz que eu os tenho porque sou do signo de Gêmeos; daí a dupla personalidade.

Ela está tão certa. Há dias em que os gêmeos se dão muito bem, mas há outros em que um deles está com TPM e fica um pouco teimoso.

Quando o convidei para ir mais tarde à minha casa, mais falhas começaram a aparecer no meu garoto dos sonhos. Ao abrir a porta, Ben e Jerry fizeram o rotineiro cumprimento “oh, meu amigo há muito desaparecido”, pulando com seus rabos abanando e tentando lamber o rosto do Daniel. Dava para ver que ele não gostava, então tive de tirá-los e levá-los para a cozinha. Eles entraram debaixo da mesa com o rabo entre as pernas. Ao fechar a porta, olhei de volta para eles e posso jurar que Ben me deu o olhar da Paola/Izzie de desaprovação. Algo do tipo: “Livre-se do desmancha-prazer, Lucy”. Não foi um bom sinal.

Levei-o para cima, onde eu tinha colocado meus desenhos na cama, prontos para que ele olhasse. Até vesti o manequim que mamãe tinha encontrado numa loja de segunda-mão. Achei que daria uma aparência mais profissional.

— Então, o que você acha? — perguntei, enquanto ele pegava as roupas e as estudava. Eu tinha muito orgulho de algumas delas, particularmente alguns *tops* que tinha feito com veludo enfeitado com laços.

— É, legal — ele disse. — Muito legal. Mas... não consigo ver a sua voz saindo disso. Você sabe, um cantor ou um escritor, eles têm a sua voz. É o mesmo com os estilistas. A roupa deles deve ser uma declaração a seu respeito e deve ser instantaneamente reconhecível quando você as vê. Como eu... Como você sabe, só faço peças em preto ou branco. E eu só uso preto. Os seus são variados demais e não têm foco suficiente.

— Oh — eu disse, sentindo coragem. Eu sabia o que ele queria dizer com essa história de os modelos terem uma voz ou uma assinatura, mas eu, sinceramente, achava que os meus tinham. Eu sempre misturava tecidos antigos e novos, e meu estilo era romântico, mas moderno.

— Você vai chegar lá — ele disse. — Estes são muito bons para uma iniciante. Você liga de eu ser sincero? Eu acho que é importante num relacionamento, e realmente quero que a gente dê certo. Então, sem mentiras, sem elogios falsos.

— Não, não, eu gosto de sinceridade. Eu acho que é muito importante — eu disse, pensando que essa era uma das coisas que eu tinha colocado na minha lista de desejos, afinal de contas. Mas eu também tinha escrito “goste de animais”, e Daniel tinha deixado bem claro lá embaixo que não gostava. Ou talvez fosse porque ele não queria que as patas cheias de lama dos cachorros estragassem suas roupas.

Daniel recuou e olhou para mim.

— Tudo bem, então, já que estamos sendo sinceros, eu acho que você tem de deixar seu cabelo crescer. Esse estilo de menina travessa está... bem, um pouco ultrapassado agora.

Eu me senti magoada. Gostava do meu cabelo curto. Todo mundo gostava. Paola disse que combinava com meus traços do rosto e deixava as minhas maçãs em destaque. E ninguém nunca havia me dito algo negativo a respeito dos meus modelos. Mas sei que uma parte do aprendizado era aceitar a crítica, então decidi ser uma garota de mente aberta e escutar o que ele tinha para falar. Afinal, ele fazia moda havia mais tempo do que eu.

Ele tirou as roupas da cama e pendurou-as no encosto da cadeira. Depois, escolheu um CD da minha mesa, colocou no rádio e se sentou sobre a cama, para folhear a última edição da *Vogue*. Sentei na ponta da cama e me virei para olhar para ele. “Eu não tenho mais certeza se gosto de você”, pensei, de repente. Aí, uma outra voz disse: “Você só está de mau humor porque ele não gosta das suas roupas”. Aí, a outra voz disse: “Bem, eu não gosto das dele. Só preto ou branco. Que chato. Arghh”. Aí vamos nós com os gêmeos discutindo.

— Qual é o seu signo, Daniel?

— Câncer.

— É o signo do caranguejo, não é? — eu disse e, não sei por quê, caranguejo e mal-humorado de repente pareceram ótimos sinônimos.



Capítulo 14



Leituras de tarô



— Então, reúna as Bruxas de East Finchley — eu disse, quando nós todas sentamos no quarto da Izzie, prontas para fazer a leitura do tarô.

Ela fez a leitura da Paola primeiro, e não parecia nada boa, nem para mim, que não entendia o significado das cartas.

— Diz que vai haver um período um pouco turbulento para você — falou Izzie, consultando o livro e apontando para uma carta com um coração perfurado.

— Não me diga — gemeu Paola.

— Estou dizendo — provocou Izzie. — Mas não significa necessariamente algo ruim. Só uma época difícil. E a última carta é O Mundo, e essa é sempre boa. Significa que um objetivo vai ser alcançado. Sucesso.

— Ótimo — disse Paola. — Mesmo assim, decidi ser otimista. Quero dizer, Simon é o menino com quem fiquei mais tempo, e ele está indo para a faculdade daqui a algumas semanas. Talvez precisemos esfriar um pouco, para que eu possa sair com vários outros garotos sem que ele sinta que o estou traindo.

Minha mãe diz que há dois tipos de pessoa na vida. Aquelas

que vêm o copo meio cheio e aquelas que vêm o copo meio vazio. Paola é definitivamente o primeiro tipo de pessoa.

As cartas da TJ eram fantásticas. Maioria de Copas, o que o livro traduzia como felicidade emocional; depois a Imperatriz, que Izzie disse que significava um relacionamento feliz.

— Excelente — disse TJ.

A leitura da Izzie foi mais complicada.

— Acho que significa que não tenho certeza sobre qual direção seguir — ela disse, enquanto olhava a imagem e verificava no livro.

— O que você perguntou quando embaralhou as cartas? — indaguei.

— Ben — ela disse. — Está na hora de dar por encerrado, mas, você sabe, não quero magoá-lo.

— Por que você quer terminar com ele? — perguntou TJ.

Izzie encolheu os ombros.

— Não sei, na verdade. Eu ainda gosto bastante dele, mas, sabe, nós somos muito jovens para nos amarrarmos.

— Você parece a sua mãe — eu disse.

— Que os céus não deixem que algum dia eu me transforme na minha mãe — disse Izzie. — Por favor, meu Deus, não. E que tudo o que fazemos sempre gira em torno da banda ou de escrever letras de música. Eu gosto de fazer isso, mas não toda hora. Também quero me divertir.

Eu estava morrendo de vontade de contar a elas sobre meu último encontro com Daniel e perguntar-lhes o que achavam, mas já tinha uma idéia razoável do que Izzie e Paola iam dizer. Izzie seria toda protetora em relação a mim, ia querer telefonar para ele e repreendê-lo; e Paola simplesmente diria: “Dê o fora nele, a vida é curta demais”.

Quando elas desceram para pegar um lanche, eu contei à TJ, em particular sobre o dia anterior.

— Você está certa — ela disse. — Você tem mesmo de aceitar

críticas, mas só se forem construtivas. Seus modelos são fantásticos, e você tem um olho ótimo para cores. Todo mundo gosta de alguma coisa. Aposto que alguns dos melhores estilistas odeiam as peças dos outros, então não significa nada o fato de ele não ter gostado das suas. Tipo, ah, eu não sei os nomes, mas, digamos, aquele que usa cores radiantes?

— Versace.

— É, ele. Aposto que ele não gosta dos mais sutis, que fazem coisas clássicas e simples. Como ele se chama? Aquele que faz uma loção pós-barba?

— Armani, e Versace é ela agora. Gianni levou um tiro do lado de fora de casa há uns anos, e a irmã dele assumiu os negócios.

— Está vendo? — disse TJ. — Você sabe muito sobre o mundo da moda. Eu aposto que ele não sabe disso.

— Todo mundo sabe disso, TJ.

— Sabe? Ah, desculpe. Eu não sou a pessoa certa para falar de moda, sou?

— Sobre deusas, sim; sobre moda, não.

— Mas eu sei que você tem seu estilo próprio e que combina com você, Lucy. Você lembra quando a Paola me deu aquela maquiagem e fez com que eu parecesse uma boneca Barbie? Não era eu mesma. Fez com que eu percebesse que é preciso confiar no próprio julgamento a respeito do que combina com você, e não deixar que os outros lhe imponham suas idéias.

Eu ri. Ela estava certa.

— TJ, talvez você não saiba os nomes, mas eu acho que sabe mais do que imagina.

TJ olhou para mim preocupada.

— Espero que você não se importe de eu perguntar, Lucy, mas... bom, é que... você parece diferente desde que conheceu o Daniel, e eu fico pensando se... se você está se divertindo.

— Sim. Quero dizer, sei que tivemos um pequeno desacerto

quando mostrei a ele os modelos que eu criei, mas, à parte isso, fizemos muitas coisas juntos. Descobri Londres. Nós estivemos em vários lugares.

— Eu sei, mas... você poderia fazer tudo isso com qualquer um... com um professor ou com sua mãe. Quero dizer, você se diverte, você ri? Momentos bobos e momentos sérios quando vocês conversam de verdade, sabe, sobre o que vocês querem e seus planos? Sobre como você se sente?

Isso me fez pensar. Na verdade, nós não tínhamos isso. Ele falava, ou melhor, palestrava. Ele gostava de uma platéia, e eu achava interessantes as coisas que ele tinha para dizer. Mas não, nós não falávamos sobre coisas pessoais, e certamente nunca falamos besteiras. Eu não conseguia imaginar Daniel sendo bobo. Ele fica muito ocupado tentando ser sofisticado, eu disse a mim mesma. Mas é isso que eu gosto nele. Ele é diferente.

— Tudo bem — disse Izzie, voltando com uma caixa enorme de alcaçuzes variados. — Vamos tirar para a Lucy agora.

Paola seguiu-a, carregando uma bandeja cheia de tortillas, batatas Pringles e Coca light.

Izzie me entregou as cartas e pediu que eu as embaralhasse enquanto pensava na minha pergunta.

“O que vai acontecer com Daniel?”, pensei. “O que vai acontecer com Daniel?” Depois, pus as cartas no chão, como a Izzie havia pedido.

— Certo — ela começou. — Hummm. A primeira carta é o Valete de Espadas — ela folheou o livro e leu o que dizia: — Esta carta denota um jovem com uma vontade forte. Ele é muito inteligente, mas pode ser cruel e despreocupado com os sentimentos dos outros.

TJ fez um olhar de cumplicidade para mim.

“Acho que é verdade”, pensei. “Ele não foi muito sensível quando olhou para os meus modelos.”

— E ela está cruzando o Valete de Paus. Outro garoto. Ah, isso é interessante. Hummm, algum tipo de conflito vindo por aí, estou com medo, já que também aparece a carta do Amor.

— Isso é bom, não é? — perguntei.

— Pode ser, deixe eu dar uma olhada — disse Izzie, voltando novamente ao livro. — Diz que você tem uma escolha a fazer, e as outras cartas estão dizendo que você precisa repensar.

Exatamente naquele momento, meu celular tocou.

— Daniel — eu atendi.

— Só checando — ele disse. — O que você está usando?

— Ah, *jeans* e uma camiseta. Só estamos nós aqui.

— Ah, mas nós, estilistas, somos os embaixadores do estilo — observou Daniel, incisivo. — Onde quer que estejamos, seja o que for que estejamos fazendo.

“Ai, que vida”, disse o gêmeo de TPM na minha cabeça. “Quem ele pensa que é? O policial da moda?”

Depois disso, descemos para assistir ao programa *Popstar*, em que as pessoas batalham para se lançar como músicos. Falando em aceitar críticas, pensei, enquanto observávamos alguns dos jurados destruírem a apresentação das pessoas. Mas era engraçado, particularmente a menina que cantou muito desafinado a música YMCA. Aí o Daniel ligou de novo.

— Sinto falta da minha ursinha — ele disse. — O que você está fazendo?

— Assistindo *Popstar* — eu disse.

— Ah, isso é um lixo.

— Não é um lixo — eu disse. — É ótimo.

— Bom, vocês estão obviamente se divertindo, então vou deixar em paz — ele disse, ressentido. — Quando te vejo de novo?

— Tenho de pegar uns cartões de visita para a mamãe em Hampstead amanhã de manhã, então à tarde a gente se vê?

— Ótimo — ele disse. — A gente podia dar uma volta em

Camden.

— Está bom — eu disse. Queria que ele desligasse para que eu continuasse a me divertir com as meninas, vendo as lamentáveis apresentações na TV.

— Ok, estou indo agora. Estou com saudades.

— Está bem — desliguei. “Que seja”, pensei.

— Ele realmente gosta de você, não é? — sussurrou TJ.

Eu fiz que sim com a cabeça. O fato de ele telefonar tão freqüentemente estava começando a me incomodar. Eu me sentia sufocada. Decidi que, na próxima vez que o visse, enfrentaria o problema e conversaria com ele sobre darmos um pouco mais de espaço um para o outro. Afinal, mamãe está sempre dizendo que é preciso trabalhar os relacionamentos e não desistir na primeira turbulência. Eu e Daniel estávamos no começo, e talvez levasse tempo para nos ajustarmos um ao outro.



Capítulo 15



Valete de paus

O sol estava brilhando sem nenhuma nuvem no céu no dia seguinte, quando eu descia a Hamsptead High. Todos pareciam estar curtindo o tempo, vestindo trajes leves de algodão e sentando do lado de fora dos cafês. Peguei os cartões da Rymans da mamãe e decidi perambular pelas lojas. Eu ainda tinha uma hora antes de encontrar Daniel.

Assim que passei em frente ao Café Rouge, na High Street, ouvi alguém chamar meu nome. Olhei para o outro lado da rua e vi Tony acenando para mim. Ele atravessou e veio em minha direção.

— Oi, Lucy — ele disse.

— Oi — respondi, enrubescendo muito. — Como você está?

— Bem. Você ainda vai falar comigo, então?

— Sim, claro.

— Tentei ligar para você...

— Eu sei. É, desculpe...

Tony olhou ao redor.

— Então, o que você está fazendo?

— Não muita coisa — mostrei a sacola com os cartões dentro.

— Só vim pegar isso para a minha mãe, e ia dar uma volta pelas

lojas.

— Então, vamos pegar uma bebida e colocar o papo em dia — ele disse, me dando o braço. — Eu não a vejo há décadas.

Encontramos uma mesa do lado de fora do Coffee Cup; ele pediu uma Coca-Cola e perguntou o que eu queria.

— Groselha — eu falei, pensando: graças a Deus, não tenho de tomar um daqueles expressos de novo.

— Você está bonita — ele disse, quando a garçonete foi embora.

— Você também — eu falei. — Esteve curtindo o sol?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Então, Paola disse que você está com um namorado novo.

— Mais ou menos. E você tem uma namorada nova?

— Mais ou menos — ele disse. — Na verdade, não. Acabou. Mas ela ainda não sabe, eu não sei como dizer a ela... Não, não está rolando.

— Por quê?

Tony tremeu e fez uma cara de bobo.

— Você me conhece, eu não sou muito de grandes relacionamentos. Você sabe, o mundo dos casais. E ela, bem, ela está um pouco cansativa, se você me entende. Sempre querendo me ver, tipo, todos os dias, e sempre ligando, querendo saber o que estou fazendo.

— Muito pegajosa?

— É, eu sinto que ela está dominando a minha vida.

— É — eu disse.

— Então, e como estão as coisas entre você e o... qual o nome dele?

— Daniel — eu encolhi os ombros. — Não sei ao certo. Quero dizer, estava ótimo no começo, fantástico, mas... Não sei, é muito cedo para dizer. Na verdade, é a mesma coisa. Ele quer uma bolha para o casal, só nós dois no lugar. Não sei se eu gosto disso.

Tony olhou para mim com carinho.

— Mas nós nos dávamos bem, não é?

— Sim, é verdade — sorri de volta para ele. — E me desculpe se tive uma reação exagerada quando você... você sabe, naquela noite em Highgate. Espero que possamos ser amigos.

Tony colocou a mão dele sobre a minha.

— Pode apostar. Sempre. Vou falar uma coisa para você, vamos ser como Hugh Grant e Elizabeth Hurley. Eles costumavam namorar e ainda são bons amigos.

— É — eu disse. — Mas você pode ser a Liz e eu o Hugh.

Tony riu. Eu tinha me esquecido como era fácil lidar com ele. Divertido. Não como o Daniel, pensei. Tudo era tão denso com ele. E tão sério.

— Então esse sujeito é pegajoso, é? — disse Tony, parecendo satisfeito.

— É. Sempre querendo saber o que estou fazendo, aonde vou. Sinto como se ele estivesse sempre me vigiando.

— Como aquele garoto lá — disse Tony. — Ele está olhando para você. Você tem um admirador.

Olhei na direção para a qual Tony estava olhando e meu coração parou. Era o Daniel. E ele não parecia estar feliz.

Eu fiz sinal para que ele se aproximasse. Os gêmeos concordaram com a cabeça.

— Sente-se — eu disse. — Junte-se a nós.

Daniel moveu os pés e pareceu relutante.

— Bem, eu já estava de saída — disse Tony, levantando-se.

Ele se inclinou e me deu um beijo na bochecha.

— A gente se vê, Lucy — aí ele me deixou, mas, quando estava se afastando, virou e fez um cara de “agora você está encrencada, garota”.

Ele estava certo. Daniel tomou seu lugar e olhou para mim de um jeito acusador.

— E aí? — ele disse.

— E aí o quê? — perguntei.

— Explicação?

Eu não gostei do tom dele.

— Pelo quê?

— Você disse que ia fazer um favor para sua mãe, e eu a encontro de mãos dadas com um garoto.

— Nós não estávamos de mãos dadas. Bom, não exatamente. Tony é um amigo. Eu não o via fazia um tempo e estávamos pondo a conversa em dia.

— Não parecia isso de onde eu estava — disse Daniel, mal-humorado. — Parecia que vocês estavam envolvidos um com o outro.

— Eu trombei com ele quando saí da Rymans — eu disse, pensando: “Por que estou tão na defensiva?” — Não estava acontecendo nada.

— É, está tudo bem — disse Daniel.

— Você quer saber? — eu disse, levantando-me — você pode pensar o que quiser.

Daniel pegou minha mão e me puxou de volta.

— Não, desculpe. Não vá, Lucy. É que, bem, parecia que você estava se divertindo com ele.

— Eu estava — eu disse. — Mas somos amigos, é isso. Você acha que pode confiar em mim ou algo do tipo?

— Acho que quero você só para mim — disse Daniel, dando uma risadinha. — E quem pode me culpar? Acho que fico com ciúmes.

— Bem, não há necessidade.

— Não há necessidade, desde que você prometa nunca mais vê-lo.

— O quê? De jeito nenhum. De qualquer forma, ele é o irmão da Paola. Eu vou vê-lo sempre que for à casa dela. Agora você vai dizer para mim que não posso mais ir lá?

— Não, mas talvez eu deva ir com você da próxima vez.

Eu me levantei de novo.

— Você quer saber, Daniel? Eu acho que não está dando certo com a gente. Eu não gosto de pessoas me falando o que fazer a toda hora. E não gosto de ter que me explicar quando sou completamente inocente. Meus amigos significam muito para mim. E Tony se incluiu entre eles. E, se você não gosta disso, sinto muito, porque não podemos ficar mais juntos.

E, com essa frase, eu o deixei sentado lá, boquiaberto. “Rá”, pensei. “Vamos ver o que seu manual de estilista perfeito diz sobre isso.”



Capítulo 16



Os que dão o fora e os que levam o fora



Em vez de ir para casa, liguei para Izzie. Ela estava ensaiando com Ben perto de Highgate e ficou feliz de ter uma desculpa para fazer uma pausa.

— Paola acabou de ligar também. Eu disse que encontraria com ela em meia hora, no Raj — ela disse.

No caminho para me encontrar com ela, comecei a repensar a relação com Daniel. Teria eu sido muito precipitada? Má? Cruel? Tinha acabado de terminar com o melhor garoto que eu poderia encontrar? Eu esperava que Izzie me fizesse sentir melhor a respeito disso tudo, já que fora a minha primeira experiência de dar o fora em alguém.

Assim que Izzie apareceu no Raj, contei a ela o que tinha acontecido na semana anterior. Foi um alívio ter falado com ela livremente, e eu lhe falei tudo — como ele tinha sido quando fora até a minha casa e o que tinha acabado de acontecer em Hampstead.

Ela parecia chocada.

— Como ele pôde dizer isso do seu cabelo e das suas peças?

Você é fantástica. Eu até entendo, ele sente ciúmes, pois ele vê que você tem mais talento do que ele tem no dedo mindinho dele.

— De qualquer forma, eu acabei de terminar o namoro com ele — eu disse.

— Ótimo — disse Izzie. — Que cara bizarro. Ele é como um valentão emocional, um cara que fica te intimidando. Que cara dominador. Mas você está bem?

Eu confirmei.

— Acho que sim. Não sei. Quero dizer, em alguns dias, nós nos divertimos muito. Talvez eu não devesse ter sido tão dura com ele. Você sabe, com o tempo, talvez eu conseguisse mudá-lo.

Izzie discordou.

— Minha mãe sempre diz que só é possível mudar um homem quando ele é bebê.

Eu ri.

— Acho que sim. Eu estava começando a sentir que eu não tinha espaço.

— E como aquela piada — disse Izzie. — Garotos são como cachorros: dê-lhes um pouco de afeto e eles seguem você por toda parte.

— E, está bom, então — eu disse.

Izzie pareceu pensativa. Nunca é fácil ser a pessoa que dá o fora. Você se sente horrível.

— Você já contou para o Ben?

— Não. Mas vou fazer isso em breve. Estou angustiada com isso há dias. Eu não sei o que vou dizer. Não existe um jeito fácil, existe?

Eu pensei no modo como eu tinha falado com o Daniel.

— Tente: “Nós vamos ter de terminar”. Isso diz tudo.

— Acho que sim — disse Izzie tristemente. — Eu odeio ter de fazer isso.

— É. Bem, é tipo, eu acho que tomei a decisão certa — eu disse

—, mas me sinto cruel.

— Eu também — suspirou Izzie —, e eu ainda nem disse isso a ele.

Naquele momento, Paola chegou e se jogou no banco.

— Eu acabei de levar o fora — ela anunciou. — Simon deu o fora em mim. Em mim. Em mim.

— Por quê? O que aconteceu?

— Eu sabia que ia acontecer — ela disse. — Eu falei para vocês que eu sabia. Ele disse que gostava muito de mim, blablablá, e que esperava que pudéssemos ficar amigos, blablablá, mas, porque ele estava indo para a faculdade, ele achou uma boa idéia estabelecer uma separação honesta, já que se trata de um novo capítulo para ele, blá, blá, e que relacionamentos à distância nunca funcionam. Blablablá, blablablá.

— Você está muito triste? — perguntei.

— Por causa de um garoto? É claro que não. Eu não ligo — ela disse, e depois caiu em lágrimas, fazendo com que uma mulher na mesa ao lado olhasse com preocupação. — Eu gostava dele, de verdade, Lucy.

— Eu sei que você gostava, Paola. E eu sinto muito. Posso fazer alguma coisa? Pegar alguma coisa para você?

Ela balançou a cabeça.

— Eu vou ficar bem. Desculpe. Desculpe. É que eu nunca levei um fora antes.

Eu fui me sentar junto a ela e pus meu braço em seu ombro.

— É o dia da “primeira vez” para nós duas. Eu acabei de terminar com Daniel.

Isso pareceu alegrá-la.

— Sério? Ótimo — ela disse. — Eu sei que só o vi uma vez, mas eu não gostava dele. Eu posso dizer isso agora, não posso?

— Você pode. Você pode dizer o que quiser.

Ela enxugou as lágrimas e ensaiou um sorriso.

— Então, aqui estamos nós, a que levou o fora e a que deu o fora.

— E a Izzie está prestes a se juntar à fila — eu disse.

— Ben? — disse Paola.

Izzie confirmou.

— Garotos — ela disse. — Quem precisa deles?

— É — disse Paola tristemente —, quem?

“O que está acontecendo hoje?”, eu pensei, quando fui para casa mais tarde. Deve ser algo das estrelas. Na verdade, estou surpresa de que a Mística Izzie não tenha captado alguma briga entre os planetas, ou algo que está mexendo com todos os nossos horóscopos.

Todos pareciam estar mudando ou rearranjando o amor da vida deles. Mesmo meu irmão Lal foi afetado, e é preciso muito para que ele mude, ainda que seja somente para mudar suas meias.

— O que está acontecendo com você? — perguntei, quando apareci com a cabeça no quarto dos garotos e o vi se jogando sobre a cama como um herói trágico, com a mão sobre a testa.

— Você não entenderia — ele disse, e se virou de costas para mim.

— Experimente — eu disse. Não era normal para ele ficar um pouco para baixo e, embora ele fosse a maior parte do tempo um chato, ele ainda era meu irmão.

— Eu quero ficar sozinho — ele murmurou.

Entrei e sentei na beirada da cama.

— Terminei o namoro com o Daniel — eu disse, numa tentativa de conquistá-lo. Normalmente, ele não resistia às fofocas sobre a minha vida amorosa e a das meninas. Dizia que era bom saber.

Lal sentou-se.

— Está vendo, é isso, não é? Você terminou com o Daniel.

Outro pobre garoto, sujeito aos caprichos e às fantasias de vocês, garotas.

Essa não era a reação que eu esperava.

— O que você quer dizer?

— Garotas — ele se lamentou. — Não se pode viver com elas e não se pode matá-las. Você pode colocar isso numa das suas camisetas.

— Qual é o seu problema? — perguntei.

— Nada — ele disse. — Garotas. Ou melhor: sem garotas. Às vezes, não é justo, sabe. Vocês garotas é que dão as cartas, e a nós, garotos, só resta aceitar.

— Ei, o que aconteceu com a Lista do Beijo? — perguntei, notando que não havia nada atrás da porta.

— Está na lata de lixo — ele disse.

— Por quê? Eu pensei que você estava ganhando.

— Eu estava. Mas qual é o objetivo? Nenhuma daquelas garotas que eu beijei significou coisa alguma para mim.

— Mas eu achei que fosse esse o objetivo. Sem laços, sem comprometimento, somente diversão. Achei que era essa a sua filosofia.

— Para ver o quanto você não sabe de nada — ele disse.

— Tudo bem, então qual é a sua filosofia?

Lal suspirou.

— Eu não posso dizer a você. Você vai rir, ou contar para as suas amigas.

— Confie em mim — eu disse. — Eu não vou contar pra ninguém.

Lal sentou-se.

— Bem, tem essa garota. Uma garota que eu realmente curto. Quero dizer: curto demais. Eu acho que ela pode ser A Garota.

— Bem, isso é bom, não é? Você finalmente se apaixonou por alguém.

— Não finalmente. Eu gosto dela há anos, mas é como se ela nem notasse que estou no planeta — ele disse. — Ela nem me olha duas vezes.

— Então, faça com que ela note você.

— Você acha que eu não tentei? Não deu certo. Ela nunca olhou para alguém como eu, ela está bem longe do meu grupo.

Ele parecia tão triste, sentado ali. Eu queria poder fazer algo para que ele se alegrasse.

— Ei, não desista. Isso não combina com você. Talvez eu possa ajudar. Eu a conheço?

Lal balançou a cabeça.

— Não... Sim. Quero dizer, não.

— Vamos, fale. Quem é?

Lal balançou a cabeça novamente.

— Não posso dizer. Está vendo, vocês... vocês garotas... vocês são tão seguras de si mesmas. Você, suas amigas, todas as garotas, vocês não percebem como é difícil para nós, garotos. Vocês podem nos destruir com um olhar ou um comentário que acham inteligente ou engraçado, e nós devemos todos dizer: “Oh, não tem problema, rá, rá, pode rir de mim, tá?”

Mas eu já agüentei o suficiente. Meu ego está despedaçado. Minha vida acabou. Não há outra garota além dela, e ela nunca vai me dar um pinga de atenção. É por causa disso que eu rasguei a Lista do Beijo. Eu estou a fim dessa menina há anos. Anos. Achei que se ela visse como sou popular com as outras meninas, ficaria curiosa e se interessaria por mim. Mas acho que ela nem sequer notou. Então, qual é o objetivo? Beijar um monte de garotas só para provar algo a mim mesmo, que eu sou “apaixonável”, que as garotas não resistem a mim? Qual é o objetivo quando a menina que realmente importa consegue resistir a mim? Eu devo ser invisível

para ela.

Uau, pensei. Ele gosta muito dela.

— Não pode ser tão impossível. Quero dizer, você é um garoto bonito, divertido. Quem persevera sempre alcança. Vamos lá. Quem é?

Ele olhou para o chão e depois para mim, esperançoso.

— Paola.

Meu Deus, pensei, ele está certo. Sem chance. Sem chance. Ele não tem a mínima chance com ela. Ai, pobre Lal. É difícil ser um garoto. Pobre Lal. Pobre Daniel. E pobre Ben — ele vai ficar assim em breve.



Capítulo 17



Bolhas de casais



Daniel não estava disposto a desistir facilmente.

Segunda-feira, ele enviou as flores brancas mais lindas. Por meio de um florista adequado também.

Na terça-feira, outro ursinho de pelúcia e um cartão dizendo: “É para ele fazer companhia para a ursinha, caso ela esteja sozinha”.

Quarta-feira, ele telefonou.

— Vamos pelo menos nos encontrar, Lucy. Por favor. Nós não podemos acabar assim.

No final, eu concordei. Eu teria me sentido má se não tivesse feito isso. Ninguém nunca tinha me mandado flores antes, nem mesmo Tony, e senti que ao menos eu devia escutar o que ele tinha para falar.

— Tudo bem — eu disse —, mas eu vou até você.

Ele estava esperando por mim na estação Chalk Farm e, como de costume, estava vestido de preto, sua característica. Trazia um buquê de frésias. Foi estranho vê-lo novamente. Mesmo que poucos dias tivessem se passado, ele parecia diferente. Ou eu o estava vendo

de maneira diferente. Sem dúvida, ele estava bonito, mas, dessa vez, senti que a atração tinha desaparecido.

— Oi — ele disse, e pegou minha mão.

— Oi — eu disse, e tirei minha mão.

— Ah, não faça assim, Lucy — ele disse, e me deu as flores.

— Daniel, você não pode ficar me dando coisas. Quero dizer, é muito amável da sua parte, mas...

— Eu queria trazer flores para você. Eu quero estar com você. Para fazê-la feliz. Eu sinto muito pelo outro dia. Eu estava fora de mim. Podemos tentar mais uma vez? Começar de novo?

Mas eu sabia que tinha acabado e balancei a cabeça.

— Sinto muito, Daniel.

— Mas por quê? Foi por causa da forma como reagi quando vi você com aquele garoto? Desculpe. Eu fico com ciúmes. A maioria das garotas ia gostar disso.

Como eu podia falar “não” para ele gentilmente?

— Não é você, sou eu. Eu quero... quero dizer, eu não quero... quero dizer, eu não sou... lembrei-me do que Tony tinha dito. — Eu não gosto de ter grandes relacionamentos. Quero dizer, eu acho você amável...

Daniel ficou sério.

— Eu sei exatamente o que você está dizendo, Lucy. Eu não sou burro. A escolha é sua. Há muitas outras garotas que gostariam muito de ter a chance de namorar comigo.

“Ótimo”, pensei. “Deixe que tenham.”

Ele alcançou minha mão de novo.

— Uma outra chance? Eu realmente acho que nós temos algo especial.

Eu balancei a cabeça.

— Desculpe, Daniel. Mas... mas espero que possamos ficar amigos — argh. Eu estava determinada a não usar esse clichê antigo, mas escapou.

— É — suspirou Daniel. — Nós todos sabemos o que isso significa.

— Não, eu estou falando sério, nós ainda poderíamos nos falar e mesmo nos ver outras vezes, mas como amigos.

— E, tá bom — ele disse.

Eu me senti muito desconfortável, enquanto nós dois ficamos lá parados, olhando para a calçada. Eu não conseguia pensar em nada mais para dizer, e ele parecia ter ficado de mau humor.

— Bom, é, áhn... Tenho de ir — eu disse finalmente.

— Claro — ele disse, e abaixou a cabeça. Enquanto eu ia embora, ele ficou lá me olhando. Eu me senti a Rainha da Maldade.

— O que aconteceu, Lucy? — mamãe perguntou, quando cheguei em casa mais tarde.

Sentei-me na mesa da cozinha e apoiei a cabeça nas mãos.

— Relacionamentos — eu disse. — Eles são um problema.

Mamãe riu.

— O que aconteceu desta vez? Pensei que tudo estava indo muito bem. Nós mal a vimos durante dias, semanas.

— Acabou. Virou história. *C'est fini*.

Mamãe se sentou ao meu lado.

— Ah, Lucy, sinto muito. Você levou um fora.

— Não, eu dei o fora nele.

— Ah — disse mamãe. — Então, qual é o problema?

— Nada disso vale a pena. De qualquer forma, o amor machuca. Eu me sinto má, a Paola levou o fora e se sente mal. Izzie quer terminar com Ben, mas está preocupada em magoá-lo. E mesmo Lal, ele está apaixonado por alguém que nunca vai querer ficar com ele.

— Paola — disse mamãe.

— Como você sabia?

— Você quer dizer que nunca percebeu como ele age quando ela está por perto?

— Achei que ele agia dessa forma perto de garotas.

Mamãe balançou a cabeça.

— Não, ele gosta de verdade dela.

— Pobre Lal — eu disse. — Ele não é o tipo dela.

— Eu sei — disse mamãe. — É duro ver isso. Eu odeio vê-lo sofrendo, mas não posso fazer com que ela goste dele. O que você pode fazer?

— Comprar um cachorro, como a TJ fez — eu disse.

Mamãe riu de novo.

— Nós já temos Ben e Jerry. Não sei. Acho que não adianta eu dizer isso a você, mas vou fazê-lo de qualquer jeito. Vocês são jovens. Haverá outros para todos vocês. Há muitos peixes no oceano.

— Não — eu disse. — Não adianta.

Mamãe pôs a mão sobre a minha.

— A vida pode ser dura, às vezes, Lucy, não importa de que lado você esteja. É preciso muita coragem para terminar com alguém. Algumas pessoas permanecem em relacionamentos ruins durante muito tempo depois de selarem compromisso, pois têm medo de encarar as repercussões, mas é uma boa lição a ser aprendida. Às vezes, você tem de ser cruel para ser gentil, especialmente se não está funcionando. Se não está certo, não está certo. Por que você terminou com o Daniel?

Eu encolhi os ombros.

— Não sei. E como se eu não conseguisse ser eu mesma com ele. Tipo, ele queria que eu fosse outra pessoa, e eu estava tentando me transformar nessa pessoa, mas eu me sentia como um peixe fora d'água, sabe? Eu não achava que a gente combinava. Você se lembra daquele dia em que você disse que, quando a pessoa certa aparecesse, você poderia ser você mesmo com ela, ser natural?

Mamãe confirmou.

— Mas você só tem catorze anos, Lucy. A Paola também. E Lal só tem quinze anos. A vida continua, garotos e garotas vão e vêm. Às vezes, as coisas vão dar certo, outras, errado. O principal é ser verdadeiro consigo mesmo, com o que você sente.

— Bom, a Paola se sente horrível. E o Lal também.

— Bom, como eu disse, nem sempre é fácil. E, embora soe estranho dizer isso, todos vocês serão mais compreensivos por causa disso. Paola nunca tinha levado um fora, tinha?

Eu balancei a cabeça.

— Bem, não machuca estar do outro lado das coisas; quero dizer, eu sei que machuca, mas isso lhe dará mais perspectivas e compreensão. Os garotos rastejam por ela, então talvez o fato de ter levado um fora faça com que ela seja mais gentil com eles. É difícil para os garotos, às vezes.

Eu confirmei.

— Foi o que Lal disse.

— E Lal. O mesmo para ele. Ter uma queda muito forte por uma pessoa que não sente a mesma coisa talvez faça com que ele tenha mais cuidado com as garotas que gostarem dele no futuro. Ele teve a parte justa da fila de garotas atrás dele no passado, e eu o vi agindo de forma um pouco insensível com uma ou duas delas.

— É, eu também — eu disse. — Eu já o vi dando fora em meninas antes e achei que ele estava sendo horrível, mas agora sinto que eu o julguei mal de certa forma. Eu achei que ele fosse um rato insensível, mas o que ele estava realmente tentando fazer era provar que era atraente, pois ele se sentia inseguro.

— Exatamente — disse mamãe. — Todas essas experiências são partes da rica tapeçaria da vida.

— É — eu disse. — Eu acho. Mas por que as coisas não podem ser perfeitas? E sermos todos felizes. Eu odeio ver as pessoas tristes.

Mamãe apertou minha mão com força.

— E isso é o que a faz ser a Lucy. Você pode se sentir má

porque terminou com Daniel, mas mostra que tem um coração, e é isso o mais importante. Você se importa com as pessoas mesmo sem poder mudar a situação. Você tem de ouvir algumas das histórias que alguns dos meus clientes me contam sobre seus relacionamentos. Algumas são de corações partidos, e tudo o que eu faço é escutar e deixar que eles saibam que estou lá para eles. É tudo o que você pode fazer pela Paola. E Lal.

— É — eu disse. — E Lal.

Encontrei TJ, Izzie e Paola no Ruby para jantar mais tarde naquela noite.

— Ah, não — disse TJ. — Agora eu é que sou a excluída. Izzie vai terminar com o Ben e você terminou com o Daniel. Eu sou a única com namorado.

Paola abriu um sorriso largo.

— Dê tempo ao tempo.

— Cínica — disse Izzie, dando um soco no seu braço. — Não liga, TJ. Você e Steve são lindos juntos. E, pelo menos, ele gosta de fazer várias coisas diferentes.

— É — disse TJ. — E nós dois temos dias em que cada um faz suas próprias coisas. Ele não é... ele não precisa estar comigo o tempo todo.

— Esse é o segredo — eu disse e olhei para o cardápio. — Quero dizer, eu sei que não tive muitos relacionamentos, mas já estou aprendendo. Tipo, todas nós fizemos a mesma coisa, exceto TJ, é claro. Nós todas entramos em bolhas de casais e paramos de ter contato umas com as outras e com o mundo, como se nada mais existisse.

Paola suspirou.

— E, mas você não consegue evitar quando realmente gosta de alguém.

— Mas deve haver um equilíbrio — eu disse. — Você vê o garoto, mas você ainda vê suas amigas. Você faz algumas coisas com

o garoto, algumas com as suas amigas e outras sozinha.

— Acho que sim — disse Paola.

— Vamos lá — eu disse. — Vamos ser otimistas. Vamos celebrar nossa liberdade recém-descoberta e pedir algo para comer. Toda essa história de dar o fora e de levar o fora me deixou morrendo de fome.

Eu e TJ pedimos uma tigela grande de batatas amassadas com molho amargo e *chili*. Paola pediu uma baguete quente de frango com molho de amendoim e Izzie pediu vegetais e um *kebab halloumi*.

— Ao que resta das férias — disse Paola, depois que a garçonete pegou nossos pedidos.

— É, e à solteirice — eu sorri. — É tão estranho. Eu costumava ser, tipo, “oh a vida é tão ruim porque não tenho namorado”, e agora me sinto bem por isso. Tipo, eu sou livre, ninguém para me dizer o que fazer ou quem eu posso e não posso ver. Nunca mais.

— Ah, não — disse Paola, quando um garoto particularmente bonito entrou e olhou para ela. — Você nunca deve dizer nunca. Nem todos os garotos são como o Daniel, Lucy. Ele era muito possessivo. Eu fico feliz por você ter se imposto diante dele, no final.

— Está certo — eu ri. — Eu nunca vou dizer nunca, então. Mas eu digo: às minhas amigas. Olhe como tudo mudou desde o começo das férias, mas aqui estamos todas, ainda juntas. Os garotos podem entrar nas nossas vidas...

— Ah, assim espero — interrompeu Paola, quando o garoto que olhou para ela se sentou na mesa ao lado. — Cuidado, garotos: Paola está de volta à ativa.

— Como eu dizia — continuei — garotos podem ir e vir nas nossas vidas. Às vezes, teremos namorado, às vezes não, mas nós sempre teremos umas às outras. Então, eu digo: às amigas.

— Ah, ela é tão meiga — provocou Izzie. — Ursinha.

— Ursinha — falaram juntas TJ e Paola, e riram.

— Caíam fora, cabeças-ocas — eu disse. — Mas é verdade, as

amigas sempre têm umas às outras. Eu proponho celebrarmos apropriadamente. Vou perguntar à minha mãe se podemos fazer uma festa na sexta-feira. Uma festa proibida-para-namorados. Só pode ir quem for solteiro.

Paola fechou a cara.

— Sem garotos? Você tem certeza?

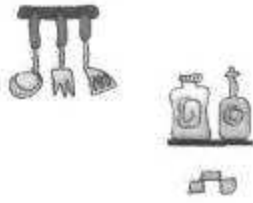
— Sim, Paola, tenho certeza. Todas nós somos tão diferentes quando há garotos por perto. Vamos tirar uma noite de folga deles. Podemos convidar algumas meninas da escola.

— É — disse Izzie. — Será fantástico passar um tempo só com as garotas.

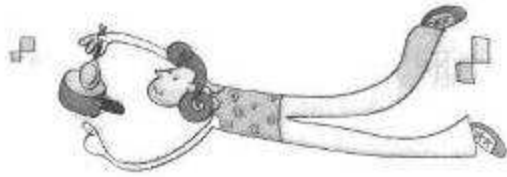
— Então está combinado — eu disse. — Vou perguntar à minha mãe.



Capítulo 18



Hora da festa



Mamãe não podia acreditar quando, afinal, eu cumpri minha promessa de cozinhar para a família. Ela concordou em me deixar dar a festa, então liguei para as pessoas e descobri a comida preferida delas em época de Problema no Relacionamento. Fiz um teste antes, para garantir que ia ser perfeito:

Menu da festa:

Porção de doritos e salsa

Batatas de forno

Pizza

Salsichas

Barras de chocolate

Sorvete (sortido, muito)

— Essa brincadeira de cozinhar é bem simples, sério — eu disse, enquanto tirava as batatas do forno e as colocava sobre a mesa.

— Ê — disse mamãe —, em especial quando você compra comida pronta para servir e coisas do gênero.

— Ê — disse Steve. — Para sua informação, na verdade, as batatas vêm com casca e você tem de tirá-la.

— Ah, ah — eu disse. — Mas batatas de forno têm uma aprovação alta no *ranking* de popularidade dos convidados; e eu não diria que você está incomodado, vendo que já comeu três de uma só vez.

— Eu acho que é melhor todas vocês conseguirem um namorado rápido — disse papai, servindo-se — ou todos nós vamos ficar gordos como porcos.

— Mãe, a Lucy pode cozinhar todas as noites a partir de agora? — perguntou Lal, com a boca cheia de batatas e catchup.

— Não — disse mamãe. — Todas essas coisas pré-cozidas podem ter um gosto bom, mas não são muito saudáveis. Você sabe o que eu digo: você é o que você come.

— Nesse caso, você é uma bela pizza — eu ri, quando notei que ela tinha limpado o prato e já se servia pela segunda vez.

Eu e as meninas nos vestimos na minha casa na noite da festa e ficamos muito tempo fazendo as unhas e a maquiagem uma da outra. Decidimos nos produzir, mesmo que não fosse haver nenhum menino lá. Fizemos isso por nós mesmas, por pura diversão, já que, às vezes, vestir-se é a melhor parte da festa. Era bom sair com as meninas de novo, e Paola parecia estar mais animada, apesar do fora recente. Pela primeira vez em semanas, eu me sentia como eu mesma. Calma por dentro, estável, em vez da montanha-russa das emoções.

— Ser solteira é bom — concluí, enquanto via Paola rolando pelo chão, tentando fechar o zíper de seu *jeans* incrivelmente justo — , especialmente quando se tem boas amigas.

Eu havia pensado cuidadosamente no que fazer na Grande Noite. Queria que todo mundo se divertisse muito, com muitas coisas para fazer. Odeio essas festas chatas, em que as pessoas ficam em grupos só conversando e se olhando. Meu plano era: um pouco de

dança, um vídeo para assistir enquanto comíamos (*O Diário de Bridget Jones*, é claro), depois jogos e, talvez, mais dança.

Quando todas estavam prontas, pensei que seria melhor dar uma notícia sobre a festa que eu ainda não havia contado. Eu tinha convidado um garoto.

— Ähn, só uma coisa antes de descermos — eu disse. — Vocês sabem que esta é uma festa de solteiros?

As garotas todas confirmaram.

— Bem, com isso quero dizer que não são só “solteiras” do sexo feminino, certo?

— Não — disse Paola, olhando para mim, desconfiada.

— Eu convidei um garoto — eu disse. — Apenas um.

— Tony — disse Paola. — Ah, Lucy...

— Não, Tony não — eu abri um sorriso.

— Ah, não o Daniel — exclamou Izzie. — Não acredito que você voltou com ele.

Eu balancei a cabeça.

— Não...

Naquele momento, bateram, e a porta do quarto abriu. As garotas começaram a rir. Uma figura amável e feminina apareceu perto da porta usando meu sutiã inflável por cima da camiseta e uma das perucas *hippies* da caixa de fantasias da mamãe.

— Oi — disse Lal. — Eu sou a Lalita.

— Ele é uma garota honorária da noite — expliquei. Sei que seria um sonho tornado realidade para ele ficar numa casa cheia de garotas, e eu realmente queria animá-lo. Achei que iria ajudá-lo a superar seu amor pela Paola não correspondido.

Ele sacudiu-se pelo quarto, sentou-se na cama e cruzou as pernas graciosamente.

— Então — ele fez bico, abrindo os dedos —, o que vocês acham? Esmalte rosa ou roxo?

Meia hora depois, algumas convidadas começaram a chegar. Gabby, Jade, Mo e Candice, da escola; Amy, que mora ao lado da Izzie e tinha acabado de terminar com o namorado; e a prima de segundo grau da TJ, que nunca teve namorado e estava muito feliz de vir comemorar sua solteirice.

— Música para as solteironas — disse Amy, mostrando-nos sua mochila cheia de CDs. Ela colocou um no aparelho de som e logo estávamos todas dançando *Survivor*, da Destiny's Child, depois cantamos *All by Myself*, da Celine Dion, no último volume das nossas vozes. Após mais alguns CDs, Izzie, Lal e eu servimos a comida e sentamos no chão da sala de estar para assistirmos ao *Bridget Jones*. Eu me senti muito relaxada de estar lá só com amigas. Sem ter de me preocupar com o que aconteceria ou como as coisas iam acontecer; com o que aquele garoto disse, ou não disse; com quem aquele garoto estava dançando e quem ele queria beijar. Sem expectativas, sem desapontamentos. Notei que todas sentiam o mesmo.

— Então, o que nós vamos jogar? — perguntou Izzie, quando os letreiros começaram a passar depois do filme.

— Nós podíamos brincar a brincadeira da garrafa, mas com penalidade em vez de beijo — eu disse. — Quem girar a garrafa determina a penalidade, e para quem a garrafa apontar, tem de fazer.

Todos pareceram gostar da idéia, então Paola encontrou uma garrafa e se colocou a postos. Nós todas sentamos em círculo no chão e começamos. Era engraçado, já que todo mundo queria aproveitar a oportunidade para levar a amiga a fazer papel de boba. Izzie fez TJ representar a Madonna, e, quando foi a vez da TJ, ela pediu para a Izzie imitar uma cobra bêbada. Candice pediu a Paola para fazer uma estrela e Paola pediu a Candice para correr para o jardim e cantar o hino nacional o mais alto que ela conseguisse.

Eu tinha uma idéia para quando chegasse a minha vez. Girei a

garrafa devagar para a esquerda e, conforme planejado, parou na Paola.

— Então, Paola — eu disse — todas aquelas reclamações sobre não ter meninos na festa... Como sua amiga, eu tive de ouvir o que você realmente queria, então a sua penalidade é... beijar meu irmão Lal no *hall*.

Paola olhou para Lal, que estava contendo a respiração. Ela levantou uma sobrancelha.

— Você acha que ele agüenta? — ela perguntou.

— Vou arriscar — ele disse.

Parecia que todos os Natais tinham vindo de uma só vez quando ela parou, pegou a mão dele e levou-o para fora da sala.

Depois de alguns minutos, ele entrou e teve de se sentar no sofá para se recuperar. Eu juro que havia estrelas e planetas saindo da cabeça dele.

— E quanto a você e Tony agora? — perguntou TJ, enquanto levávamos alguns dos pratos para a cozinha.

Eu encolhi os ombros. Ele tinha telefonado de manhã, provavelmente esperando ser convidado para a nossa festa. Foi estranho, porque, no final da ligação, ele parecia hesitante. Perguntou se podíamos voltar aonde havíamos parado no começo das férias. Eu contei para TJ.

— E o que você disse?

— Eu disse que não podia. Quero dizer, voltar onde havíamos parado no começo das férias? Toda aquela dúvida? Não, obrigada. Eu teria agarrado aquela chance, mas tanta coisa tinha acontecido desde então... desde a minha carta para ele, desde o Daniel. Eu senti que precisava de algum tempo para pensar nas coisas... para repensar o que queria. Voltar para onde eu estava no começo do verão, aos altos e baixos e à dúvida sobre o que tinha acontecido com o Tony?... Se eu dissesse “Tudo bem, vamos ficar juntos de novo”, quanto tempo duraria? Eu sei como ele é. Ele fica entediado, e o que

seria de mim? De volta para a montanha-russa. Eu não tenho certeza se gostaria de passar por tudo isso de novo. Ainda não.

— Parece uma decisão muito sábia — disse TJ. — Sem pressa.

— É, sem pressa — eu disse. — Nós podemos ser amigos, com certeza, mas eu simplesmente não quero compromisso.

— Parece que vocês foram feitos um para o outro.

Eu ri e a segui de volta para a sala de estar, onde algumas garotas da escola estavam pedindo para Izzie se levantar e cantar. Primeiro, ela estava relutante, depois sorriu.

— Falando nisso, eu estive trabalhando numa nova música...

Todas começaram a bater os pés e a gritar:

— Izzie, Izzie, Izzie.

— Tudo bem. — Esta é para as solteironas. — ela disse. Fechou os olhos por alguns segundos e começou a cantar com aquela sua voz adorável, de veludo.



Eu era um barco quebrado
com velas esfarrapadas
Agora, águas calmas acenam para mim
Deitada sob o sol quente, espreguiçando-me,

sentindo-me livre
Esperando um vento novo e uma onda na minha proa
Desejando um arco-íris, seguindo a minha estrela,
Saudando meu novo mundo,
eu vou viajar para longe
Flutuando sobre as águas, indo com a correnteza
Reservei uma passagem para amanhã com
ninguém mais como companhia
Flutuando sobre as águas, indo com a correnteza

Dei uma olhadela para TJ e ela sorriu de volta. Ir a favor da corrente, pensei. É, isso parece bom para mim.

Livros da série Galeras e Paqueras

Galeras, Paqueras & Sutiãs Infláveis



Um momento decisivo é exatamente o que Lucy NÃO quer. Tudo está mudando ao redor dela, e de repente exigem que ela tome toda espécie de decisões.

Todos sabem quem são e o que querem ser, menos Lucy.

Izzie ficou amiga da glamourosa Paola, e Lucy não tem *certeza de* gostar desse novo trio de amigas. Paola e Izzie parecem ter 16 anos, mas Lucy, aos 14, pode facilmente passar por uma garota de 12 anos.

Mas então, no dia em que Lucy vê o garoto mais fofo de todos atravessando a rua, as coisas começam mesmo a mudar — em todas as áreas da vida dela...

Galeras, Paqueras & Beijos Cósmicos



Izzie é legal, brilhante e ousada. E, quando ela encontra o maravilhoso Mark, fica nas alturas.

Ele é divino. E gosta dela!

Mas por que ele não liga quando diz que vai telefonar?

Izzie passa o tempo lendo seu horóscopo, aflita e triste, tentando entender o sentido das coisas. E fica em casa, no caso de ele ligar. Quando ela perde a esperança e o senso de humor, suas melhores amigas, Lucy e Paola, tentam lhe dar um banho de realidade. Mas há certas coisas que seria melhor não

ouvir...

Galeras, Paqueras & Princesas Descoladas



Paola encontrou o garoto perfeito: bonito, divertido, meigo. Mas há problemas também. Simon vem de um ambiente rico e de classe alta — com um estilo de vida para combinar —, e é difícil para Paola acompanhar. E há também a amiga de Simon, Joan. A rainha do gelo.

Não sendo do tipo que desiste fácil, Paola está determinada a impressionar seus novos conhecidos, mas se descobre longe de conseguir isso. Por sorte, ela tem Lucy e Izzie para ajudá-la a reavaliar o que realmente importa...

Galeras, Paqueras & Segredos de Pijamas



Theresa Joanne (TJ para as amigas) está tendo um ano difícil. Primeiro, sua melhor amiga se muda para longe, depois sua colega de classe Wendy parece ter ficado com raiva dela. TJ nunca se sentiu tão sozinha. Além disso tem o problema com os garotos. Eles a tratam como uma amiga e nunca parecem perceber que ela é uma garota. Quando Lucy se torna amiga de TJ, as coisas começam a melhorar. Mas será que Paola e Izzie também irão aceitá-la? Elas a deixarão entrar no mundo de segredos de pijamas, risadas e conselhos? Elas podem ajudar TJ a ser ela mesma e a descobrir seu real potencial?

Galeras, Paqueras & Pequenos Pecados



Izzie está inquieta, ansiosa para ser tratada como uma adulta. Então ela decide que é hora de fazer algumas mudanças. Mas com a nova Izzie vêm novos problemas. Primeiro, há Josh Harper, um garoto mais velho, bonito, mas selvagem. Depois, há sua mãe, que é contra tudo o que faz parte da “nova Izzie”. E então há uma noite na casa de Paola, quando Izzie decide fazer uns drinques...

No processo, Izzie aprende um bocado sobre si mesma e o que significa ser crescida — mas não antes de ter irritado quase todo mundo no caminho.

Galeras, Paqueras & Charme Poderoso



Paola está desolada. Ela tem de usar aparelho. E acha que nenhum garoto vai olhar para ela de novo sem pensar nas mandíbulas assassinas no filme *Tubarão*. Lucy, Izzie e TJ tentam ajudá-la a entender que seu visual não mudou e que, de qualquer forma, é sua personalidade esfuziante que conta. Mas Paola não está convencida. As coisas mudam, no entanto, quando ela conhece Luke, que não só restaura sua confiança no seu poder de atração, mas também apresenta a ela todo um novo lado de sua personalidade.

Galeras, Paqueras & Doces Vinganças



Quando Luke, o garoto que Paola estava namorando, declara um amor ardente por TJ, ela não sabe o que a atingiu. Faz o máximo para evitá-lo, mas, quando se pede às escolas locais para trabalharem juntas num projeto, Luke é escolhido como coordenador-geral, e TJ não tem outra opção senão se reportar a ele regularmente. Enganos e problemas de comunicação ameaçam a amizade das garotas e as dividem em dois grupos. Lucy e Paola. Izzie e TJ. Será que o relacionamento delas irá sobreviver a isso? E o que irá o namorado firme de TJ, Steve, pensar disso tudo?

Esta obra foi digitalizada e revisada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure:

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>

Fiquei observando Daniel se afastar. Ele não parou de se virar para trás e acenar para mim até desaparecer ao virar a esquina. Um momento depois, meu celular acusou uma mensagem de texto dele.

- Estão vendo o que eu quero dizer? Ele é tão meigo.

Paola dirigiu a Izzie um daqueles "olhares".

Elas estavam falando de mim, pensei. Você não anda com suas amigas tanto tempo como eu faço sem aprender a sacar coisas que não estão sendo ditas.



Lucy parece estar numa situação difícil. Todo mundo tem namorado, menos ela, e, por ter colocado Tony em segundo plano, ele encontrou outra pessoa. Então, num final de semana num "spa" com Izzie, Lucy conhece alguém que parece ser seu par ideal. E ele se sente do mesmo jeito em relação a ela. Mas, depois de um tempo, Lucy começa a se sentir sufocada. Pode alguém amar você demais? Talvez a vida de solteira não seja tão ruim, afinal.



Galeras, Paqueras &:

Sutiãs Infláveis
Beijos Cósmicos
Princesas Descoladas
Segredos de Pijama

Solteiras Felizes
Pequenos Pecados
Charme Poderoso
Doces Vinganças

ISBN 85-06-04700-5



9 788506 047002

*"Ficção para adolescentes
escrita de maneira intensa."
Publishing News, Inglaterra*